



# PUC RIO

AMERICA ADRIANA BENEDIKT

MEMÓRIA DE ESQUECIMENTO: UMA EXPERIÊNCIA DE TEMPO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

ABRIL DE 1992

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

**Cl. Cham. 150 B463m TESE UC**  
**Autor Benedikt, America Adriana.**  
**Título Memoria de esquecimento**



Ex.2 PUC-Rio - PUCB

00057939

America Adriana Benedikt

**MEMÓRIA DE ESQUECIMENTO : UMA EXPERIÊNCIA DE TEMPO  
EXERCÍCIOS SOBRE LEMBRANÇAS, REMINISCÊNCIAS E/OU  
FANTASIAS EM FREUD E PROUST**

Dissertação apresentada ao departamento  
de Psicologia da PUC/RJ como parte dos  
requisitos para obtenção do título de  
Mestre em Psicologia.

Orientadora : Anna Carolina Lo Bianco

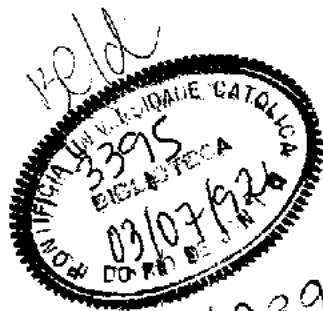
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, abril 1992

UC37765-8

37459



57939

150

0463m

RESERVE

*ex J*

A meus pais  
A meus filhos

Agradecimentos :

\_ A Fábio Penna Lacombe, em quem sempre encontrei acolhimento tanto na esperança como na angústia ;

\_ A Chaim Samuel Katz, Mestre, amigo, pelo apoio, estímulo, mas, principalmente, pela sua coragem de ser ;

\_ A Joel Birman, Mestre, que, com sua generosidade, me trouxe o gosto de aprender como oferenda ;

\_ A Jurandir Costa, Mestre, que, com sua ética, tanto me guiou e acompanhou como me fez caminhar sozinha ;

\_ A Claudio Ulpiano, Mestre, que me trouxe o gosto por pensar de forma diferente ;

\_ A Anna Carolina Lo Bianco e Otávio de Souza, por terem sido interlocutores de um diálogo, às vezes mudo, às vezes solitário, mas sempre em busca de um amigo ;

\_ A Josaida Gondar, amiga, ouvinte, com quem compartilhei tanto dúvidas e temores como novos caminhos ;

\_ A Monique Augras, que me acolheu com seu apoio ;

\_ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela ajuda financeira recebida durante o curso e a Fundação de Amparo ao Ensino e a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pela ajuda financeira fornecida para a conclusão da tese ;

\_ A Jorge L. Fernandes Paulo, cuja ajuda e empenho tornou possível a impressão desta tese ;

\_ A Verinha, que nem tem idéia do quanto seu carinho foi

importante ao longo destes anos ;

- A Julia, que com sua cotidiana presença, tornou possível o que se pensou, uma vez, impossível : a conjugação do trabalho de mãe, dona-de-casa, profissional e sempre curiosa ;

- A Hugo , Minuche, Rosane, Virgínia, Ricardo, Zé, Marisa , Edú, Pedro e Cesinha , pelo gosto de estar junto ;

- A Lalá, Marion , Marilu , Gigi , amigas de uma vida ;

## R E S U M O

Esta tese tem como objetivo o estudo das relações entre o esquecimento e a memória.

A partir de uma compreensão das faculdades de **MEMÓRIA** e de **IMAGINAÇÃO** como atividades de criação e não de reprodução, propomos uma re-interpretação dos conceitos freudianos de "reminiscência" e de "fantasia".

Para esta re-interpretação, nos baseamos na experiência da Memória Involuntária de Marcel Proust e na experiência do Tempo como Duração/Invenção de Henri Bergson.

A partir destas referências, propomos pensar as relações entre esquecimento e a memória como uma "Experiência de Tempo" no interior da qual, passado e presente, individual e coletivo se mesclam, produzindo histórias e narrativas.

Estas histórias e narrativas trariam em si um misto de instensidade e signos; e se expressariam na cena analítica, como lembranças/reminiscências e/ou fantasias.

Deste modo propomos pensar as lembranças/reminiscências e/ou fantasias como **FORMAS DE PRODUÇÃO PSÍQUICA** que, não poderiam ser inscritas no universo das representações e que somente poderiam ser pensadas a partir do conceito de **REPETIÇÃO**.



## Résumée

Cette thèse a comme objectif l'étude des relations entre l'oubli et la mémoire.

A partir de la compréhension des facultés de Mémoire et d'Imagination comme des activités de création et non pas de reproduction, nous proposons une re-interprétation des concepts freudiens de "réminiscence" et de "fantasme".

Pour cette re-interprétation, nous nous sommes basés sur l'expérience de la Mémoire Involontaire de Marcel Proust et sur l'expérience du Temps comme Durée/Invention de Henri Bergson.

A partir de ces références, nous proposons de penser les relations entre l'oubli et la mémoire comme une "expérience de Temps" à l'intérieur de laquelle, passé et présent, individuel et collectif se mélangent, en produisant des histoires et des récits.

Ces histoires et ces récits trahiraient en eux-mêmes des intensités et des signes ; et ils s'exprimeraient dans la scène analytique comme des souvenirs/réminiscences et/ou comme des fantasmes.

Ainsi, nous proposons de penser les souvenirs/réminiscences et/ou fantasmes comme des FORMES DE PRODUCTION PSYCHIQUE que ne pourraient pas être inscrites dans l'univers des représentations et que pourraient uniquement être pensées à partir du concept de répétition.

## SUMARIO

1 - INTRODUÇÃO .....	1
2 - EXERCÍCIOS SOBRE A REPRESENTAÇÃO, IMAGINAÇÃO E A MEMÓRIA .....	16
3 - HISTERIA E A MEMÓRIA DE ESQUECIMENTO	
3.1 - A HISTERIA E A IMPOSSIBILIDADE DE ESQUECIMENTO.....	54
3.2 - CHARCOT E A HIPNOSE .....	65
3.3 - BERNHEIM E A SUGESTAÇÃO .....	78
3.4 - ENTRE CHARCOT E BERNHEIM .....	85
3.5 - REPRESENTAÇÃO TRAUMÁTICA REMINISCÊNCIA OU LEMBRANÇA .....	116
4 - AS REMINISCÊNCIA HISTÓRICA: CRIAÇÃO OU REPRESENTAÇÃO?	
4.1 - FREUD E A CATARSE .....	127
4.2 - AS LEMBRANÇAS E O TEATRO PRIVADO .....	133
4.3 - QUE AFETO É ESTE? .....	140
5 - AS INTENSIDADES E AS REPRESENTAÇÕES: ENCONTRO OU CONFRONTO	
5.1 - O ENCONTRO COM AS INTENSIDADES: FORÇA E SIGNOS .....	147
5.2 - MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EXPERIÊNCIA DE SI COMO EXPERIÊNCIA DE TEMPO .....	150
5.3 - O CONFRONTO COM AS INTENSIDADES: A SEXUALIDADE .....	152
5.4 - ESQUECIMENTO E REPETIÇÃO: RECALQUE E REPRESENTAÇÃO .....	158
6 - CATARSE E PSICANÁLISE : CRIAÇÃO OU ORDENAÇÃO? .....	164
7 - EXERCÍCIO SOBRE LEMBRANÇA, REMINISCÊNCIA E FANTASIA .....	170
8 - UM POUCO DE TEMPO EM ESTADO PURO OU FORA DO TEMPO .....	189
9 - HISTÓRIAS E NARRATIVAS : A EXPERIÊNCIA EM BENJAMIN .....	207
10 - CONCLUSÃO .....	220
11 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	224

" Se converter-se a si é afastar-se das preocupações com o exterior, dos cuidados com a ambição, do temor diante do futuro, pode-se, então, voltar-se para o próprio passado, compilá-lo, passá-lo em revista e estabelecer com ele uma relação que nada perturbará (...)

E a experiência de si que se forma nessa posse não é simplesmente a de uma força dominada, ou de uma soberania exercida sobre uma força prestes a se revoltar; é a de um prazer que se tem consigo mesmo. Alguém que conseguiu, finalmente, ter acesso a si próprio é, para si, um objeto de prazer. Não somente contenta-se com o que se é e aceita-se limitar-se a isso, como também "apraz-se" consigo mesmo."

Michel Foucault  
"O cuidado de si"

## 1 - INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo primordial ,o estudo das relações entre o esquecimento e a memória a partir de uma experiência que estamos denominando de experiência de tempo<sup>1</sup>.

O que estamos denominando de experiência de tempo seria uma experiência de si ,no interior da qual ,passado e presente,individual e coletivo ,inconsciente e consciente ,se mesclam,produzindo histórias e narrativas que trariam em si ,tanto uma dimensão de signo ,como uma dimensão das intensidades .

Estas histórias e narrativas ,seriam produtos de um ato de criação e se expressariam tanto na criação artística, como na vida cotidiana e se apresentariam particularmente na cena analítica ,através de lembranças/reminiscências e/ou fantasias.

Estas lembranças e/ou fantasias que surgem na cena analítica estão sendo compreendidas aqui como formas de produção psíquica , que buscariam ,incessantemente ,transpor os limites colocados pela "representação " enquanto faculdade de pensamento e de conhecimento .

Seria assim, neste sentido ,isto é ,face aos limites da

---

O conceito de experiência (ERFAHRUNG) está sendo aqui considerado segundo a formulação de Walter Benjamin (1985), que contrapõe a experiência a vivência individual privada (ERLEBNIS) típica do homem moderno. A experiência de tempo estaria sendo pensada no interior de um contexto em que o tempo não se apresenta como uma sucessão de presente, passado e futuro mas como um fluxo contínuo e criativo, a duração

representação e de sua falência no pensamento moderno<sup>1</sup> que recorreríamos ao conceito de Repetição para pensar estas formas de produção psíquicas.

Como Repetição estamos compreendendo aqui uma força essencialmente produtora de diferenças, sempre considerada como repetição diferencial, na medida em que o próprio Mesmo já seria um produto da diferença.<sup>2</sup>

Esta dimensão da vida humana<sup>3</sup>, isto é, os limites da "representação" e da própria FALA, para conter em si as intensidades que, constantemente nos atingem — sejam vindas do mundo externo, sejam vindas de nosso próprio "mundo interno" — sempre se constituiu em uma tensão jamais superável, no interior do discurso freudiano — e, em qualquer outro discurso.

Ao longo de uma história do pensamento nos moldes que nos propõe Foucault, isto é, enquanto uma história das diferentes

---

1. Gilles Deleuze nos sugere que, "o primado da identidade, seja qual for a maneira pela qual esta é concebida define o mundo da representação. Mas o pensamento moderno nasce da falência da representação, assim como da perda das identidades, e da descoberta de todas as forças que agem sob a representação do idêntico. O mundo moderno é o dos simulacros. Nele, o homem não sobrevive a Deus, nem a identidade do sujeito sobrevive à identidade da substância. Todas as identidades são apenas simuladas, produzidas como um "efeito" ótico por um jogo mais profundo, que é o da diferença e da repetição (Deleuze, 1988, 16).

2. Clement Rosset (1989) em "Lógica do Pior", nos definiria a repetição diferencial como o "retorno de um elemento diferente a partir de uma intenção do mesmo" (1989, 75).

3. Com Hanna Arendt, diríamos: esta "condição humana" que remeteria à uma experiência do tempo, não poderia jamais ser traduzida em palavras. Em Platão, esta experiência, denominada "experiência do eterno" seria indizível (arrheton) enquanto em Aristóteles era "sem palavras" (anem logou), isto porque, esta experiência, diversamente da experiência do imortal, não corresponderia a nenhuma atividade humana nem poderia nela se converter, "visto que até mesmo a atividade do pensamento, que ocorre dentro de uma pessoa através de palavras, é obviamente não apenas inadequada para propiciar tal experiência mas interromperia e poria a perder a própria experiência." (1983, 29)

problematizações que constituem o pensamento<sup>1</sup>, observa-se , a partir do século XIX ,o surgimento de uma nova episteme <sup>2</sup>, que inauguraria uma "maneira moderna de conhecer " (Foucault, 1981, 265 ).

Esta maneira moderna de conhecer estaria marcada pela "impossibilidade , trazida à luz no final do século XVIII , de fundar as sínteses no espaço da representação " (Foucault, 1981, 265) deslocando - a , assim , para o espaço dos seres. Na medida em que a representação perde o seu poder de estabelecer a partir de si mesma os vínculos que poderiam unir os diferentes elementos que a compõe e que estes transpõe-se , assim, para um espaço , de agora em diante, exterior à própria representação , ou seja , na medida em que se rompe este espaço da ordem comum às coisas e às representações , ocorre que :

"...haverá coisas , com sua organização própria , suas secretas nervuras , o espaço que as articula , o TEMPO que as produz ; e, depois , a representação , pura sucessão temporal , onde elas se anunciam sempre parcialmente a uma subjetividade , a uma cons-

-----

1. Em Foucault podemos observar a busca de construir uma história de pensamento que ao operar um descentramento fundamental , teria como objetivo a constituição de uma história do pensamento que buscaria fazer diferenças, constitui-las como objetos , analisá-las e definir o conceito de tais diferenças. Uma história do pensamento que se constituiria a partir de práticas , não mais concebidas como um sistema de signos mas como atos nos quais se formam sistematicamente os objetos aos quais elas se referem. E se formam a partir das problematizações que os constituem. O discurso torna-se , assim, algo mais do que os signos que ele utiliza para designar as coisas na medida em que ele não só designa, mas problematiza (Foucault, 1981, 63, 64).

2. Por " episteme " estamos compreendendo aqui , não uma forma de conhecimento ou um tipo de racionalidade típicas de uma época , mas um "conjunto de relações que podem unir , em uma época dada , as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas , as ciências , etc " (Foucault, 1981, 232). Estas práticas discursivas estariam , por outro lado , vinculadas a um FAZER que se torna ele mesmo objeto da história e que se singulariza a cada momento da história . Seria assim que, para Foucault , as coisas não passariam de "objetivações de práticas determinadas", ligadas a um FAZER constante e não a algo já feito (Veyne, 1982, 164)

ciência ,ao esforço singular de um conhecimento ,ao indivíduo "psicológico " que , do fundo de sua própria história ,ou a partir da tradição que se lhe transmitiu ,tenta saber. A representação está em via de não mais poder definir o modo de ser comum às coisas e ao conhecimento . O ser mesmo do que é representado vai agora cair fora da própria representação "(Foucault,1981,255)(os grifos são nossos).

Esta questão é da maior importância para o nosso trabalho, isto porque acreditamos que seria exatamente a partir deste acontecimento, a introdução do TEMPO e, com ele, de uma "analítica da finitude" no interior da episteme dita moderna<sup>1</sup>, que se instaura a condição de possibilidade para que este pensamento possa trazer para si , a sua própria finitude e impossibilidade enquanto pensamento .Ou seja ,para que o pensamento , ele mesmo possa pensar a sua própria impossibilidade de tudo pensar, a existência de um impensado no interior do próprio pensamento e dele constitutivo.

Este acontecimento ,como nos propõe Foucault seria contemporâneo do surgimento do homem enquanto um "duplo empírico-transcendental "isto é , " ...um ser tal que nele se tomará conhecimento do que torna possível todo conhecimento ." (Foucault,1981,334)

Ou seja ,para Foucault ,

" O homem e o impensado são ,ao nível arqueológico<sup>2</sup>,

---

1. Isto é, no conjunto de relações que, em uma época dada, unem as diferentes formas de pensar entre si.

2. Ou seja ,a nível do À PRIORI histórico destas diferentes formas de saber.

contemporâneos .O homem não pôde desenhar-se como uma configuração na episteme ,sem que o pensamento simultaneamente descobrisse ,ao mesmo tempo em si e fora de si [...],um impensado " (Foucault,1981,342).

Um impensado que teria acompanhado o homem e seu pensamento a partir do século XIX , presente em Hegel,Schopenhauer, Husserl,e mais especificamente em Nietzsche ,Marx e Freud .Este impensado se expressaria ,no pensamento ,na forma de um duplo no qual o homem e o saber se projetariam.

Isto porque "...esse duplo ,por próximo que seja ,é ESTRANHO ,e o papel do pensamento ,sua iniciativa própria ,será aproximá-lo o mais perto possível de si mesmo ; todo o pensamento moderno é atravessado pela lei de pensar o impensado ." (Foucault,1981,343)

Seria assim possível situarmos o pensamento freudiano no interior desta nova maneira de conhecer ,na medida em que estamos considerando que ,ao longo de toda sua obra ,a questão do Tempo e da finitude,e com ela ,os temas do duplo ,do estranho e do impensado ,se colocariam como questões cruciais , sempre insistentes e persistentes ,em sua elaboração.

Em verdade , estamos tomando como ponto de partida a idéia de que ,esta nova maneira de conhecer se expressaria ,no interior do pensamento freudiano a partir da tensão , dele constitutiva , entre a pulsão e o universo das representações \_ ou ainda,entre as intensidades e as "representações".

Seria assim que ,ao longo de toda sua obra ,teórica e clínica , Freud teria se debatido , de forma incansável ,com este tema ,adotando, em diferentes momentos ,com idas e vindas,



avanços e recuos , duas perspectivas básicas de como pensar esta questão, a perspectiva representacional e a perspectiva repetitiva:

- A perspectiva propriamente "representacional " seria aquela; na qual a questão da tradução das diferentes quantidades, excitações e/ou intensidades, enfim, da pulsão, sob a forma da representação se colocaria como possível e, acima de tudo, desejável .

A própria idéia de CURA se fundaria a partir desta possibilidade de tudo representar e atribuir sentido . Nesta perspectiva, curar seria essencialmente , tornar consciente o que até então era inconsciente , ou seja , fornecer uma representação a algo que até então apenas se expressara como um efeito da pulsão.<sup>1</sup>

Esta concepção vai se expressar , inclusive , no próprio conceito de Inconsciente que vai ser definido a partir de 1915, como um espaço psíquico , um sistema , no interior do qual , as representações dos objetos apenas se inscrevem enquanto representação-coisa , que "...consiste no investimento de energia, se não das imagens diretas da memória da coisa , pelo menos de traços de memória mais remotos derivados delas " (Freud, 1915a, 229) .

A diferença entre a representação pré-consciente e

---

1. Para Freud , a pulsão, que é um conceito que se situa na fronteira entre o somático e o psíquico, apenas pode se inscrever no psiquismo sob a forma de seus representantes psíquicos , ou seja, o representante-afetivo e o representante representacional da pulsão . O próprio psiquismo aqui, seria definido como um campo no interior do qual as pulsões apenas poderiam se inserir já inscritas no universo da representação . Como nos afirma Joel Birman , "A ordem psíquica propriamente dita se constitui no plano da representação , figurando a única forma de existência capaz de regular as "excitações" corporais , que, de outra forma, seriam uma fonte permanente de desprazer" (Birman, 1991, 95)

representação inconsciente vai residir ,precisamente no fato de que ,esta última não possuiria nenhuma ligação com a representação-palavra que lhe seria correspondente .O recalque seria o mecanismo psíquico responsável por esta ruptura entre representação-coisa e representação -palavra ,incidindo exatamente na ligação entre as representações. (Freud, 1915 a ,230)

Os processos de pensamento ,por outro lado ,seriam definidos como "atos de investimento de energia que se acham relativamente desvinculados da percepção " (Freud,1915a,230),sem nenhuma qualidade e inconscientes. Seria somente através de sua ligação com "os resíduos de percepções de PALAVRAS "(Freud,1915a,231) que eles poderiam se tornar conscientes .Esta concepção de pensamento já se acha formulada em muitos outros escritos ;aparece em um primeiro momento no "Projeto"(1895),e é retomada em "A Interpretação de Sonhos"(1900) e em "Dois Princípios de Funcionamento Mental "(1911).

\_ A segunda perspectiva seria mais propriamente repetitiva e poderia ser definida como sendo marcada por uma descrença na possibilidade de inscrição das intensidades ,ou da pulsão no universo das representações.Esta perspectiva pode ser observada, na obra freudiana ,principalmente a partir de dois momentos diferenciados: um de 1888 à 1897, período inicial da experiência freudiana, e outro, de 1920 até o final de sua obra, período em que Freud formula a idéia da pulsão de morte.

\_ O primeiro momento ( mais ou menos de 1888 a 1897 ) é o que nos interessa mais diretamente em nosso trabalho. Seria o

período inicial da experiência clínica freudiana, quando ele se defronta, de um lado, com as hiper-intensidades presentes, mais particularmente na histeria; de outro lado, com os diferentes métodos e/ou técnicas de investigação e de terapia. Seria o momento de sua aproximação com Charcot, Bernheim, Breuer. Momento privilegiado da histeria.

Trata-se de um período especialmente rico para a teoria psicanalítica, não só porque é o momento histórico de sua formação mas, mais especificamente, pelo fato de que, foi neste período que se gestaram formulações básicas para a sua constituição enquanto teoria, a saber: a questão da sexualidade como motivo fundamental do recalque; a própria noção de recalque que surge, em 1894, em um texto intitulado "As neuro-psicoses de defesa", inicialmente, como uma defesa (nas histerias de defesa); a noção de trauma como fator desencadeante da neurose; a noção de posterioridade como um dos modos do Tempo de que se trata em Psicanálise, e o próprio advento das FANTASIAS, que vão nos interessar mais de perto, enquanto núcleo da realidade psíquica<sup>1</sup>.

Mas, acima de tudo, seria a partir de seu confronto com as intensidades, que teria sido possível para Freud, formular a questão de uma "quantidade" interna ao próprio corpo do sujeito, face à qual o psiquismo se colocaria em uma relação de dependência fundamental. Destas intensidades, não haveria como fugir. Consideramos que, seria possível detectarmos aqui o surgimento da idéia de pulsão, embora somente em 1905, com os

---

1. A noção de "realidade psíquica" não nos remeteria à idéia de um psiquismo em geral, definido a partir da psicologia da consciência, mas, como nos propõe Birman, "...o locus que se constitui em torno do recalque primário e por seus efeitos" (Birman, 1987, 163)

"Tres ensaios sobre a Sexualidade", é que foi possível a sua formulação como um conceito.

Como mencionado, haveria um outro momento, caracterizado pelo surgimento das fantasias de espancamento (1919), da pulsão de morte e da compulsão à repetição (1920), do ID (1923) e do masoquismo originário (1924), no qual não nos deteremos aqui embora não seja possível deixar de o assinalarmos.

Assim sendo, gostaríamos de propor aqui, uma idéia que consideramos simples, fácil de compreender, ou seja, a idéia de que o pensamento se faz a partir de esquecimento e de memória.

Só podemos pensar efetivamente quando esquecemos alguma coisa, seja o que os outros disseram sobre aquele mesmo tema, o que as nossas percepções imediatas nos dizem através dos sons, das imagens visuais que nos atingem incessantemente \_ mesmo e, talvez, ainda mais, quando pensamos. Até mesmo nossos desejos mais inquestionáveis, a fome, a sede, a sexualidade propriamente dita; podem ser vistas como um esquecimento que vai muito além do nosso próprio pensamento pois nos atinge de forma visceral, esquecemos de nossas dores e prazeres para nos encontrarmos em apenas um prazer maior, o de pensar.

Por outro lado, sem reter, fixar e/ou conservar algo em nosso pensamento, nenhuma produção ou até mesmo qualquer criação seria possível. Uma idéia tem o seu fio, uma trama na qual ela se enreda e se constrói; talvez ela possa ser comparada a uma aranha enredada em sua própria teia buscando inventar em si mesma, a mosca ...

Para pensar, também precisamos lembrar: lembrar o que alguns

outros já disseram sobre aquele mesmo tema e sobre tantos mais a ele relacionados; fixar nossa percepção imediata no próprio ato de pensar. Implica, assim, quase uma arte, a arte de selecionar e da distinção :

\_ o que lembrar e o que esquecer , o que perceber e sentir , o que pensar .

Esquecer seria, assim, a capacidade de pensar de forma diferente, de escolher um caminho ainda não percorrido, mas que conserve em si, toda a multiplicidade dos diferentes passados, ou do passado .

De algum modo, tanto o esquecimento como a memória têm a sua história. Não a história das representações ou idéias sobre as suas relações ;nem a história dos comportamentos acerca do tema.

Mas, a história que nos interessa aqui seria a história das relações entre o esquecimento e a memória e de sua problematização. Uma problematização que podemos encontrar já em Platão, na medida em que o elegemos, a princípio, como nosso solo fundador .

Distinguir o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, a essência e a aparência, o inteligível e o sensível, o Modelo e a Cópia, a Idéia e as Imagens, as Cópias e os Simulacros, não deixam de ser pretensões relativas ao procedimento de " pensar ", na medida em que, pelo método da divisão e da seleção se supõe possível esquecer o falso, o mal, o aparente, da ordem do sensível, e apenas nos lembrarmos das Idéias Verdadeiras, do Bem, das Essências Inteligíveis.

Gilles Deleuze, em " Platão e o Simulacro" nos lembra que

estas distinções não seriam equivalentes pois a efetiva distinção se daria "entre duas espécies de imagens" (Deleuze, 1974, 262), as cópias e os Simulacros, ou ainda ,entre as cópias-ícones, imagens que guardariam uma relação interiorizada de semelhança com a Idéia-Modelo original, e os simulacros-fantasmas, imagens sem semelhança, isto é, sem nenhuma relação com Modelo algum.

O objetivo platônico seria, assim, segundo Deleuze,

" selecionar os pretendentes, distinguindo as boas e as más cópias ou antes as cópias sempre bem fundadas e os simulacros sempre submersos na dessemelhança. Trata-se de assegurar o triunfo das cópias sobre os simulacros, de recalcar os simulacros de mantê-los encadeados no fundo , de impedi-los de subir à superfície e de se "insinuar" por toda parte " (Deleuze, 1974, 262).

Seria, assim, que a dualidade das cópias/simulacros nos levaria à uma outra, esta sim fundadora na medida em que seria a distinção entre Idéia e Imagem que estaria na base das demais dualidades.

" A grande dualidade manifesta , a Idéia e a imagem , não está aí senão com este objetivo: assegurar a distinção latente entre as duas espécies de imagens , dar um critério concreto. Pois, se as cópias ou ícones são boas imagens e bem fundadas, é porque são dotadas de semelhança. Mas a semelhança não deve ser entendida como uma relação exterior : ela vai menos de uma coisa a outra do que uma coisa a uma Idéia , uma vez que é a Idéia que compreende as relações e proporções constitutivas da essência interna. Interior e espiritual , a semelhança é a medida de uma

pretensão : a cópia não parece verdadeiramente a alguma coisa senão na medida em que parece à Idéia da coisa (...). Em suma , é a identidade superior da Idéia que funda a boa pretensão das cópias e funda-a sobre uma semelhança interna ou derivada .” (Deleuze, 1974, 262)

De algum modo , a preocupação de Platão também pode ser descrita como uma interrogação sobre o modo próprio do pensamento se exercer , isto é , pensar. Uma questão de método.

As cópias , ou imagens dotadas de semelhança com a Idéia-Modelo, guardariam em si uma semelhança somente possível de ser pensada na medida em que as almas que as puderam vislumbrar\_ em um instante sempre fugidio , e em um espaço jamais novamente atingível , os Céus do Olimpo \_ guardaram em si a reminiscência, ou seja, a possibilidade de sua rememoração.

Seria, assim, através da Reminiscência, compreendida aqui como a forma através da qual as Idéias Eternas/Modelos se fariam representar no pensamento , que poderíamos , esquecendo os desvios e as demais distorções impostos pelos simulacros-fantasmas , voltar a lembrar, ou seja, distinguir o verdadeiro e o falso, atingir as Essências, em suma, as Idéias Verdadeiras e Eternas .

Ou seja, se é o esquecimento das verdades eternas que marca o mundo da sensibilidade e da experiência, inundado/preenchido pelos mais diversos simulacros-fantasmas \_ expressões dessas imagens marcadas pela não semelhança \_ seria, precisamente, através da Reminiscência, que essas Verdades Eternas poderiam ser novamente alcançadas .

Voltando a nossa questão, de algum modo, seria pela via do esquecimento, que algo como um mundo da diferença seria

possível.... Um mundo da diferença , marcado pelos simulacros ,expressões vivas de um esquecimento mais absoluto pois não traria em si mais nenhuma semelhança com o seu Modelo original.

Uma outra questão parece-nos de importância : ainda segundo a leitura deleuzeana de Platão, o simulacro, isto é, a imagem sem semelhança, incluiria em si "o ponto de vista diferencial " na medida em que o "observador " faria " parte do próprio simulacro, que se transforma e se deforma com seu ponto de vista. Em suma, há no simulacro um devir louco (...) Impor um limite a este devir, ordená-lo ao mesmo, torná-lo semelhante \_ e, para a parte que permaneceria rebelde, recalá-la o mais profundo possível, encerrá-la numa caverna no fundo do Oceano : tal é o objetivo do platonismo em sua vontade de fazer triunfar os ícones sobre os simulacros "(Deleuze,1974,264).

Em alguma medida , é possível reconhecer aí \_ ou atribuir \_ um mesmo objetivo à Psicanálise \_ ou talvez a uma forma possível de interpretar o objetivo psicanalítico \_ quando esta se define como a intensão \_ ou pretensão \_ de ordenar as intensidades \_ ou a pulsão \_ e inscrevê-las no universo da representação .

A Psicanálise \_ ou uma forma de ler a Psicanálise \_ se inscreveria, assim, em um domínio mais vasto, até então reconhecido como específico da filosofia, isto é, o domínio da representação, compreendido aqui como nos propõe Deleuze,

" preenchido pelas cópias-ícones e definido não em uma relação extrínseca a um objeto, mas numa relação intrínseca ao modelo ou fundamento. O Modelo platônico seria o mesmo ..."(Deleuze,1974,264).



Esta não seria uma crítica extrema à Psicanálise, ao formular o objetivo da Psicanálise como sendo o de "ordenar a pulsionalidade no universo das representações" estaríamos trazendo o questionamento filosófico sobre a representação para o próprio cerne da teoria psicanalítica.

Nesse sentido, consideramos que esta é uma leitura possível da obra freudiana e que existem outras. É o que pretendemos demarcar aqui: a partir de uma reflexão sobre um tipo específico de produção psíquica, com o qual Freud recorrentemente se defrontou ao longo de sua prática clínica: as auto-sugestões, as lembranças-reminiscências e as fantasias.

Através desta reflexão, gostaríamos de propor que :

Apesar de Freud estar, do ponto de vista filosófico, circundado e influenciado por visões que defendiam a representação segundo uma visão clássica<sup>1</sup>, a experiência clínica freudiana o levou constantemente \_ e ao longo de toda sua prática \_ a se defrontar com um tipo específico de "acontecimento psíquico" \_ ao qual iremos aqui nos referir como produções psíquicas \_ que colocariam diretamente em questão os limites deste domínio \_ das representações \_ para pensar o próprio psiquismo.

Seria, assim, que gostaríamos de propor tres momentos diferenciados para a realização de nossa investigação :

\_ o primeiro momento se voltaria para uma reflexão sobre as relações entre os conceitos de "representação" , " memória " e de

.....

1. Segundo nos sugere Foucault advogava a idéia de uma transparência perfeita entre a ordem da representação e a dos seres.

" imaginação " ao longo de um esboço de história da problematização destes conceitos no pensamento;

\_ o segundo momento se voltaria para uma reflexão sobre a experiência clínica inicial de Freud e suas investigações sobre a histeria . Nesta fase, se buscaria enfatizar :

(1) a importância das relações entre as representações \_ as auto-sugestões e auto-hipnoses principalmente \_ , as lembranças e/ou reminiscências , e as fantasias tiveram para a construção da teoria e da prática psicanalítica;

(2) a possibilidade de se pensar , a partir destas relações, a existência de um tipo de produção psíquica que, ao invés, de se propor como algo a ser inscrito no universo das representações, vem exatamente testemunhar a impossibilidade desta inscrição ;

(3) a idéia de que estas produções psíquicas remeteriam, assim, muito mais ao domínio da repetição do que ao domínio das representações ;

o terceiro momento se voltaria para uma reflexão mais específica sobre a relação entre as intensidades e o universo das representações ,no interior da própria obra freudiana.

"Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É precisamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro. É só deste modo que somos determinados a escrever. Suprir a ignorância é transferir a escrita para depois ou, antes, torná-la impossível".

Gilles Deleuze

"Diferença e Repetição"

## 2 - EXERCÍCIOS SOBRE A REPRESENTAÇÃO, A IMAGINAÇÃO E A MEMÓRIA

### 2.1- INTRODUÇÃO : PRIMEIRO EXERCÍCIO

Em "As Palavras e as coisas" (1981) Michel Foucault nos chama a atenção para a relação entre a representação, a imaginação e a memória. Segundo ele, a imaginação e a memória seriam instrumentos auxiliares da representação. Seria assim que,

"...pelo poder que tem de se reduplicar (na imaginação e na lembrança, e na atenção múltipla que compara), a cadeia das representações pode reencontrar, por sob a desordem da terra, a superfície sem ruptura dos seres; a memória, a princípio temerária e entregue aos caprichos das representações tais quais se oferecem, fixa-se, pouco a pouco, num quadro geral de tudo o que existe; o homem pode então fazer entrar o mundo na soberania de um discurso que tem o poder de representar sua representação". (Foucault, 1981, 325)

Imaginação e memória surgem, assim, entrelaçadas à representação clássica, marcada pela idéia de uma transparência entre as palavras e as coisas, entre as representações e os seres. Para Foucault,

"...na idade clássica, o discurso é essa necessidade translúcida através da qual passam a representação e os seres quando os seres são representados ao olhar do espírito, quando a representação torna visíveis os seres em sua verdade. A

possibilidade de conhecer as coisas e sua ordem passa, na experiência clássica, pela soberania das palavras: estas não são estritamente nem marcas a decifrar (como na época do Renascimento), nem instrumentos mais ou menos fiéis e domináveis (como na época do positivismo); formam, antes, a rede incolor a partir da qual os seres se manifestam e as representações se ordenam." (Foucault, 1981, 327)

Tomando aqui a representação tal qual ela é definida por Foucault na idade clássica, propomos uma discussão das diferentes relações entre as faculdades de representação, memória e imaginação, ao longo do pensamento.

Não se trata de uma história filosófica destas relações, nem muito menos uma história do pensamento, mas sim da tentativa de problematização destas relações a partir de alguns pensadores que refletiram sobre o tema, notadamente na filosofia.

Com esse objetivo, utilizamos alguns autores básicos como guias, José Ferrater Mora (1982), Jean Starobinski (1970), Jean-Paul Sartre (1987) que, com suas reflexões sobre o tema, muito nos auxiliaram nesta discussão. Entre nós, utilizamos o trabalho de Jurandir Costa (1989).

Em seu "Dicionário de Filosofia", Ferrater Mora nos chama a atenção para o fato de que a Imaginação estaria ligada aos conceitos de representação e de memória, embora seja uma faculdade específica:

— de um lado, vincula-se às representações na medida em que reproduz e/ou combina elementos que foram previamente representações sensíveis; dentro deste contexto, a imaginação estaria sendo compreendida como uma atividade cuja matéria-prima seriam

as imagens que representariam os objetos externos;

\_ de outro lado, vincula-se à memória na medida em que , sem recordar e/ou reproduzir estas representações \_ ou suas combinações \_ não se poderia imaginar ;

Se considerarmos o sentido etimológico da palavra "representação" ,que significa " uma nova apresentação das imagens "(F.Mora,1982,1627),a imaginação \_ tal como é definida acima \_ pode ser considerada como uma representação (FMora,1982,1627).Na medida em que ela, a imaginação, possibilita os diferentes modos de ordenação das "presentações",ela seria uma condição de possibilidade para a própria atividade de representar..

Trata-se assim de uma "imaginação" vista aqui como um modo específico de reprodução das imagens,uma faculdade meramente reprodutora.

Esta concepção de "imaginação" estaria embasada em uma concepção equivalente de "representação",isto é,esta também seria concebida como uma faculdade da ordem de um re-conhecimento ou de uma retomada, sendo definida a partir de seu prefixo RE.

Ou seja, da idéia de algo que retoma alguma coisa anterior.

Teria ,assim, em seu interior ,a idéia de que o mundo das coisas ,da sensibilidade,de alguma forma ,antecipa algo que somente a posteriori seria retomado pelo psiquismo,mente ou alma.Esta retomada se faria através de imagens , também consideradas a partir de sua maior ou menor adequação com o mundo das coisas.

A discussão sobre a "imaginação" estaria assim estreitamente vinculada à concepção de "imagem" em questão.

Ao longo da história do pensamento, sempre segundo Ferrater Mora, seria possível estabelecer uma distinção entre duas concepções de imagem :

a primeira seria defendida pelos epicuristas gregos, psicólogos e filósofos escolásticos, e tende a compreender a imagem como uma reprodução dos objetos externos. Em Epicuro, por exemplo, as imagens eram concebidas como ídolos, isto é, como "representações enviadas pelas coisas aos nossos sentidos" (FMora, 1982, 1625).

Já em Lucrecio, os ídolos eram concebidos como simulacros, isto é, como figuras, effigies, que afetam os sentidos. As coisas enviariam fluxos que nos atingiriam, através dos sentidos, de dois modos: pelas percepções mais finas, como os simulacros, que se refeririam à realidades "mais finas", não-existent, como centauros, quimeras, e pelas percepções "menos finas", que se vinculariam aos objetos existentes e suscitariam as sensações.<sup>1</sup>

Em um fragmento, Lucrecio nos diz que :

"Digo, pois, que são emitidas da superfície das coisas, effigies e representações dessas mesmas coisas que voejam pelos ares. Dever-se-ia dar-lhes o nome de películas ou cascas, pois têm a forma e o aspecto do corpo de que são imagens e do

---

1. Esta concepção de simulacro em Lucrecio foi reinterpretada por Gilles Deleuze em "Lucrecio e o Simulacro", onde ele nos chama a atenção para o fato de que imagem teria aqui, o lugar do próprio objeto. "São os fantasmas, que gozam de grande independência com relação aos objetos e de uma extrema mobilidade, de extrema inconstância nas imagens que formam (uma vez que não são renovados por constantes emissões do objeto). Parece pois que a imagem, aqui, tem o lugar do próprio objeto." (LS, 282)

Neste sentido, a imagem, em Lucrecio, não reproduziria o objeto, mas estaria no próprio lugar do objeto, seria o objeto.

qual emanam para errarem pelo espaço [...]Existem ,portanto ,imagens fiéis das coisas que voejam de um lado para outro,formadas que são de sutil material e que não podem ser tomadas em separado ."(De Rerum Natura,IV,45,citado por Chauí,Marilena,"O OLHAR ",1988,41 ).

Uma segunda concepção,na qual se inserem Henri Bergson (1990) e Jean-Paul Sartre(1987) ,como seus maiores expoentes ,nega a existência das imagens mentais e seu caráter reprodutivo .Se para Bergson ,a imagem é uma coisa, ou seja ," uma existência situada a meio caminho entre a " coisa " e a "representação " (Bergson,1990,1); para Sartre ,as imagens são imagens de alguma coisa .Não será possível aprofundarmos esta distinção ao longo deste trabalho,mas não podíamos deixar de apontá-la.

Retomando nossa discussão.

Ferrater Mora , nos chama a atenção ainda , para uma dificuldade de distinguir ,na filosofia,os conceitos de "fantasia " e "imaginação".Seria,assim que,em seu dicionário ele adota o termo "fantasia" para se referir aos teóricos da Antiguidade e da Idade Média,e o termo "Imaginação" para se referir aos da idade moderna e contemporânea.

Seria, assim, que,o termo grego,phantasia,poderia ser traduzido como "aparição","ação de se mostrar", "espetáculo", "representação".Teria vários verbos a ele relacionados que também trariam em si,esta idéia de "fazer aparecer algo", uma idéia ou uma imagem. Algo da ordem da imaginação ou da representação,que faz algo se figurar,se representar.

A fantasia seria,deste modo,compreendida como uma atividade



da mente por meio da qual se produzem imagens, os chamados PHANTASMATA. Estas imagens, produzidas pelas fantasias surgiriam a partir das representações, ou mais precisamente, seriam os equivalentes das representações.

Assim sendo, no pensamento estóico, notadamente em Crisipo, as representações podiam ser consideradas como sendo de dois tipos, as que eram causadas pelos objetos existentes e que produziam uma imagem correspondente ao objeto, e aquelas que eram causadas pelos objetos de um modo externo e fortuito.

As primeiras, as fantasias catalépticas, trariam em si o sinal da verdade, e seriam consideradas como da ordem da sensação e da evidência, base do conhecimento, enquanto as outras, que não traziam em si qualquer critério de verdade, apenas podiam contribuir para a formação da opinião.

É interessante perceber, nesta concepção dos estóicos, a idéia de um conhecimento que poderia surgir a partir das fantasias consideradas aqui como sensações.

Por outro lado, em Platão, a relação entre a fantasia e a aparição surgiria mais claramente. Isto porque na medida em que a fantasia seria uma representação, produto de um "aparecer", ela se contraporiria ao conhecimento do Ser, das Essências.

As coisas existentes produziriam sombras e reflexos, que seriam representados pelas fantasias. Estas eram consideradas como meras manifestações da ordem da opinião na medida em que produziam como efeitos, apenas imagens sem semelhança com as Idéias Eternas.

Embora em Platão, não se encontre nenhuma teoria sistemática

com relação às fantasias , levando em conta o que foi exposto na parte inicial de nosso trabalho sobre a questão dos simulacros em Platão , propomos algumas considerações a partir do que é denominado como Teoria Platônica da Reminiscência .

Seria assim que , segundo o mito da circulação das almas , tal qual nos é exposto no "Pedro", as almas , em seus passeios aos Céus , teriam contemplado as Idéias Verdadeiras e Eternas e, ao descerem à terra , em sua queda , teriam "esquecido" as Idéias anteriormente contempladas . Nessa medida , as fantasias poderiam ser vistas como produtos de um esquecimento , já que não estabeleceriam mais nenhuma relação com as idéias uma vez vislumbradas . Seriam imagens sem semelhança, ou como nos propõe Deleuze , os simulacros (Deleuze, 1974, 262-264).

## 2.2- A IMAGINAÇÃO E A MEMÓRIA EM ARISTÓTELES :

### SEGUNDO EXERCÍCIO

Segundo a leitura que Ferrater Mora nos propõe ,em Aristóteles , encontramos uma teoria sistemática da fantasia na qual esta não seria identificada nem à percepção , nem ao pensamento . Ainda que exista uma relação necessária entre os tres elementos ,isto é ,não há fantasia sem a anterioridade das sensações ,nem muito menos juízo, sem a prévia fantasia ,existiria uma especificidade da fantasia enquanto elemento constituinte de uma teoria do conhecimento em Aristóteles .

Seria assim que a fantasia se define pelo seu poder de suscitar imagens mesmo quando os objetos que as produziram ,isto é , os objetos-fontes das sensações ,não estivessem mais presentes .

Os produtos das fantasias permaneceriam nos órgãos dos sentidos e seriam semelhantes às sensações ,embora tenham uma diferença específica ,a saber : o fato de que as fantasias podem prescindir da presença dos objetos para existirem ,como ocorre nos sonhos .

As sensações , por outro lado ,estariam em relação direta com a presença dos objetos ,não podendo persistir ou mesmo existir sem esta presença .

Embora as fantasias não sejam meras imagens que substituem as sensações , teriam uma função de antecipação e , neste sentido ,adaptativa . Seriam " representações em potência ou "idéias" atualizáveis por meio das percepções " (FMora,1982,1128), capazes de "suscitar " e combinar representações e de dirigir deste modo,

no sentido adaptativo , uma parte da vida humana \_ basicamente a " potência apetitiva" a que se refere Aristóteles ,ou seja ,a potência que orienta os movimentos humanos em direção a algo previamente desejado. Neste segundo sentido ,a fantasia ou imaginação estaria presente tanto no homem como nos animais .

Seria assim , a partir de sua teoria do conhecimento , que seria possível uma maior compreensão das relações entre a "representação" , a imaginação e a memória , no interior de seu pensamento.Em seu livro ,"Del Anima " , Aristóteles nos coloca que existem duas características que diferenciam a alma ,a saber : o movimento no espaço e o pensar ,julgar e perceber .

O pensar é concebido como uma forma de percepção na medida em que a alma julga e tem conhecimento de algo que existe.

Ainda que a existência do objeto seja uma condição necessária para que haja o pensamento, não seria possível , segundo Aristóteles ,identificar a percepção ao pensamento ,tal qual os "filósofos antigos " o faziam .<sup>1</sup>

Isto porque , na medida em que a percepção seria sempre verdadeira \_ quando um homem vê o objeto roxo ,não há porque não ser efetivamente roxo \_ ,não seria possível fundar o pensamento apenas a partir do percebido imediato .Além do mais ,se todos seres vivos percebem ,nem todos pensam .

A mediação da Imaginação torna-se necessária na medida em

---

1. Esta é provavelmente uma referência à tradição de pensamento que vincularia Demócrito ,Epicuro e Lucrecio que acreditavam que os sentidos eram dependentes de fluxos emanados pelas coisas ,que eram as causas ativas de nossa sensibilidade .Este pensamento ficou conhecido com teoria perceptiva em função da prioridade por ele atribuída aos sentidos,como nos sugere Marilena Chauí (JAEM,41).

que ela seria uma afecção \_ uma modificação das sensações \_ que estaria ao alcance dos homens sempre que eles quizessem .

Seria assim sempre possível PRODUZIR FIGURAS MENTAIS ou IMAGENS capazes de ordenar as idéias em um sistema mnemônico .Ou seja, capazes de ordenar a diversidade sensível.

Por outro lado , o mesmo não seria verdadeiro para o juízo ,dado não estar ao alcance do homem formar opiniões segundo os seus desejos ,pois elas seriam ora falsas , ora verdadeiras .

Nessa medida , se de um lado , a Imaginação ,como vimos , pressupõe a percepção ,já que só é possível produzir imagens a partir da afirmação de uma presença do objeto ; por outro lado , ela está sempre implicada no juízo ,já que este não pode emitir opiniões sem o auxílio das figuras mentais produzidas pela Imaginação . Ou seja , .

"se a imaginação é o processo pelo qual dizemos que uma imagem se nos apresenta ,ela é uma destas faculdades ou estados da mente pelos quais julgamos e pelos quais viemos a estar equivocados ou a ter razão " (Aristóteles,s/d,,Livro III,cap.III,862).

A Imaginação se diferencia ,assim , da sensação na medida em que nesta o objeto está sempre presente ,ao passo que na imaginação não se supõe a sua presença ,como ocorre nos sonhos ,na memória ,nos estados emocionais e na própria doença (Aristóteles,s/d,Livro III,cap.III,863). Além do mais , enquanto a sensação seria sempre verdadeira ,a Imaginação poderia ser falsa ,como vimos .

Na verdade ,para Aristóteles , a Imaginação seria um misto de percepção e de opinião ,que teria a função de PRODUZIR UMA

FIGURA MENTAL semelhante ao objeto percebido .

" Imaginar é ,pois , formar uma opinião que corresponde exatamente a uma percepção direta ." (,Aristóteles,s/d,L.III,c.III,863).

Seria uma espécie de movimento que somente teria lugar a partir da sensação ,no momento mesmo da percepção do objeto e em conexão com o percebido . Não poderia se realizar sem a sensação ,ou em algum momento posterior à percepção ,como a memória . Seria assim um movimento produzido pela sensação atualmente operante .

Em um texto muito comentado ,é o próprio Aristóteles que nos sugere que , na medida em que a vista é o mais importante dos sentidos , o nome "fantasia " derivaria de luz \_"FAOS"\_ porque sem luz é impossível ver "(,Aristóteles,s/d,LIII,c.III,863).

"E porque a vista é o mais importante dos sentidos ,o nome imaginação \_"phantasia" \_ , deriva de luz \_"pháos"\_ ,porque sem luz é impossível ver "(,Aristóteles,s/d,LIII,c.III,863).

Com relação a este elo entre o ver e o conhecimento,Marilyna Chauí ,nos sugere que :

" Da raiz indoeuropéia *weid* , ver é olhar para tomar conhecimento e para ter conhecimento .Esse laço entre ver e conhecer , de um olhar que se tornou cognoscente e não apenas espetador desatento ,é o que o verbo grego *video* exprime.*Eidó* \_ ver,observar,examinar \_ ,fazer ver,instruir \_ ,instruir-se,informar,informar-se,conhecer,saber \_e \_ ,no latim ,da mesma raiz ,*video* \_ ver ,olhar ,perceber \_ e *vivo* \_ viver,ir olhar , examinar,observar."(Chauí,1988,35)

Na verdade , neste texto , observa-se , mais nitidamente , a importância da fantasia para a teoria aristotélica do conhecimento enquanto uma faculdade reprodutiva , na medida em que ela apenas produziria uma imagem que teria uma semelhança direta com a coisa percebida . Não haveria , assim , nenhuma atividade propriamente criativa na Imaginação , pois ela apenas iluminaria algo da ordem da visibilidade , que se oferece a vista .

Seria assim , através da Imaginação/Fantasia \_ os termos seriam equivalentes em Aristóteles \_ produzida a partir das sensações , que seria possível o pensamento , já que sem luz , sem algo que ilumine a ordem do sensível , não seria possível , não apenas pensar , como , inclusive , ver .

Ou seja , a própria sensibilidade não teria poder de afetar os homens \_ poder de afecção \_ sem a mediação da Imaginação .

É neste sentido que podemos compreender a IMAGEM ou o FANTASMA , como uma espécie de PINTURA MENTAL que se imprime , tal qual um desenho , e que persiste em nós , mesmo na ausência do objeto .

Seria assim que , embora a imaginação não possa se realizar sem a presença das sensações e estas sem a presença dos objetos , ela \_ a Imaginação \_ se caracterizaria por produzir , através das imagens , um estado semelhante ao estabelecido pela sensação .

Este estado , ao ser reproduzido pelas imagens , persistiria , assim , na mente , mesmo após o desaparecimento das sensações e dos objetos , possibilitando , deste modo , a formação dos juízos , do pensamento e do conhecimento .

Por outro lado , a memória , em Aristóteles , também teria uma

importância efetiva para sua teoria do conhecimento.

Em Aristóteles, a memória seria compreendida como uma afecção ou uma modificação da faculdade sensitiva, que, por ser capaz de distinguir o tempo, pode diferenciar as imagens atualmente produzidas pela sensação — ou pelo pensamento — das imagens anteriormente impressas.

Mais do que isso, é capaz de ASSOCIAR estas imagens a uma série de experiências no interior das quais elas foram produzidas. Isto na medida em que estas experiências tenham sido impressas de forma intensa e profunda.

Na verdade, Aristóteles vai definir a memória essencialmente pelo seu objeto: o passado e o não percebido. O presente apenas pode ser percebido, e o futuro, esperado; apenas o passado pode ser recordado.

Também quando se tem o conhecimento e a sensação de algo sem que haja atualização destas faculdades, podemos falar em recordação.

Deste modo, seria possível definir a memória como um estado ou afecção, pertencente à faculdade sensitiva, que se produz a partir de "um intervalo de tempo".

Ou melhor, a memória seria a faculdade sensitiva através da qual percebemos o tempo. Somente os seres vivos, conscientes do tempo, poderiam, assim, recordar (Aristóteles, s/d, 894).

Por outro lado, se a memória pressupõe uma sensação e uma consciência do tempo, ela somente pode se realizar a partir de uma pintura mental como vimos. Em função deste fato, ela se assemelha ao pensamento, já que para Aristóteles, "pensar é



impossível sem uma pintura ou reprodução mental" (Aristóteles, s/d, 895), isto é, sem a produção das imagens.

Nesta medida, a atividade da Imaginação, ao se definir como a produção de uma IMAGEM que teria perfeita semelhança com o objeto do qual ela é imagem, pode ser concebida como uma apreensão e/ou retomada, por parte do psiquismo, de algo que lhe foi apresentado pela via dos sentidos.

Seria assim que a própria memória, ao ser considerada como uma forma de transformação das sensações, isto é, uma afecção que teria sua marca impressa na alma, tal qual uma pintura, pode também ser compreendida como uma atividade de PRODUIR IMAGENS, vinculando-se, assim, à Imaginação.

A diferença específica entre uma e outra se reduziria, assim, ao fato de que a memória poderia ser considerada como a própria imaginação em ato após um certo intervalo de tempo. Assim sendo, a memória possibilitaria a recordação de algo que não está mais presente, a partir das impressões, ou seja, da marca da sensação que foi impressa na memória em um momento anterior do tempo.

Deste modo somente poderíamos recordar algo que não está presente, mas que já esteve, através da PINTURA MENTAL, "que se dá dentro de nós como um objeto de contemplação em si mesmo e como uma pintura mental de uma coisa distinta" (Aristóteles, s/d, 896).

Esta pintura mental, como vimos, tem uma relação de semelhança "a aquilo do qual ela é uma imagem" (Aristóteles, s/d, 8896).

Jurandir Freire Costa (1989) também nos chama a atenção para a dimensão gnoseológica do conceito de fantasia/imaginação para a teoria aristotélica do conhecimento.

Segundo Costa, para Platão, o phantasmata seria um termo utilizado para descrever a aparência das coisas quando estas surgem sem nenhuma relação de verdade com as Idéias Originais.

Por outro lado, em Aristóteles, o phantasma seria "a aparência das coisas quando migra de seu meio original para um outro meio" (Costa, 1989, 117). Este termo seria utilizado para descrever "exclusivamente os reflexos ou aparências interiores, que são evidentes em atividades como o sonho, a rememoração" faculdades em que o meio seria o próprio interior dos homens (Costa, 1989, 118).

Nessa medida, seria possível concluirmos com Jurandir Costa que, para Aristóteles, a phantasia seria uma atividade pela qual se gera o fantasma, ou seja, a aparência interior das coisas. Sua importância estaria no fato de que ela serviria de mediação necessária entre a sensação e o pensamento, entre a aparência e a essência.

A essência, no entanto, somente poderia ser conhecida pela via do pensamento. Isto porque o homem só conhece a essência pela via da aparência. Uma aparência, somente apreensível pelas sensações. Estas sensações, no entanto, seriam marcadas pela diversidade, descontinuidade e fluidez. Deste modo, estas [as sensações] não poderiam produzir nenhum conhecimento. Seriam, inclusive, um obstáculo para o conhecimento na medida em que não seria possível conhecer o diverso e singular, mas apenas o geral.

Deste modo, para que possa haver conhecimento torna-se

necessária a mediação de uma faculdade capaz de conferir, às aparências dadas pelos sentidos, uma estabilidade que elas não possuem por si.

Seria assim que a atividade de Imaginação teria uma função estabilizadora no interior do processo de conhecimento, assim como também a memória. Em um longo texto, citado por Costa, Kevin White nos sugere que :

"A ação da phantasia que dá uma estabilidade às aparências que elas próprias não têm, poderia ser a resposta da alma humana a este dilema. Através da preservação dos phantasmata, NOUS é capaz de conservar seus objetos atemporalmente, mesmo quando a coisa mediatamente sensível é passada, é ausente ou está em movimento(...) Sem esta retenção e acumulação de encontros passados com seres sensíveis, fica claro que não poderia haver aquisição de conhecimento, mas apenas uma sucessão esquecível de insights" (White, cit. Costa, 1989, 118).

A memória seria assim, uma atividade da fantasia, segundo esta leitura (White/Costa), consistindo em "apresentar as aparências como imagens de objetos sensíveis no passado" (Costa, 1989, 118).

Estes autores nos chamam a atenção para uma questão essencial para o nosso trabalho : a estreita relação entre memória e imaginação.

A imaginação, através da preservação dos phantasmata \_considerados como imagens estáveis da sensação (Costa, 1989, 118)\_ seria capaz de conservar os objetos, ao longo do tempo. Esta conservação se faria mesmo na ausência dos objetos, seja esta ausência produzida por um movimento, pela distância

temporal ou ainda, espacial.

A memória, por outro lado, seria a capacidade da própria Imaginação em apresentar estas aparências como imagens de objetos que foram sensíveis em algum momento do passado.

Seria assim que, a Imaginação pode ser compreendida como uma atividade que, ao reproduzir as aparências através das IMAGENS, seria capaz de conservar e estabilizar estas imagens, mesmo após a passagem da sensação.

A memória se constitui, assim, como uma atividade inerente à fantasia, podendo ser compreendida como uma atividade de conservação das imagens no tempo.

Nesse sentido, propomos que a teoria do conhecimento que Aristóteles nos oferece, nos sugere uma Imaginação e uma Memória compreendidas como faculdades meramente reprodutoras e não criativas.

Enquanto a Memória reproduz a imagem de um objeto que foi anteriormente percebido, a Imaginação asseguraria a produção das imagens ou figuras mentais, sem as quais nenhum conhecimento ou rememoração seria possível.

Tanto uma como a outra seriam consideradas como faculdades que garantiriam a relação de adequação entre as coisas do mundo e as imagens. Deste modo, Imaginação e Memória, seriam atividades de pensamento que apenas reproduziriam as coisas do mundo através de imagens. Estas imagens seriam compreendidas como meras gravuras ou pinturas deste mundo exterior, isto é, deste FORA.

Nesta concepção, as imagens não existiriam como coisas, como atos de criação, como Bergson nos propõe, mas como meras

reproduções de algo anteriormente existente e percebido. Assim sendo, o problema da imagem, somente poderia ser resolvido ao nível do entendimento, como nos sugere Jean-Paul Sartre (1987) a propósito de Descartes e Spinoza (Sartre, 1987, 40).

Dentro deste contexto, a existência dos objetos se torna não só condição de possibilidade para o conhecimento como também para a Imaginação e a Memória, o que torna a ambas indissoluvelmente atadas a esta existência dos objetos.

Inaugura-se deste modo, uma série de desdobramentos possíveis do pensamento com relação ao movimento de presença e ausência dos objetos, que vai atravessar a história deste pensamento desde a Antiguidade Clássica até os dias de hoje.

Em síntese, a faculdade de Imaginação no pensamento grego, teria um estatuto intermediário entre a sensação e o pensamento, sem a consistência ontológica do objeto percebido [que é], nem da Essência Ideal. Seria um ser de passagem, transitório, que apenas afirma a aparência das coisas. Como Starobinski nos sugere,

"Faculdade intermediária entre o sentir e o pensar, a Imaginação (segundo a teoria clássica comum) nem possui a evidência da sensação direta, nem a coerência lógica do raciocínio abstrato. Seu domínio é o PARECER e não o SER" (Starobinski, 1970, 177).

## 2.3- A IMAGINAÇÃO EM SÃO TOMÁS, DESCARTES E HUME :

### TERCEIRO EXERCÍCIO

Retomando nosso breve percurso ,ao longo da Idade Média, as fantasias ,eram compreendidas ora como atividades do intelecto (como na tradição neo-platônica ),ora como atividades mais ligadas à sensibilidade como em Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Em São Tomás ,as fantasias produziam os fantasmatas que eram :

(1) Imagens que reproduziam sensações ;

(2) Imagens ligadas a formas de entendimento ;

(3) Aparências que não tinham correspondências com objetos exteriores sendo da ordem de uma imaginação pura e produtiva ;

Nos dois primeiros casos,seria uma atividade de combinar diferentes elementos entre si ,importante para o processo de formação das idéias.

Com a formulação de uma imaginação pura ,se introduz a possibilidade de se pensar em uma imaginação produtiva e não meramente reprodutiva.

Em Descartes (1619-1650), no entanto,a imaginação ou conhecimento da imagem nos ressurgem em uma dimensão reprodutiva sendo compreendida a partir do entendimento.A imagem seria uma coisa corporal,produto da ação dos corpos exteriores sobre nosso corpo através dos sentidos .Seu conhecimento,porém,sonente seria possível pela mediação do entendimento .

Embora a imagem seja uma realidade corporal,ela não se colocaria para a consciência como um objeto a conhecer ,mas teria apenas a aptidão em despertar as idéias na alma.Idéias que seriam

inatas no homem , sendo apenas despertadas pelos movimentos, jamais produzidas.

Sartre (1987) nos sugere que não seria possível fazermos uma distinção entre sensação, lembrança e ficção em Descartes , pois nos tres casos, a excitação, venha do corpo ou da alma, provocaria os mesmos movimentos cerebrais. Apenas o juízo e o entendimento poderiam garantir a relação de adequação entre as imagens e os objetos (Sartre, 1987, 40).

Matos (1990) nos propõe que, não só a Imaginação seria fonte de confusão e erro em Descartes, mas que, inclusive , tanto esta como a própria sensibilidade, por serem enganosos, teriam que ser superados pelo pensamento (Matos, 1990, 287).

Em David Hume (1711-1776), por outro lado, podemos reencontrar a Imaginação em uma dimensão mais criativa . Para Hume, o conhecimento seria produzido a partir das percepções . Estas percepções teriam dois elementos básicos, as Impressões e as Idéias.

As Impressões seriam as percepções de maior intensidade , sensações, as emoções e as paixões; as Idéias, seriam, por seu turno, percepções menos intensas , derivadas das impressões. Ou seja, seriam cópias e/ou imagens desprovidas de sensação.

Qualquer Impressão que alguma vez esteve presente na consciência, reapareceria novamente sob a forma de Idéia . A Idéia seria , assim, um ressurgimento da Impressão na consciência de forma menos intensa. Este ressurgimento da Impressão como Idéia teria dois modos de realização , a Memória e a Imaginação .

A Imaginação produziria uma idéia mais fraca, de menor intensidade e menos comprometida com a reprodução da Impressão. Seria assim uma faculdade mais livre e criativa do que a Memória . Esta

,produziria uma Idéia mais forte ,mais intensa e mais comprometida com a repetição e reprodução da Impressão.Seria uma faculdade menos livre ,se definindo basicamente por seu caráter reprodutivo.

Por outro lado,ambas as faculdades ,somente existem a partir de um certo distanciamento da realidade percebida ,uma ausência da percepção.Enquanto a Memória busca preservar a forma ,ordem e posição das Idéias ,a Imaginação ,por não estar voltada para a sua reprodução ,poderia ousar mais ,ser mais livre.Sua função seria separar mudar a ordem e posição,"transportar e mudar as idéias "(Hume,s/d,9).

Para a Imaginação ,nenhuma Idéia seria inseparável de outra,podendo todas serem combinadas e/ou associadas entre si.Cada Idéia teria uma diferença específica com relação a outra idéia,não sendo nunca semelhantes.Assim sendo,a Imaginação separa e une as Idéias entre si .

Esta atividade de diferenciar,separar e unir as Idéias,embora não seja guiada por princípios universais e necessários,não se faz ,porém,de forma absolutamente livre e espontânea.

Mesmo não sendo unidas pelos princípios universais,as Idéias Simples se uniriam de forma regular e espontânea em função dos laços de união que existiriam entre as Idéias .Seria assim que as Idéias Simples se combinariam segundo qualidades associativas \_ os laços de união \_ constituindo deste modo Idéias Complexas.

Estas qualidades eram : a semelhança,a contiguidade espaço-temporal e a causalidade .



Costa (1989) nos sugere que, em Hume, a Memória não seria uma atividade da Imaginação, mas substitui a própria Imaginação no processo de conhecimento. A Imaginação teria uma função essencialmente enganadora, pois forneceria um sentido de segurança e estabilidade em mundo absolutamente carente destas .

"Divorciada da memória, a imaginação começa então a ganhar uma das feições que tem na linguagem corrente, a de ilusão, de falsidade , e a passar da condição de possibilidade do conhecimento verdadeiro para a condição de possibilidade do falso conhecimento "(Costa, 1989, 120).

## 2.4 - REPRESENTAÇÃO E IMAGINAÇÃO EM KANT :

### QUARTO EXERCÍCIO

Em Kant , reencontramos a imaginação , em suas duas dimensões, a reprodutiva ou empírica, e a transcendental ou produtiva e/ou espontânea , esta considerada fundamental para qualquer possibilidade de conhecimento. Em uma tentativa, seria importante traçarmos alguns contornos do pensamento deste grande filósofo com relação à questão da imaginação e da representação , mesmo levando em conta , o fato de que , com isso , estamos , necessariamente , correndo o risco do reducionismo \_ o que , aliás , é um risco , e talvez até , algo inevitável , em qualquer tentativa de traçar algo como um panorama geral sobre qualquer tema .

Recorremos aqui , ao próprio Kant , é claro , mas também a alguns de seus comentadores como Gilles Deleuze( 1963), Michel Foucault(1981) , Jurandir Costa(1989) e Ferrater Mora (1982).

Para Immanuel Kant (1724-1804) , nem todo conhecimento procede da experiência . Isto porque , se de um lado esta é marcada pela diversidade e pela particularidade do dado sensível , por outro lado , a experiência não pode trazer em si mesma nem a marca da universalidade , nem a da necessidade \_ os dois critérios que definem o A PRIORI kantiano.

Seria , assim, que a partir da experiência , não seria possível se pensar em uma possibilidade de conhecimento tanto do dado sensível como também da própria experiência . Na verdade , a questão que insiste e persiste em Kant , pode ser melhor traduzida como uma incessante problematização das possibilidades da exper-

riência , como ela ocorre , como é possível conhecê - la , enfim , o que é possível pensar .

Como nos sugere Foucault , a questão kantiana incide exatamente sobre a relação das representações entre si ,interrogando-a ,não em seu próprio nível , mas " na direção do que a torna possível em sua generalidade "(Foucault,1981,256).

Ao se perguntar sobre o que torna possível a própria experiência ,não enquanto um fato particular , mas a partir das condições que a definem enquanto uma forma universalmente válida , Kant teria logrado contornar o espaço da representação e o do que nela é dado , para se endereçar "...àquilo mesmo a partir do qual toda representação ,seja ela qual for , pode ser dada " (Foucault,1981,257).Seria assim que ,para Kant ,

"... somente juízos de experiência ou constatações empíricas podem fundar-se sobre os conteúdos da representação. Qualquer outra ligação , para ser universal ,deve fundar-se para além de toda experiência , no A PRIORI que a torna possível .Não que se trate de um outro mundo , mas das condições sob as quais pode existir qualquer representação do mundo em geral ." (Foucault,1981,257)

A partir desta questão central que acompanha todo o pensamento kantiano , e que é desdobrável em tres interrogações básicas , a saber , O QUE POSSO EU? , O QUE SEI EU? , QUEM SOU EU ? (Deleuze,1986,123),a questão da relação entre a "imaginação " e a "representação" , em linhas bem gerais ,pode ser abordada .

De algum modo , em Kant , a experiência somente pode nos oferecer a multiplicidade , a diversidade ,a particularidade .O

fenômeno ,em suma .E o que seria o fenômeno em Kant ? Para podermos compreender melhor esta questão, seria interessante estabelecermos , em um primeiro momento , um breve quadro acerca das diferentes formas de "representações" em Kant, para em um segundo momento ,fazermos uma distinção entre a " representação " e a "apresentação ",a partir da leitura deleuziana de Kant .

Seria assim que, poderíamos definir o termo *faculdade*, em um de seus sentidos possíveis , como uma " fonte específica de representações " (Deleuze,1963,15).Neste sentido , existirão tantas *faculdades* ,quantas forem as formas de representações possíveis.Assim sendo , a grosso modo ,as representações ,do ponto de vista do conhecimento se distinguem em :

- as representações singulares que se relacionam de forma imediata com os objetos da experiência e cuja fonte estaria na *sensibilidade*,ou seja,as representações da intuição ;

as representações que se relacionam de forma mediata com os objetos da experiência ,através da mediação de outras representações e cuja fonte estaria no entendimento,ou seja , as representações do conceito;

- as *Idéias*,que seriam formas de conceito ,que além de superarem os dados da experiência , teriam sua fonte na própria razão ;

Mas para podermos compreender melhor a própria noção de "representação",seria importante fazer uma distinção entre o que se representa e o que se apresenta. Segundo Deleuze , o que se apresenta seria , em um primeiro momento , o objeto em sua aparência , tal qual ele nos aparece na intuição,isto é,o fenômeno propriamente dito ,enquanto "diversidade sensível empírica(A

POSTERIORI )”(Deleuze,1963,15).Aqui ,no entanto , o fenômeno não se refere à aparência , mas a uma aparição.

Assim é que ,para Kant ,para que alguma coisa do mundo empírico possa ser representada ,é necessário ,antes de mais nada ,que esta coisa , ou melhor ,este objeto ,tenha a capacidade de afetar o espírito humano. Este poder de ser afetado pelos objetos seria a sensibilidade.Esta pode ser definida como uma capacidade de receber,isto é,uma receptividade própria às representações.

Deste modo se ,por um lado , somente através da sensibilidade podemos ser afetados pelos objetos ,por outro lado ,somente através do entendimento e dos conceitos ,é que podemos pensá - los .Ou seja ,se podemos compreender a sensação como “ o efeito de um objeto sobre a capacidade de representação ”(Kant,1980,781), apreensível mediante uma intuição empírica ,podemos chamar de fenômeno a qualquer objeto capaz de produzir este efeito ,isto é ,capaz de produzir afecções .

Assim é que , se um fenômeno traz em si esta capacidade de afetar nossa sensibilidade ,haveria uma outra dimensão nele presente que somente poderia ser pensada através de formas , independentes de qualquer relação com os sentidos .Ou seja ,através de uma forma pura da sensibilidade , presente em todo fenômeno e,

“...que se encontra A PRIORI no espírito , como uma pura forma da sensibilidade , independente de todo objeto real dos sentidos e de toda a sensação ”(Kant,1980,783).

Em verdade,as duas únicas formas puras da sensibilidade ou da intuição ,seriam o espaço e o tempo .Ou seja, o espaço e o

tempo seriam as próprias condições de possibilidade de toda aparição fenomênica .

" Em efeito , como é apenas unicamente mediante estas formas puras da sensibilidade que um objeto pode nos aparecer , isto é , ser um objeto da intuição empírica , o espaço e o tempo são as intuições puras que contêm A PRIORI a condição de possibilidade dos objetos como fenômenos ... "(Kant, 1980, 846).

Seria , assim, este princípio que faz com que toda experiência se submeta necessariamente às representações A PRIORI que poderia ser definido como o transcendental em Kant.

Segundo a leitura deleuziana de Kant , essas formas puras da sensibilidade , não seriam representações , mas apresentações A PRIORI. Isto porque , não seriam somente os fenômenos empíricos que apareceriam \_ ou se apresentam \_ no espaço e no tempo , mas a própria " diversidade pura do espaço e do tempo "(Deleuze, 1963, 16).

Na verdade , assim sendo, o que se coloca para o pensamento é a compreensão da própria representação enquanto uma "...síntese do que se apresenta "(Deleuze, 1963, 16). Ou seja , a própria representação já pressuporia , necessariamente, uma apresentação anterior, seja pela via do dado sensível , seja pela via das formas da intuição pura . Assim é que ,

"...não diremos que a própria intuição A PRIORI seja uma representação nem que a sensibilidade seja uma fonte de representações. O que conta na representação é o prefixo :RE- apresentação implica uma retomada ativa daquilo que se apresenta , portanto , uma atividade e uma unidade que se distinguem da

passividade e da diversidade inerentes à sensibilidade como tal. Deste ponto de vista, já não temos necessidade de definir o conhecimento como uma síntese de representações. É a própria representação que se define como conhecimento, isto é, como síntese do que se apresenta" (Deleuze, 1963, 16).

Nessa medida, definir a representação como a síntese do que se apresenta, implica na visão kantiana, em incluir a Imaginação no próprio interior da representação. Isto porque, se a sensibilidade pôde ser definida, como vimos, enquanto uma capacidade receptiva, ela vai ser fundamentalmente marcada pela passividade. Seria assim que, na medida em que a sensibilidade em si, não surge como fonte das representações, o que se coloca seria a necessidade da intervenção das outras facultades: ativas, estas sim fontes das representações.

"Tomada na sua atividade, a síntese remete para a Imaginação; na sua unidade, para o entendimento; na sua totalidade, para a razão". (Deleuze, 1963, 16)

Enquanto facultade ativa, a imaginação teria a função de realizar a síntese desta diversidade presente na intuição sensível, por Kant denominada de *synthesis speciosa*, figurada, para distingui-la da *synthesis intellectualis*, realizada pelo entendimento, independentemente da imaginação.

Como Kant nos propõe,

"A Imaginação é a facultade de se representar na intuição um objeto mesmo sem a sua presença" (Kant, 1980, 867).

Deste modo, seria possível pensarmos na Imaginação como a facultade que, em Kant, possibilitaria o contato com o real, em função mesmo de sua ligação com o dado sensível.

Por outro lado também , seria , através desta sua autonomia (da Imaginação) face ao objeto \_ na medida em que ela pode se exercer ,mesmo face a sua não-presença \_ que introduziria a dimensão do Tempo no próprio Interior da Imaginação .

Isto porque :

\_ se ela pode prescindir da presença do objeto em seu exercício ;

\_ se ela somente pode se exercer a partir do dado sensível ;

\_ o que se conclui é que ,tanto a presença como a ausência do objeto só podem ser compreendidas em uma dimensão de tempo ;ou seja ,somente quando supomos que ,um objeto ,presente em um momento anterior do tempo ,está ausente ,em um outro momento do tempo , é que podemos compreender a atividade de Imaginação ,tal qual é definida por Kant .

Em verdade , a Imaginação surge ,aquí , como o próprio fundamento da memória,afirmando com isto ,a necessária vinculação desta com a sensibilidade .

Seria assim que ,se de um lado ,a Imaginação ,pressupõe a sensibilidade ,por outro lado , a própria síntese ,que ela realiza ,seria um exercício de atividade e de espontaneidade ,não apenas determinante \_ como também o seriam os sentidos \_mas que também seria determinável .

Nesse sentido , capaz de determinar A PRIORI o próprio sentido segundo sua forma .Em última análise , a própria Imaginação , pode ser considerada como uma " faculdade de determinar a sensibilidade A PRIORI ,e sua síntese das intuições



,conforme às categorias ,deve ser a síntese transcendental da imaginação , o que é um efeito do entendimento sobre a sensibilidade ..."(Kant,1980,867).

Efeito do entendimento sobre a sensibilidade,a Imaginação Transcendental surge,assim, como uma atividade produtiva ,segundo a terminologia kantiana,se diferenciando,deste modo ,da imaginação reprodutiva,considerada por Kant como típica do pensamento associacionista .

"Ora ,enquanto a imaginação é espontaneidade ,eu a nomeio,por vezes,como imaginação produtiva ,e eu a distingo assim da imaginação reprodutiva,na qual a síntese é submissa unicamente às leis empíricas,aquelas da associação ,e que por consequência não concorre em nada para a explicação da possibilidade do conhecimento A PRIORI ,e não participam ,por esta razão , à filosofia transcendental ,mais à psicologia ." (Kant,1980,867)

Esta imaginação reprodutiva ou empírica teria como função sintetizar as experiências do mundo sensível e os conceitos que a tornam possível .Teria assim a própria Imaginação Transcendental .pae/ou Produtiva como sua condição de possibilidade

Gostaríamos de chamar atenção para o fato de que em Kant,o exercício de pensamento supõe um exercício concordante entre as diferentes faculdades [Imaginação,Entendimento,Razão ].Neste exercício, a Imaginação se encontraria sempre submetida,seja às regras do Entendimento,seja às da Razão. No entanto,segundo nos propõe Deleuze (1986) no final de sua vida ,na "Crítica do Juízo",Kant nos apontaria para a possibilidade de uma Imaginação Livre e Criativa(Deleuze,1986;Lyotard,1989).

Isto porque, a partir do fenômeno do Sublime, presente na experiência do Belo, o exercício das faculdades produziria um desacordo entre elas.

Deleuze (1986) nos sugere que este desacordo, de algum modo, encaminharia cada faculdade ao seu próprio limite, fazendo com que, a partir deste confronto, cada faculdade, em seu descaminho, possa se exercer de forma criativa e livre.

### CONCLUSÃO

Esta leitura nos permite pensar a possibilidade de que, a partir de uma experiência estética, que, para nós, pode ser tanto a admiração face a uma obra de arte, o olhar de um amante, ou ainda, o encontro com uma paisagem, possamos usufruir o livre exercício da Imaginação enquanto atividade de criação.

Seria assim que a Imaginação poderia ser pensada, não somente em sua função de reprodução ou ainda em uma função de evocação das imagens, mas, fundamentalmente, em uma dimensão de Criação.

## 2.5 - A REPRESENTAÇÃO EM FRANZ BRENTANO

E EM ALEXIUS VON MEINONG :

### QUINTO EXERCÍCIO :

Franz Brentano (1838-1917), em "Psicologia do Ponto de Vista Empírico" (s/d) nos afirma que sua preocupação filosófica central girava em torno da distinção entre os fenômenos físicos e os fenômenos psíquicos. Ou seja, para ele, era preciso encontrar um critério de distinção entre estas duas classes de fenômenos. Este critério baseava-se, exatamente, no fato de que os fenômenos psíquicos, diversamente dos fenômenos físicos, teriam a "representação" como seu fundamento. Nesse sentido, eles se caracterizariam por:

(1) terem as "representações" como seu fundamento, como vimos;

(2) apresentarem o que os escolásticos da Idade Média denominavam de "inexistência intencional do objeto", ou seja, a existência em, isto é, eles se caracterizariam pela referência a algo como um conteúdo ou um objeto que existiria em si mesmo, uma direção com relação a um objeto. Seria, assim, que a consciência, somente poderia conhecer por intermédio do ATO de INTENCIONAR o objeto, isto é, o ato de ter o objeto como referência necessária da própria consciência;

(3) serem objetos da percepção interna, percebidos como evidência imediata, considerada por Brentano como a única e verdadeira percepção na medida em que a percepção externa, ao não diferenciar o falso do verdadeiro, seria essencialmente enganadora;

(4)serem os unicos fenômenos que teriam uma existência real,além de sua existência intencional,a eles conferida pelo ato da consciência.Para Brentano,somente os fenômenos psíquicos teriam esta existência real;

(5)surgiriam como uma unidade que se distinguiria da diversidade característica dos fenômenos físicos.Seria assim que,enquanto um fenômeno físico,apesar de ser percebido de forma simultânea,teria diferentes coisas como causas,tais como o som,calor,cor,etc.;um fenômeno psíquico seria um fenômeno que sempre apareceria,mesmo para a percepção interna,como uma unidade;

Seria assim importante observar que:

\_ os fenômenos psíquicos possuiriam de forma simultânea,de uma lado,uma existência real;de outro lado,uma existência intencional,a eles atribuída pelo ATO de uma consciência que seria a eles externa.Ou seja,seria no interior do próprio ato de intencionar os objetos que se colocaria a possibilidade de conhecimento.

\_este modo de intencionar os objetos,que seria o modo específico que a consciencia possuiria para conhecer,não se realizaria,porém,de um unico modo,mas através de diferentes formas.Seria assim que,embora todo fenômeno psíquico contenha em si algo como o objeto intencionado,nem todos o conteriam do mesmo modo.Ou seja,enquanto a representação conteria o objeto representado,o juízo conteria o objeto aceito ou recusado,o amor conteria o objeto amado;a memória,o rememorado.

Neste sentido,embora o ato de intencionar se constitua no fundamento básico de toda possibilidade de fenômeno psíquico,já

que " todo fenômeno psíquico contém em si, intencionalmente um objeto" (Brentano, 27), este ato de intencionar não se faria independente das diferentes faculdades através das quais o pensamento se faria. Isto é, cada fenômeno psíquico conteria em si um objeto de acordo com cada faculdade particular ( a representação, o juízo, a memória ), ou seja, de acordo com o modo específico pelo qual o ato de intencionar se realiza e pelo qual o objeto se "oferece" ao conhecimento. Em verdade, para Brentano, os fenômenos psíquicos seriam fenômenos da ordem de-referência, isto é, têm como condição necessária a referência a um objeto que pode estar presente ou ausente.

Para Brentano, nenhum fenômeno psíquico poderia prescindir da representação na medida em que esta, para ele, seria o seu próprio fundamento:

"Nada pode ser julgado, nada apetecido, nada esperado ou temido, se não é representado" (Brentano, 13).

Mesmo as sensações ou fantasias não seriam anteriores à representação, mas já a pressuporiam. "Representar" aqui teria o mesmo significado do que "aparecer", "ser fenômeno".

"Toda representação, mediante sensação ou fantasia, oferece um exemplo de fenômeno psíquico; entendendo eu por representação, não o que é representado, mas o ato de representar." (Brentano, 12)

Seria assim que, "a audição de um som, a visão de um objeto colorido, a sensação de calor ou frio, assim como os estados semelhantes de fantasia" (Brentano, 12) seriam representações, enquanto que o som, o calor, a cor, exatamente por se reduzirem apenas aos objetos, seriam fenômenos de ordem física. Isto é, fenômenos que se distinguiriam radicalmente dos fenômenos psíquicos, tal e qual Brentano os concebia, a saber, como atos que teriam as representações como seu fundamento.

Ou seja, como vimos, a representação em Brentano se relaciona diretamente com a questão da consciência e com o modo pelo qual esta intenciona os objetos, não podendo se realizar sem a mediação da consciência e/ou da percepção. Refere-se a uma experiência da ordem do vivido.

Alexius Von Meinong (1853-1921), discípulo de Brentano, aprofunda ainda mais essa concepção, ampliando-a e introduzindo a noção de Apresentação.

Para Meinong, a realidade somente aparece sob a forma dos objetos, independente do fato do objeto em questão for real ou ideal, possível ou impossível, existente ou imaginário. Seria assim possível pensarmos em objetos que não tivessem nenhuma forma de realidade ou existência de ordem empírica mas que possam ser apenas pensados (Ferrater Mora, 1982, 2172-2173).

Estes objetos sem existência seriam os Objektiv \_ que se distinguem dos Objekt que teriam existência e seriam objetos da representação que se expressariam na forma de Apresentações [DARSTELLUNGEN], independentes da sensação como da própria representação.

Os objektives, seriam apreendidos em sua presentificação sem

serem representados. Nessa medida, pensar não seria o mesmo que representar sendo que a própria apresentação seria um fenômeno mais básico do que a representação, por se realizar ao nível do juízo ou do intelecto.

A partir de Meinong, coloca-se assim a possibilidade de se pensar em algo que não seja da ordem da percepção imediata, que não seja um existente. Deste modo, seria possível pensarmos em uma forma de produção psíquica que não esteja calcada na realidade perceptiva e a ordem do vivido. Trata-se de uma apresentação de ordem intelectual que, acreditamos ainda ligada à uma ideia de consciência.

## 2.6 - A GUISA DE CONCLUSÃO : SEXTO EXERCÍCIO

De uma forma muito sintética, atravessaremos Schopenhauer e Nietzsche.

Arthur Schopenhauer (1788-1860) nos oferece uma concepção da memória que, ao invés de ser guiada pela representação, como a tradição clássica de pensamento propunha, seria guiada pela Vontade. Assim sendo, também seria a Vontade que governaria e acionaria a Associação das Idéias, que faria com que determinada representação se vinculasse a outras por meio de relações de analogia, lógica e contiguidade espaço-temporal. A loucura poderia ser explicada por um rompimento na cadeia associativa da memória em função da dificuldade de integração de determinada representação dolorosa. Em seu lugar, surgiria uma lacuna que seria preenchida por qualquer outra representação, de ordem arbitrária, interrompendo, assim, o fluxo da Memória (Cacciola, 1991, 24).

Friedrich Nietzsche (1844-1900), por outro lado, nos traz um pensamento que inaugura a própria modernidade. Com ele, as Intensidades alcançam o pensamento e a superfície. Tudo se torna interpretação; além da interpretação, não há mais nada, a não ser mais e mais interpretação (Foucault, 1975).

Não nos deteremos aqui em sua obra, mas não podíamos deixar de nos referirmos ao papel fundamental de seu pensamento em quase todos os autores com quem estamos dialogando ao longo de nosso trabalho. De Freud a Deleuze, passando por Foucault. Por esta razão, optamos por concluir este capítulo com as palavras de



Nietzsche :

" Os filósofos costumam colocar-se diante da vida e da experiência \_diante daquilo que denominam o mundo do fenômeno \_ como diante de uma pintura, que está desenrolada de uma vez por todas e com inalterável firmeza mostra o mesmo evento : esse evento, pensam eles, é preciso interpretá-lo corretamente, para com isso tirar uma conclusão sobre o ser que produziu a pintura: portanto , sobre a coisa em si, que sempre costuma ser considerada como a razão suficiente do mundo do fenômeno. Em contrapartida, lógicos mais rigorosos (...) puseram em questão toda conexão entre o incondicionado (o mundo metafísico) e o mundo que nos é conhecido: de tal modo que o fenômeno, justamente, a coisa em si não aparece, e toda conclusão daquele a esta deve ser recusada. De ambos os lados , porém, não é levada em conta a possibilidade de que essa pintura \_aquilo que, agora, para nós homens, se chama vida e experiência \_ pouco a pouco veio a ser e, aliás, está ainda em pleno vir-a-ser ... (...)

O fato é que, desse mundo da representação, a ciência rigorosa só é capaz de livrar-nos em pequena medida (...) já que não é capaz de romper, no essencial, a força de hábitos antiquíssimos de sensação (...) Talvez reconheçamos então que a coisa em si é digna de uma homérica gargalhada : ela parecia tanto, e mesmo tudo, e, propriamente falando, é vazia, ou seja, vazia de significação." (Nietzsche, 1983, 93-94).

" Sentir tudo de todas as maneiras,/Viver tudo de todos os lados,/Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,/Realizar em si tãda a humanidade de todos os momentos/Num só momento difuso,profundo, completo e longínquo.

"Multipliquei-me,para-me sentir/Para me sentir,precisei sentir tudo,/Transbordei,não fiz senão extravasar-me,/Despi-me,entreguei-me,/E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente./

Os braços de todos os atletas apertaram-me súbitamente feminino,/E eu só de pensar nisso desmaiei entre músculos supostos./

Foram dados na minha bõca os beijos de todos os encontros,/Acenaram no meu coração os lenços de todas as despedidas,/Todos os chamamentos obscenos de gesto e olhares/Batem-me em cheio em todo o corpo com sede nos centros sexuais./ (...)

E falta sempre uma coisa,um copo, uma brisa,uma frase,/E a vida dói quanto mais se goza e quanto mais se inventa./Poder rir,rir,rir despejadamente,/Rir como um copo entornado,/Absolutamente doido só por sentir,/Absolutamente rãto por me roçar contra as coisas,/Ferido na bõca por morder coisas,/Com as unhas em sangue por me agarrar a coisas,/ E depois dêem-me a cela que quiserem que eu me lembrarei da vida."

Fernando Pessoa  
"Passagem das Horas "

### 3 - A HISTERIA E A MEMORIA DE ESQUECIMENTO

#### 3.1 A HISTERIA E A IMPOSSIBILIDADE DE ESQUECIMENTO

Na "Comunicação Preliminar" redigida em 1893, por Sigmund Freud e Joseph Breuer, os autores afirmam que foram levados a pesquisar sobre a histeria visando a descoberta do que seria

" sua causa desencadeante - o fato que provocou a primeira ocorrência, ainda muitos anos antes, do fenômeno em questão" (Freud, 1893, 43).

Guiava-os a preocupação em estabelecer o evento originário responsável pela sintomatologia histérica.

Acreditava-se, assim, na possibilidade de detectar um evento, ou um acontecimento, perdido em algum lugar da história passada do sujeito, capaz de ser responsável pela produção da neurose e de seus sintomas, bem como capaz de fornecer uma explicação para o seu início, seu meio e, quiçá, seu fim.

Observando uma grande variedade de pacientes, Freud e Breuer foram levados à constatação de que essa pesquisa esbarrava sempre em um mesmo obstáculo intransponível, na medida em que:

" o que está em questão é muitas vezes alguma experiência que o paciente não gosta de discutir, mas, principalmente, porque ele é verdadeiramente incapaz de recordá-la e frequentemente nada desconfia da conexão causal entre o fato desencadeante e o fenômeno patológico" (Freud, 1893, 43).

Estabelecia-se, assim, uma relação possível entre o caráter desprazeroso da experiência supostamente desencadeante da

sintomatologia histérica \_ a qual o sujeito não gosta de discutir ou dela falar \_ e a incapacidade do sujeito histérico de recordar esta experiência.

Nesta medida, desde um primeiro momento, observa-se uma relação entre o DESPRAZER e o PSIQUISMO, no interior da qual vai ser o caráter desprazeroso e/ou prazeroso de uma experiência que vai determinar o modo pelo qual esta (experiência) vai se inscrever em algum lugar do aparelho psíquico.

Seria possível, assim, se propor uma relação entre o DESPRAZER/PRAZER e a capacidade de rememoração, na medida em que vai ser exatamente em função do grau de desprazer de uma experiência que se fundaria a própria possibilidade da memória. No caso da histeria, por exemplo, o desprazer vinculado à experiência desencadeante seria o responsável pelo seu "esquecimento". Esquecimento este que não se identifica aqui com a não inscrição da experiência, mas que se relaciona com a constituição de um uma lacuna no interior do psiquismo.

Ou seja, com isso, estabelece-se uma lacuna que rompe o elo entre o acontecimento passado e o momento presente, imprimindo uma descontinuidade básica na vida psíquica.

Em verdade, propomos que não se tratava de um esquecimento propriamente dito, mas de um tipo específico de produção psíquica que apresentaria duas características simultâneas: de um lado, o sujeito não pode lembrar pois o que se torna inacessível a ele é exatamente o elo entre os diferentes laços de memória que, associados entre si, constituiriam a lembrança propriamente dita; de outro lado, ao não lembrar, o que se torna efetivamente impossível para o sujeito é a possibilidade do esquecimento.

Trata-se de ter acesso a uma intensidade que se conservou e preserva no coração e que, por isso mesmo, a sua evocação remete o sujeito a produzir ou criar lembranças ou acontecimentos - reais e/ou imaginário.

Ao criá-los, o sujeito, na verdade, constroi sua própria história de vida e a si mesmo enquanto singularidade.

Mais do que evocar lembranças, trata-se de fazer estas intensidades se expressarem e a partir daí, produzir, criar.

Trata-se, assim, de uma imersão em um modo de esquecimento que, ao invés de possibilitar o esmaecimento da lembrança e posterior enfraquecimento, a torna cada vez mais intensa, não nela mesma, enquanto lembrança, mas enquanto força capaz de produzir determinados efeitos no psiquismo.

Seria assim que, incapaz de esquecer, o sujeito histérico torna-se também incapaz de recordar, de reconstituir, a nível de sua consciência, sua própria história, de se apropriar dos eventos significativos que marcaram sua trajetória, estabelecer relações entre eles, associá-los uns aos outros, constituir soluções possíveis para os problemas que lhe foram colocados, reconhecer a perda e a impotência quando estas se impuzerem, em suma, de integrar esses eventos no interior de seu dinamismo psíquico de uma forma que lhe seja acessível. Incapaz de recordar torna-se, fundamentalmente, incapaz de esquecer.

Acreditamos que esta foi uma das questões que sempre esteve no centro das investigações de Freud: a impossibilidade do esquecimento. Era esta a causa responsável pelo sofrimento histérico. Os histéricos não podiam esquecer e sofriam exatamente porque eram

inundados por suas reminiscências. A falta de acesso às suas memórias e recordações os impedem de esquecer; os histéricos,

" sofrem principalmente de reminiscências " (Freud, 1893, 48)

Se, por um lado, Freud sempre se interessou pelos complexos mecanismos da memória e da inscrição das experiências vividas no interior do psiquismo, vão ser as dificuldades \_ e às vezes a impossibilidade \_ de esquecer que irão marcar os rumos da investigação psicanalítica. Como esquecer ? Como apagar os vestígios e marcas das experiências prazerosas mas, sobretudo, das dolorosas que perpassam as histórias de cada psiquismo humano ?

Se os histéricos sofrem de suas lembranças, estas não se configurariam como simples marcas de experiências passadas. Seriam impressões, resíduos de uma memória inacessível ao sujeito histórico que, se de um lado não se traduzem em verdades conhecidas, também não eram cobertas pelo véu do esquecimento.

Ao histórico, enquanto tal, a recordação era algo que lhe escapava. Seria este impossível acesso ao passado que lhe faz adoecer: não pode recordar pois sofria, exatamente, de uma perda de sua capacidade de rememorar e de recordar.

Não havia recordação possível, nem passado algum que pudesse lhe fornecer qualquer elo de ligação com algum acontecimento presente. Levando em conta o significado em latim de recordar, que vem de cor, cordis, coração e que traz, em seu interior, a idéia de um retorno ao que se conservou no coração, seria possível compreender esta impossibilidade de recordar como impossibilidade de se ligar ao seu próprio coração, ao que bate, pulsa em si.

RECORDAR seria assim, como nos sugere Emmanuel Carneiro Leão, " ...voltar-se para o que se centra e, assim, centrado, conserva e se conserva no coração " (Leão 1985, 7).

Na histeria, não haveria, história acessível ao sujeito. Ou melhor, a história torna-se inacessível, trazendo uma descontinuidade essencial para o psiquismo. Apenas acessos, ataques, inibições, paralisias, constituiriam seu " álbum de retratos ". Apenas fragmentos. O passado permanece com toda uma intensidade afetiva somente comparável àquela deflagrada por acontecimentos e/ou fantasias atualizados no momento presente. Rompe-se o elo , o fio condutor que o próprio tempo constrói em sua trama. Restam apenas os murmúrios dos tiques, a imobilidade das paralisias, nevralgias, buscando preencher as lacunas abertas por uma ausência sempre presentificada de um passado que só fala NO e PELO corpo histórico.

Esta relação entre reminiscência/recordação e esquecimento, já foi anteriormente apontada por Walter Benjamin a propósito de Proust,

" Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu. (...) o importante para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento ?" (Benjamin, 1985, 37 )

Na histeria, o ESQUECER/RECORDAR seria mais importante do que a história vivida. Um esquecer que se referia sempre às representações e um recordar que se fazia sempre presente na

própria sintomatologia histérica.

Deste modo, os sintomas especialmente de conversão poderiam ser compreendidos como uma forma de recordação específica da histeria, que, de um lado dirigiam as representações para o espaço do esquecimento, de outro lado, deslocava as intensidades para o espaço do corpo, constituindo-o enquanto uma MEMÓRIA VIVA.

Nesta perspectiva, os sintomas histéricos expressariam uma forma de criação possível na histeria. E entre eles, podemos encontrar, em um primeiro momento, as auto-sugestões e as lembranças/reminiscências, e em um segundo momento, as fantasias.

Tal como a memória de Proust, as LEMBRANÇAS com FANTASIAS na histeria, também se constituiriam como ATOS DE CRIAÇÃO. Um ato de criação, que na histeria, passava por uma impossibilidade de esquecimento.

Seria assim a impossibilidade de esquecer que caracterizaria a histeria. De algum modo, os histéricos estariam colocados face a face ao mesmo dilema proustiano: como recordar? como rememorar? Para Freud, seria exatamente por não terem conseguido responder a este dilema, que os histéricos adoeciam. Se os histéricos sofrem de reminiscências, sofrem por não terem acesso tanto à memória como ao esquecimento.

No interior desta impossibilidade dupla \_de recordar e de esquecer\_ a relação entre recordação e esquecimento pode ser melhor compreendida. A rememoração como que se constituindo em uma forma de esquecimento. Ou, talvez, no único modo de esquecimento possível para o psiquismo. Sem poder recordar, não é possível esquecer.



Seria assim que, na histeria se produziria uma forma específica de relação entre o esquecimento e a memória, que chamaremos aqui de Memória do Esquecimento". Esta idéia de uma "memória do esquecimento" nos foi sugerida a partir da leitura de Santo Agostinho que, em suas "Confissões" (1947) nos fala que a própria memória reteria o esquecimento. Assim sendo, se é pela memória que nós retemos, não a imagem, mas a presença do objeto, senão tivéssemos a "lembrança do esquecimento", não poderíamos reconhecer que esquecemos, nem ao menos o objeto esquecido. O esquecimento seria uma imagem do objeto em nossa memória, pois se não o fôsse, nós jamais poderíamos rememorá-lo, ou seja, para ele, "...o esquecimento é, em minha memória, como a condição para que eu não esqueça" (S. Agostinho, 1947, 240).

Seria assim que, para que achemos algo perdido, seria necessário dele termos memória pois se o esquecemos absolutamente não poderíamos saber que o achamos. E ele se pergunta: "...onde procuramos o que buscamos, o que perdemos, senão na memória?" (S. Agostinho, 1947, 243).

Seria assim que, em Santo Agostinho haveria uma diferença entre "esquecimento" e "escapamento total", a saber: o escapamento se referindo à eliminação absoluta da imagem de um objeto e o esquecimento se constituindo como uma forma de reter a energia do objeto através de sua imagem. Ou seja, o que estamos chamando aqui, a partir de nossa interpretação das idéias de Santo Agostinho, de Memória do Esquecimento. "

Como já apontamos, também em Proust, encontraríamos esta possibilidade de aproximarmos esquecimento/memória como uma mesmo movimento. Como nos sugere Benjamin,

" A memória involuntária de Proust, não está mais próxima do esquecimento que daquilo que em geral chamamos de reminiscência ? Não seria o trabalho de rememoração espontânea (involuntária, inconsciente) em que a recordação é a trama e o esquecimento o oposto do trabalho de Penélope, mais que sua cópia ? Pois aqui é o dia que desfaz o trabalho da noite. Cada manhã, ao acordarmos, em geral fracos e semi-conscientes, segurando em nossas mãos apenas algumas franjas da tapeçaria da existência vivida, tal como o esquecimento a teceu para nós. Cada dia, com suas ações intencionais e, mais ainda, com suas reminiscências intencionais, desfaz os fios, os ornamentos do olvido " (Benjamin, 1985, 37 ) (o que está em parênteses é nosso).

Esta aproximação com a memória involuntária de Proust, que nos foi oferecida por Benjamin, é bem interessante para os objetivos de nosso trabalho na medida em que, através de Proust, podemos vislumbrar uma possibilidade de pensar as relações entre o esquecimento e a memória que, ao invés de privilegiar a sua dimensão meramente reprodutiva, enfatiza exatamente, sua dimensão criativa.

Esta dimensão criativa da memória em Proust se faria, principalmente a partir da importância das sensações, das impressões e das imagens e da introdução da dimensão de Tempo no próprio processo de rememoração.

Esta dimensão de Tempo se introduziria a partir do que Proust chama de "coexistência" de duas sensações, referentes a dois momentos diferenciados do tempo, em um mesmo momento do Tempo \_o Tempo puro. Ou seja, a Memória como se constituindo a

partir de uma coexistência virtual de passado e presente. Um presente que não deixaria de passar e um passado que não deixaria de ser. (Proust, 1981)

Ao longo deste trabalho, esta questão vai ser melhor desenvolvida. No momento, porém, trata-se apenas de apontar para esta possibilidade de aproximação.

No interior desta perspectiva, é que nos propomos aqui a compreender a importância da hipnose, para a Psicanálise.

Seria, assim, que, no final do século XIX, a hipnose pôde surgir, para Freud, como um dos instrumentos mais eficazes para o tratamento da histeria exatamente na medida em que ela propiciava, ao sujeito histérico, a possibilidade de rememoração. E, conseqüentemente, de ligação do sintoma com sua suposta causa desencadeante. Para lidar com essa impossibilidade de lembrar/esquecer, característica da histeria, tornar-se-ia,

"necessário hipnotizar o paciente e despertar sob hipnose, suas lembranças da época em que o sintoma surgiu pela primeira vez, feito isto, torna-se possível demonstrar a conexão causal, da forma mais clara e convincente" (Freud, 1893, 43)

A hipnose, proporcionava, assim, a realização de tudo aquilo que o sujeito histérico não lograva alcançar em sua vida de vigília: o estabelecimento da relação causal entre a experiência vivida no passado e a sintomatologia histérica que marcava seu momento presente.

\* Comentando sobre o caso de Anna O. ou Berta Pappenheim, paciente de Joseph Breuer (1842-1925) durante os anos 1880-1882 - Freud afirma:

"Em seu estado de vigília a moça não podia descrever mais do

que outros pacientes como seus sintomas haviam surgido, assim como não podia descobrir ligação alguma entre eles e quaisquer experiências de sua vida. Na hipnose ela de pronto descobria a ligação que faltava" (Freud, 1925, 32).

Mas, entre a utilização do método hipnótico por Jean-Martin Charcot e a sua posterior aplicação por Sigmund Freud e Joseph Breuer, já associado ao método catártico, ocorreram de um lado, uma série de transformações no próprio modo de utilização da hipnose, como também, por outro lado, na própria concepção da histeria como doença. As transformações técnicas, achavam-se, assim, vinculadas à própria compreensão da histeria enquanto fenômeno psíquico, segundo o ponto de vista adotado neste trabalho. E, mais do que isto, vincular-se-ia à própria história da construção da realidade psíquica enquanto objeto de conhecimento.

No cerne desta questão, estaria uma forma específica de problematização das relações entre o esquecimento e a memória que somente se tornou possível a partir da ruptura, a nível do pensamento científico, médico, psicológico e clínico mais especificamente - da relação de identidade entre a consciência e o psiquismo. Ruptura esta que, se, de um lado, pôde ser apontada a partir das manifestações históricas, somente a partir da reflexão propriamente psicanalítica pôde ser levada às suas últimas consequências tanto a nível da teoria como a nível da clínica.

Seria, assim, que, com o objetivo de traçar um paralelo entre as transformações técnicas, as transformações das concepções sobre a histeria e a constituição do psiquismo enquanto objeto de conhecimento, optamos aqui por um breve resumo das principais

correntes técnicas e suas concepções, sempre levando em conta sua importância específica, de um lado, para a problematização das relações entre o esquecimento e a memória; de outro lado, para o advento da teoria psicanalítica.

### 3.2 CHARCOT E A HIPNOSE

A importância do método hipnótico para a compreensão dos mecanismos psíquicos subjacentes ao fenômeno histérico não poderia ser reduzida à reconstituição da memória do paciente.

Em verdade, a utilização da hipnose como método específico de rememoração pode ser incluída no rol das contribuições de Freud à técnica de experimentação e de investigação terapêutica.

Para Jean Martin Charcot (1825-1893), que foi o responsável pela introdução oficial do método hipnótico na Academia das Ciências, em França, em 1882 (Trillart, 1991, 155), a hipnose era, antes de tudo, um instrumento de reprodução da sintomatologia histérica.

Foi através da reprodução em cena dos fenômenos histéricos que Charcot pôde trazer a histeria para o campo das doenças nervosas, retirando-a tanto do campo das doenças orgânicas como do campo da mera simulação e/ou credulice.

Desde 1882, quando se criou a Cátedra de Neuropatologia na Salpêtrière, chefiada por Charcot, que este vinha se dedicando ao estudo das neuroses, especialmente da histeria, tendo se afastado do estudo das doenças nervosas com base em alguma lesão orgânica. Ao reproduzir artificialmente a paralisia histérica em suas pacientes, foi possível constatar que essa paralisia, não só não provinha de nenhuma causa orgânica, como também não se reduzia à mera simulação, rebeldia e/ou imaginação dos pacientes. Tratava-se de uma doença de ordem nervosa com uma objetividade que lhe era particular.

Para Charcot, a histeria era apenas um tópico a mais no interior da neuropatologia, um tipo específico de patologia ao qual era necessário fornecer uma descrição completa dos fenômenos, demonstrar suas leis e regularidades, reconhecer os sintomas que possibilitariam a elaboração do diagnóstico. A definição da doença deveria se fazer, assim, de modo nosográfico, ou seja, pela descrição dos sintomas, elaboração de um diagnóstico e de um prognóstico.

Era assim que a produção das manifestações histéricas, mais particularmente dos ataques, era provocada pela equipe de Charcot na medida em que se acreditava que, a partir das transformações visíveis que ocorriam durante os ataques, era possível se eliminar um ou outro sintoma localizado.

Se, de um lado, a produção/reprodução dos ataques histéricos, durante as sessões clínicas na Salpêtrière atestava o aspecto indutor e sugestivo da hipnose, de outro lado, para Charcot, o processo de investigação, através da hipnose, nada criava a mais. A hipnose, apenas colocava a "olhos nus", o próprio mecanismo psíquico subjacente à histeria. Se, neste processo, ocorria a eliminação do sintoma, a cura era apenas uma das possibilidades entreabertas pelo percurso, mas, de modo algum, seu objetivo principal. Seria, assim, que, se a hipnose nada criava, ela também nada eliminava. Seu objetivo principal — da hipnose tal e qual era empreendida por Charcot — era a investigação e experimentação clínica, compreendidas aqui como um processo da ordem do olhar da ordem de uma simples reprodução:

"Seria algo estupendo para mim saber que por impulso de meus caprichos e fantasias, teria eu o poder de criar enfermidades. Mas

em realidade só sou aqui um fotógrafo. Afirmo o que vejo, e me resultaria muito fácil demonstrar que estas coisas não sucedem unicamente em Salpêtrière." (Trillart, 1991, 121)

O privilégio concedido ao olhar, à dimensão visual e espetacular do fenômeno histórico nos remete a análise de Michel Foucault em "O Nascimento da Clínica" (1987). Segundo Foucault, a observação clínica se caracterizaria exatamente por definir um espaço no interior do qual o olhar apenas observa e se abstém de toda e qualquer intervenção. Tudo seria absolutamente visível. Não haveria nada de supostamente oculto, que poderia ser trazido à luz a partir da imaginação do observador. A imaginação, em verdade, era considerada como um obstáculo à observação sensível na medida em que ela anteciparia algo até então não percebido, descobriria relações ilusórias entre os fenômenos e faria falar o que era inacessível aos sentidos (Foucault, 1987, 122). Desprovido das tentações da imaginação, a observação clínica pode finalmente se constituir em um olhar que apenas lê um espetáculo que se ofereceria ao olhar, que seria da ordem da visibilidade. Seria, assim, a partir da dimensão perceptiva que a experiência clínica se faria. Este olhar clínico, em verdade, seria um "olhar de sensibilidade concreta" (Foucault, 1987, 137), para o qual a verdade seria sempre da ordem da sensibilidade e não mais da ordem da imaginação.

Como nos sugere Foucault,

" Um olhar que escuta e um olhar que fala: a experiência clínica representa um momento de equilíbrio entre a palavra e o espetáculo. Equilíbrio precário, pois repousa sobre um formidável



postulado: que todo o visível é enunciável e que é inteiramente visível, porque é integralmente enunciável." (Foucault, 1987, 131)

Seria assim que, para a experiência clínica, somente o que é visível seria enunciável e isto exatamente porque seria da ordem da visibilidade. Ou seja, somente o visível, por ser visível, é que poderia ser traduzido em uma linguagem.

Neste sentido, era exatamente a partir da dimensão visual das manifestações históricas, das encenações promovidas por suas pacientes históricas, que se tornou possível, para Charcot, traçar um estatuto clínico objetivo para a histeria, provar a autenticidade das suas produções, sua obediência a leis. Foi, assim, a partir desta dimensão de "teatralização" do fenômeno histórico que a histeria pôde se inscrever na ciência médica de final do século XIX enquanto doença nervosa (Racamier, 1975, 13). Nem de ordem orgânica, nem de ordem imaginária, mas um fenômeno clínico objetivo.

Em um "Estudo Autobiográfico" redigido em 1924, Freud nos fala sobre o que mais lhe havia impressionado em sua estada na Salpêtrière, em 1885:

"...ele (Charcot) provava, por exemplo, a autenticidade das manifestações históricas e de sua obediência à leis (...), a produção de paralisias e contraturas históricas por sugestão hipnótica e o fato de que tais produtos artificiais revelavam, até em seus menores detalhes, as mesmas características que os acessos espontâneos, que eram muitas vezes provocados traumáticamente" (Freud, 1925, 24).

Seria, assim que, para Charcot, a histeria era uma doença de origem nervosa e com um estatuto objetivo, com suas leis e regularidades próprias, que não tinha como causa nenhuma lesão

orgânica,mas que era produto de modificações fisiológicas do sistema nervoso,ou seja,de uma distribuição diferente de suas condições de excitabilidade.como nos afirmaria Freud a partir de Charcot em um texto de 1888,"A Histeria" que comentaremos posteriormente.

Sua etiologia (da histeria) era considerada como proveniente de uma disposição hereditária para a doença,disposição esta responsável pela produção de uma perturbação de ordem física a partir da ocorrência de uma idéia.

Foi Charcot quem primeiro compreendeu que,o que estava em questão nos casos de traumatismo físico\_ que se tornaram cada vez mais frequentes a partir da construção das estradas de ferro e da crescente utilização dos trens como meios de transporte\_ não se devia ao acidente propriamente dito,mas fundamentalmente à ocorrência de uma idéia que se fixara no psiquismo do sujeito no momento do acidente.O acidente,na verdade,podia até não ter ocorrido pois,o fundamental,para a deflagração do trauma,era a idéia de que o acidente houvesse ocorrido.É Pierre Janet quem nos afirma:

" Estudando as paralisias desses enfermos,Charcot demonstrou que a perturbação não é produzida por um verdadeiro acidente,senão pela idéia desse acidente;não é necessário que a roda do automóvel haja passado realmente sobre a perna do enfermo,é suficiente que ele tenha a idéia de que a roda passou por cima das pernas" ".(Janet,1975,176)

Seria,assim,que foi possível,para Charcot,estabelecer um paralelo entre as paralisias produzidas por acidentes traumáticos

e as paralisias sugeridas, durante a hipnose, em suas pacientes histéricas. Este paralelo era estabelecido a partir da noção de auto-sugestão.

Na verdade, para ele, o traumatismo físico apenas fôra responsável pela produção espontânea de um estado psíquico semelhante ao estado psíquico sugerido durante a hipnose. Nos casos de traumatismo "físico", tratava-se, assim, da produção de um estado hipnótico "espontaneamente" produzido, algo como uma auto-hipnose.

Segundo ele, durante a hipnose, seria,

"possível despertar nos órgãos psíquicos uma idéia ou grupo de idéias associadas que, na ausência de qualquer controle e de qualquer crítica, deverão estabelecer-se em estado autônomo, viver, de certo modo, como um parasita e, por isso mesmo, adquirindo uma enorme força e um poder de realização, por assim dizer, sem limites". (Trillart, 1991, 157)

Esta mesma possibilidade ocorreria nos casos de traumatismo a partir das auto-sugestões, que seriam sugestões não necessariamente postas em cena pela palavra, ou seja, não seriam sugestões verbais. Qualquer sensação, seja um cheiro, uma visão, um toque ou uma simples sensação tal e qual a sensação provocada por um traumatismo mínimo — no caso, a sensação produzida pelo acidente, mesmo que ele não tenha efetivamente ocorrido — poderiam se constituir em uma auto-sugestão. Desta forma, foi possível estabelecer um paralelo entre as paralisias traumáticas e as paralisias histéricas, com base na existência, em ambas, de um mesmo mecanismo deflagrador, a auto-sugestão (Trillart, 1991, 158).

Mais do que isso, nessas condições, para Charcot:

"É o caso de se perguntar se o estado mental ocasionado pela

emoção, pelo choque mental (nervous chock) experimentado no momento do acidente, não equivaleria ao estado cerebral que determina nas histéricas, as práticas de hipnotismo "(Trillart, 1991, 161).

Ou seja, um estado mental que seria por si só capaz de provocar igualmente, tanto o fenômeno de auto-sugestão - intensificação de uma idéia fixa que ocorre no psiquismo do sujeito no momento do acidente, como o de auto-hipnose - um estado de letargia ou de sonambulismo, no interior do qual o sujeito ouve, compreende e até executa os atos ordenados pelo experimntador sem disso se recordar posteriormente.

Seria assim que a partir da concepção de que era possível se produzir artificialmente um estado de paralisia semelhante ao que ocorria naturalmente na histeria, ficava provada a natureza fundamentalmente psíquica dos fenômenos histéricos. Isto é, tudo aquilo que poderia ser produzido artificialmente no psiquismo, seja pela hipnose, seja produzida por sugestão, era possível de ser considerado como sendo de causa psíquica, ou seja, nem física nem orgânica.

O método hipnotico, no entanto, trazia outro interesse na medida em que possibilitava não apenas reproduzir os próprios sintomas, mas, principalmente, reconstruir a idéia responsável, melhor dizendo, a causa desencadeante dos fenômenos e sintomas histéricos.

Em um mesmo movimento, ficava constatada tanto a regularidade dos fenômenos histéricos como sua natureza psíquica. Se, de um lado, estes fenômenos eram produtos de modificações fisiológicas do sistema nervoso decorrente de uma disposição

hereditária para a doença, de outro lado, a ocorrência de uma idéia, era capaz, não só de atualizar esta disposição, como era capaz de produzir um mesmo movimento as manifestações históricas.

Seria assim que, ao atingir o mecanismo dos distúrbios históricos, a hipnose se constituía como instrumento privilegiado, não só de uma possível terapia da histeria, mas principalmente de investigação e pesquisa. Foi assim o recurso à hipnose que possibilitou a Charcot ser o primeiro a explicar a histeria com base em um mecanismo de base psicológica.

Foi está ( a hipnose ) que "permitirá a Charcot preencher um vazio, montar a peça faltante, a da patogenia da histeria". (Trillart,1991,152). Para ele, a hipnose não tinha um objetivo terapêutico mas experimental na medida em que, através dela, não visava eliminar os sintomas mas fornecer as condições de possibilidade para o conhecimento clínico da histeria e sua construção enquanto objeto de conhecimento e doença mental.

Em longa citação, Etienne Trillart descreveu pormenorizadamente que ele denomina Itinerário experimental de Charcot:

"A porta de entrada é a catalepsia provocada por procedimentos diversos, em particular por forte luz. A partir daí, a doente fica como que fascinada, imóvel, os olhos bem abertos. Ela está como que ausente; não se pode mais comunicar com ela. Nesse estado, ela conserva indefinidamente as atitudes que lhe imprime o experimentador. Curiosamente o rosto, até aqui de imobilidade de cera, põe-se a exprimir sentimentos ou emoções relacionados à atitude imposta. Se se aproxima a mão da boca, como no gesto de um beijo, o sorriso aflora aos lábios. É a isso que Braid chamava de sugestão e Charcot o cita.

Num segundo momento, se suprime a excitação luminosa baixando as pálpebras da doente, provoca-se um estado de letargia histérica ou de sonambulismo. A doente, até então paralizada nas atitudes impostas, desaba. Ela tem a aparência do sono. Nesse estado sonambúlico, contrariamente ao estado precedente o experimentador pode entrar em contato com ela pela comunicação verbal e fazê-la executar certos atos"<sup>1</sup> (Trillart, 1991, 152).

Seria assim que, a partir de uma sugestão, praticamente indireta e realizada com base em aproximações e atitudes físicas, se se apaga a forte luz e fecha os olhos da paciente, provoca-se um estado de sonambulismo ou letargia histérica (aparência de sono) no qual o experimentador entra em contato com a paciente através da comunicação verbal, fazendo-lhe, inclusive, executar certos atos, o que não ocorre na situação anterior de sugestão.

Nesse estado de letargia observa-se uma hiperexcitabilidade muscular responsável pelo fato de que "basta exercer uma pressão sobre um músculo para que este se contraia temporariamente ou permanentemente.

Produz-se, assim, a reprodução experimental de um processo espontâneo. Ou seja, através da experimentação se cria um tipo de histeria, a histeria experimentalmente provocada, a partir da qual se tornou possível a descoberta das leis que regem o desenvolvimento "espontâneo" da histeria.

---

1. Atentamos para as expressões utilizadas nesta descrição: fascínio, ausência, conservação, imobilidade, expressão sentimentos, estado sonambúlico, são todas expressões que se referem à uma encenação da histeria que passa por impressões produzidas na relação entre experimentador e paciente. A partir da produção de imagens visuais se chega à produção de atos, mediante a comunicação verbal, a palavra.

Em 1893, após a morte de Charcot, Freud chama a atenção para a importância da hipnose como instrumento de pesquisa experimental:

"enquanto ocupado no estudo das paralisias histéricas derivadas de traumas, teve a ideia de reproduzir artificialmente aquelas paralisias, que previamente diferenciara das orgânicas com todo o cuidado. Para esse propósito, utilizou pacientes histéricos que colocava em estado de sonambulismo, hipnotizando-os. Teve êxito em provar, através de uma sólida cadeia de argumentos, que essa paralisias eram resultado das ideias que tinham dominado o cérebro do paciente em momentos de disposição especial. Desse modo, o mecanismo de um fenômeno histérico era explicado pela primeira vez"

No trecho acima, duas questões chamam especialmente a atenção do leitor, a saber:

\* O fato do processo hipnótico reproduzir artificialmente os próprios distúrbios histéricos derivados de traumas;

\* A explicação do mecanismo de um fenômeno histérico a partir de ideias ou representações que haviam surgido no psiquismo do sujeito em um momento especial;

Observa-se, assim que o recurso à hipnose como método de investigação e pesquisa encontrava a sua razão não somente na observação dos fatores fisiológicos e psicológicos presentes durante a ocorrência das manifestações histéricas, mas, fundamentalmente no fato de que a hipnose se constituía em um método de produção do próprio fenômeno que ela visava investigar. A hipnose, enquanto método de investigação produzia o seu próprio objeto de conhecimento, as manifestações e os sintomas histéricos, e era

exatamente a partir desta produção/reprodução, com base em sugestões feitas pelo hipnotizador ao paciente, que foi possível explicar o mecanismo básico da histeria, a saber, a produção de uma representação durante a ocorrência do fato traumático.

Por outro lado, se a hipnose era capaz de produzir uma manifestação histérica, isto somente poderia ocorrer na medida em que, ambos os fenômenos, o hipnótico e o histérico, possuíssem uma propriedade comum. Tratava-se, então de buscar compreender os mecanismos subjacentes à hipnose e à histeria com base nessa propriedade comum e a partir daí, determinar semelhanças e diferenças, continuidades e descontinuidades entre ambas. Essa propriedade comum era de natureza psicológica e remetia diretamente à questão das relações entre as condições fisiológicas de excitabilidade e as condições psicológicas presentes durante a produção do mecanismo dos fenômenos histéricos.

Na verdade, para Charcot, tanto a histeria como a hipnose tinham suas leis, na medida em que, em ambos os processos, tratava-se de um mesmo fenômeno. (Trillart, 1991, 155)

No entanto, a abordagem da histeria desenvolvida por Charcot voltada para a descrição e caracterização dos sintomas apresentava limites bastante precisos para o aprofundamento das investigações. Segundo Freud,

"A abordagem exclusivamente nosográfica adotada na escola de Salpêtrière não é adequada para um assunto puramente psicológico." (Freud, 1893, 33)

A contribuição dada por Charcot ao estudo da histeria e da hipnose, segundo Freud,



"Submergiu na apreciação dos contemporâneos de Charcot quando o discípulo de Liébeault, Bernheim, partiu para a construção de um teoria do hipnotismo sobre fundamentos psicológicos mais abrangentes, fazendo da sugestão o ponto central da hipnose."

Isto porque, se ao reproduzir a sintomatologia da histeria a partir do próprio processo hipnótico, Charcot demonstrara o caráter psíquico dos fenômenos histéricos já que eles podiam ser reproduzidos e eliminados através de processos de ordem psíquica tais como a hipnose e a sugestão, este fato, no entanto, não o levou a aprofundar as investigações quanto à natureza psicológica da histeria.

Para Charcot, a histeria era apenas uma enfermidade mental, uma síndrome tal e qual aquelas que eram produzidas por lesões orgânicas. Não se tratava de penetrar nas idéias e/ou sentimentos dos enfermos, como propõem a introspecção por Pierre Janet, mas apenas, como todo bom fotógrafo, afirmar o que era visto. Falar sobre o que era existente.

Compreende-se, assim, a célebre frase de Charcot, amiúde citada por Freud, as teorias são boas mas não impedem que as coisas existam:

**La théorie, c'est bon, mais ça n'empêche pas d'exister** (Freud, 1983, 23)

E o existente era, essencialmente, da ordem das VISIBILIDADES, do que podia ser visto.

É possível assim se pensar em uma constituição do olhar clínico, como um olhar voltado para o objeto considerado como já dado e

não como sendo constituído. Muito embora tenha sido possível para nos apontarmos para esse carácter produtivo da hipnose com método de investigação, não é possível considerar que essa produção tenha sido levada em conta por Charcot enquanto elemento de sua clínica.

Como o próprio Freud nos descreve, Charcot era um homem essencialmente visual, não era reflexivo;

"era, como ele mesmo dizia, um "visuel", um homem que vê"  
(...)Costumava olhar repetidamente as coisas que não compreendia, para aprofundar sua impressão delas dia a dia, até que subitamente a compreensão caía nele. Em sua visão mental o aparente caos apresentado pela repetição contínua dos mesmos sintomas cedia então lugar à ordem: os novos quadros nosológicos emergiam, caracterizados pela combinação constante de certos grupos de sintomas." (Freud, 1893, 22)

Nesse sentido, o que para Charcot se constitui como um ponto de chegada, pôde se constituir, para Freud, em um ponto de partida central. Ou seja, enquanto para Charcot, a natureza psíquica e produtiva dos fenómenos histericos acabou se colocando como algo que não foi investigado em seus desdobramentos teóricos-clínicos, para Freud, ele se constitui no verdadeiro ponto de partida de sua investigação teórico-clínica.

### 3.3 BERNHEIM E A SUGESTÃO

A aproximação entre Sigmund Freud e Hyppolite Bernheim (1837-1919) pode ser melhor compreendida a partir do interesse deste em investigar os fundamentos psicológicos da hipnose e da histeria.

Por volta da mesma época \_ 1882 \_ em que Charcot estudava a histeria adotando a hipnose como método de investigação ,em Nancy, Bernheim e seus discípulos realizaram uma série de experiências que os levaram a excluir dos fenômenos hipnóticos, qualquer modificação de ordem fisiológica.

Para Bernheim, os enigmas da hipnose só eram passíveis de explicação na esfera da psicologia .A sugestão era assim considerada como o fundamento e a chave para a compreensão do hipnotismo. Considerava ele que,

" todos os fenômenos do hipnotismo têm a mesma origem :isto é, surgem de uma sugestão, de uma idéia consciente que foi introduzida ,mediante uma influência externa no cérebro da pessoa hipnotizada e por esta foi aceita como se tivesse surgido espontaneamente. Sob esse ponto de vista, todas as manifestações hipnóticas seriam fenômenos psíquicos, efeitos de sugestões " (Freud, 1888, 119-120).

E assim que, para Bernheim, a sugestão consistia no ato de introduzir uma idéia no psiquismo. Esta idéia, seja ele introduzida por um outro ou pelo próprio sujeito, seria exterior ao sujeito ,na medida em que seria "sugerida" ,por uma palavra ou uma ação, vinda DE FORA.

A sugestão é ,deste modo,compreendida como o processo pelo qual uma idéia é proposta ao sujeito,que pode aceitá-la ou recusá-la (Trillart,1991,182-183).

Mais do que isso,para Bernheim,a própria histeria não existia.Isto é ,ela não seria nunca produzida espontaneamente ,mas um produto artificial.

Sua marca essencial era a sugestionabilidade que estaria presente tanto no fenômeno histérico como no processo hipnótico.

Desta forma,ambos os fenômenos ,a histeria e a hipnose ,seriam produtos da sugestão .É Bernheim quem afirma :

"Quando há mais de trinta anos,esclarecido pela prática de um médico desconhecido que se chamava Liébeault ,eu comecei meus estudos sobre a sugestão e apliquei esse método de observação à histeria ,não tardei a perceber que essa descrição tão precisa era frequentemente artificial,que essa sintomatização era devida ,em grande parte,à imitação e à sugestão,que a grande histeria,com sua evolução de fases que se desenrolam como um rosário,era uma histeria de cultura ;eu constatei que a sugestão experimental frequentemente modifica essa evolução à sua maneira e pode suspendê-la em qualquer de seus períodos "(Trillart,1991,180).

Para Bernheim,como vimos,a patologia histérica era essencialmente um produto artificial,fruto da intervenção médica.

A histeria,como doença,era concebida como o produto de uma idéia que teria ocorrido ao sujeito no momento de um acidente ,não importando se ele tenha sido introduzida por um terceiro ou produzida pelo próprio sujeito . Uma idéia que ,em função da

tendência psíquica à sugestionabilidade, natural a todo psiquismo humano, se fixa no psiquismo do sujeito.

Assim sendo, se o sujeito adoecia em função de uma idéia, também era possível que ele se curasse através da introdução em sua consciência de uma sugestão de cura.

A sugestão, assim compreendida, pode ser descrita como a tentativa de curar o sujeito histérico a partir da influência psíquica que o terapeuta exerce sobre o seu paciente. Deste modo, o terapeuta apenas contrapõe uma idéia-sugestão de cura à idéia que motivou a doença. A sugestionabilidade, como vimos, seria o pano de fundo comum tanto da produção do sintoma como da sua eliminação, ou seja, da sua terapêutica. E assim que :

"é difícil acreditar o quanto estamos expostos a fazer sugestões inconscientes aos neuropatas e aos histéricos : criam-se nevralgias, zonas histerogênicas, anestésias, até mesmo antecedentes mórbidos ilusórios ; exteriorizamos sobre os doentes nossas próprias concepções ; fabricamos uma observação com as idéias preconcebidas que temos no espírito " (Trillart, 1991, 182).

Em última análise, para Bernheim, a doença não existe ; e apenas um produto da intervenção médica.

Em uma tentativa de sintetizar as duas concepções em questão, a de Charcot e a de Bernheim, propomos que :

\_ A escola de Salpêtrière, com Charcot, de um lado, propunha a tese de que a hipnose e a histeria eram fenômenos de natureza fisiológica e seriam espontaneamente produzidos ; o hipnotizador tinha apenas a tarefa de reproduzir em condições artificiais \_ o processo hipnótico \_ , um fenômeno \_ a histeria \_ que ocorria naturalmente .

A escola de Nancy, com Bernheim, por outro lado, considerava que a hipnose e a histeria eram fenômenos de natureza psicológica, produzidos artificialmente por uma sugestão vinda de fora, e em função de uma disposição natural à sugestibilidade. A própria hipnose, segundo Bernheim, era o produto de uma sugestão de dormir.

Freud, no entanto, não podia concordar com nenhuma das duas concepções. Para ele, não era possível negar a objetividade presente na hipnose e na histeria. Nem muito menos a ocorrência de fenômenos fisiológicos, independentes da própria intervenção do investigador. Para ele,

"Relatos provenientes de épocas passadas e de países distantes, que foram reunidos por Charcot e seus discípulos, não dão margem à dúvida de que as peculiaridades, da anestesia, das paralisias e contraturas se têm manifestado em todos os tempos e lugares, tais quais foram vistas na Salpêtrière." (Freud, 1888, 122)

Em verdade, para Freud, a sintomatologia da histeria possuía,

"natureza real, objetiva; não é forjada pela sugestão por parte do observador. Isto não significa negar que seja psíquico o mecanismo das manifestações histéricas; não podemos, porém, atribuir seu mecanismo simplesmente à sugestão proveniente do médico" (Freud, 1888, 122).

Muito embora a sugestão, com ou sem hipnose, se constituísse, para Freud, em um dos instrumentos mais utilizados em sua prática clínica até então (1889), a sugestão propriamente dita, tal como utilizada por Bernheim, nunca chegou a se constituir em uma técnica privilegiada de trabalho para Freud.

Foi a partir de um fracasso terapêutico que Freud realizou sua viagem de trabalho a Nancy acompanhado da baronesa Anna von Leuben, a frau Caecilie de "Estudos sobre a Histeria". Nesta viagem, Freud entra em contato mais íntimo com as vantagens, mais principalmente com os limites da sugestão.

Uma outra questão era que, se Freud concordava com o caráter psíquico dos mecanismos subjacentes aos fenômenos histéricos, esses mecanismos, de modo algum podiam ser reduzidos a sugestão. Se a sugestão tudo explicava, faltava explicar a própria sugestão enquanto mecanismo psicológico. Isto é, enquanto um mecanismo capaz de criar estados psíquicos particulares.

Na verdade, a sugestão, para Freud, não tem o poder de criar estado psíquico algum, mas apenas de evocar estados psíquicos anteriormente existentes (Freud, 1893-95, 147).

Por outro lado, ela também apresentava limites bem precisos como método terapêutico propriamente dito. Muitos de seus pacientes, embora sugestionáveis em um estado de sonambulismo, se mostravam altamente resistentes às sugestões feitas por Freud, seja em função de seu caráter autoritário, seja em função de seu cunho moral.

Foi exatamente a partir das críticas que lhe foram feitas por Frau Emmy, que Freud foi adotando e criando um outro método de trabalho, a análise psíquica. Este método que consistia na análise da história psíquica dos sintomas e das intensidades em conflito que os sustentavam, das resistências, enfim, somente pôde se constituir a partir do momento em que Freud desiste da sugestão.

Isto porque somente quando Freud desiste de intervir no

processo de associação psíquica de seus pacientes, é que ele pôde se defrontar com as intensidades que direcionavam este processo.

É assim que, ao invés das garantias, proibições, e/ou ordens, foram as análises psíquicas que asseguraram a eliminação dos sintomas na maioria de seus casos clínicos. (Freud, 1893-1895, 145).

"Se penetrarmos no mecanismo de "idéas fixas", constataremos que se acham baseadas e apoiadas por tantas experiências, que atuam com tal intensidade, que não nos podemos surpreender em verificar que essas idéias são capazes de opor uma resistência bem sucedida à idéia contrária apresentada pela sugestão, que se acha revestida de poderes apenas limitados. Apenas de um cérebro verdadeiramente patológico é que se poderia varrer por mera sugestão produtos tão bem fundamentados de fatos psíquicos intensos" (Freud, 1893-1895, 145).

Destaca-se aqui, o espírito investigador de Freud que não se conformava com seus erros, nem era por eles paralizado. E aprendia principalmente com seus pacientes. Foi assim que seguindo a sugestão de Frau Emmy, Freud decide adotar um outro procedimento : a análise psíquica.

É assim que, o confronto com as intensidades e a constatação de que a mera sugestão não era suficiente para combatê-las, faz com que Freud abandone a sugestão e inaugure um método terapêutico com base na associação livre (Freud, 1893-1895, 146).

Neste processo de abandono da sugestão ... que, em Freud, sempre foi utilizada associada à hipnose e ao método catártico ... foi extremamente importante uma observação de Bernheim. Para



ele, os histéricos, de fato, não esqueciam.

Neste sentido, bastava que o terapeuta fizesse pressão e afirmasse que "eles sabiam", para que as lembranças supostamente esquecidas, viessem à tona.

Na verdade, o objetivo de Freud ao usar a sugestão, era que o paciente recuperasse a memória, cuja perda era considerada como a causa originária da neurose. Era assim que, na medida em que a experiência clínica de Freud passou a confirmar a observação de Bernheim, a sugestão, enquanto uma técnica utilizada com o objetivo de "ordenar" ao paciente que se lembrasse e, deste modo, recuperasse sua memória, tornou-se desnecessária.

Ou seja, a sugestão nunca foi, para Freud, o procedimento principal de seu método terapêutico, mas apenas um dos recursos utilizados para a recuperação da memória. Tratava-se, fundamentalmente, de produzir uma sugestão de lembrança, ali onde o paciente dizia nada lembrar. Assegurar-lhe que, embora não pudesse recordar, suas lembranças se conservaram intactas e passíveis de serem recuperadas a partir da adoção de um método terapêutico adequado.

"Livrei-me desse novo problema [o fracasso da hipnose] lembrando-me de que vira Bernheim dando provas de que os fatos lembrados durante o sonambulismo são apenas aparentemente esquecidos no estado de vigília, e podem ser revividos por meio de uma suave palavra de comando e uma pressão com a mão, destinada a indicar um estado diferente de consciência (...). Resolvi partir do pressuposto de que meus pacientes sabiam de tudo que fosse de qualquer significado patogênico e que se tratava apenas de uma questão de obrigá-los a comunicá-lo" (Freud, 1893-1895, 156-157).

### 3.4 ENTRE CHARCOT E BERNHEIM

No início de sua prática clínica em neuropatologia, Freud desenvolveu uma relação bastante curiosa com a hipnose. Se, de um lado, ele a considerava como um instrumento válido para a investigação e pesquisa sobre a histeria, de outro lado, as próprias limitações impostas pela utilização da hipnose como método — basicamente o fato de que nem todas suas pacientes eram hipnotizáveis — o levaram a aprofundar a investigação sobre os mecanismos psíquicos subjacentes à histeria.

Esta ambiguidade básica sempre permeou suas relações com Charcot e Bernheim, fazendo com que ele se dirigisse para a formulação de uma alternativa clínica diversa.

Em 1886, porém, quando Freud inaugura sua prática clínica, a utilização do método hipnótico e a própria concepção da histeria por ele formulada, estavam ainda profundamente marcadas pela influência de Charcot.

Seria assim que, em um artigo sobre a histeria escrito para a *Encyclopedie de Villaret*, em 1888, Freud apresenta sua concepção sobre a doença ainda com base nos pontos de vista defendidos pelo neuropatologista francês. Nesse artigo, ele introduziria a noção de modificação da distribuição das quantidades de excitação no sistema nervoso, como aponta Andre Green (Green, 1982, 26).<sup>1</sup>

Seria assim que a histeria é definida como,

-----

1. No livro em questão, em sua primeira edição, este artigo está datado de 1892. Como porém, o mesmo artigo vem datado de 1888, nas edições da Standard Editions, optamos por esta última data.

"...uma anomalia do sistema nervoso ,que se fundamenta numa distribuição diferente das excitações,provavelmente acompanhada de um excesso de estímulos no órgão da mente.Sua sintomatologia mostra que esse excesso é distribuído por meio de idéias conscientes ou inconscientes . Tudo o que modifica a distribuição das excitações no sistema nervoso pode curar os distúrbios histéricos ;esses efeitos são ,em parte, de natureza física e ,em parte ,de natureza diretamente psíquica."(Freud,1888,99)(grifos nossos).

Algumas questões merecem ser destacadas neste texto pela importância que possuem para o nosso trabalho ,a saber :

\_ o fato de que o funcionamento do sistema nervosa teria como base a distribuição das excitações.Assim sendo , qualquer diferença nesta distribuição deveria produzir um excesso de estímulos;

\_ este excesso de estímulos , por sua vez ,se distribuiria em idéias conscientes e idéias inconscientes , isto é , incidiria diretamente no próprio campo das idéias ;

\_ se esta distribuição diferente das excitações poderia ser responsável pelas anomalias do sistema nervoso, também poderia produzir a sua cura ,isto é , a idéia de que tudo aquilo que faz adoecer ,também pode curar ;

\_ os efeitos produzidos por esta distribuição diferente das excitações seriam tanto de natureza psíquica como de natureza física ;

Esta concepção da histeria como um processo de natureza

física e psicológica pode ser considerada como uma tentativa ,feita por Freud , de se situar em face das grandes discussões de sua época .

Em verdade ,até 1878 ao menos ,ainda havia ,na Alemanha ,uma forte convicção generalizada de que a histeria e, junto com ela , a hipnose ,seriam frutos ,seja da simulação e/ou imaginação , seja da credice.Nesse sentido ,era como se não houvesse o reconhecimento da possibilidade de que um fenômeno ,que não repousasse em nenhuma causa orgânica , pudesse ser determinado por algo diferente de uma vontade consciente.

Era assim que as manifestações históricas ,na medida em que não possuíam nenhuma causa orgânica ,eram consideradas como produtos da imaginação .

Por outro lado , desde a primeira metade do século XIX, predominava ,nos meios médicos e científicos franceses ,a convicção de que haveria uma identidade real entre os fenômenos fisiológicos e os fenômenos patológicos correspondentes .Na medida em que existia uma base comum, presente tanto nos fenômenos normais como nos fenômenos patológicos,o que iria definir a normalidade ou a patologia não seria nenhuma diferença de natureza dos fenômenos ,mas apenas uma diferença de grau .Ou ainda , de quantidade.

Seria assim que ,a partir do trabalho de Xavier Bichat,James Brown e de Broussais,difundido em França , principalmente por August Comte \_ sociólogo \_ e por Claude Bernard \_ fisiologista \_ ,tornou-se concepção comum no meio cultural francês , a idéia de que as doenças e/ou patologias seriam produtos de um "excesso ou falta de excitação dos diversos tecidos abaixo ou acima do grau

que constitui o estado normal " (Canguilhem, 1978, 28).

Esta concepção , em verdade , em seu limite , apontava para o estabelecimento de uma distinção quantitativa entre os fenômenos normais e os patológicos.

Considerava-se assim que o que produzia a doença se situava na esfera de uma diferença de quantidade , a mais \_ excesso \_ ou a menos \_ falta \_ que , incidindo sobre o sistema nervoso , colocava em risco a conservação da saúde .

Esta diferença de quantidade , ou de grau , não afetava , como vimos , a natureza dos fenômenos , considerados aqui como produtos de um mesmo estado originário \_ o estado normal \_ compreendido como um critério normativo .

Como nos aponta Georges Canguilhem , seria sempre ,

"...em relação a uma medida considerada válida e desejável \_ e portanto em relação a uma norma \_ que há excesso ou falta . Definir o anormal por meio do que é de mais ou de menos é reconhecer o caráter normativo do estado dito "normal" ". (Canguilhem, 1978, 36)

Esta visão não somente era válida para os fenômenos orgânicos mas também para os fenômenos mentais na medida em que Broussais desenvolvera uma " teoria fisiológica das faculdades intelectuais " .

Em verdade , o que estamos propondo aqui seria a seguinte questão : em que medida esta concepção não estar na base das posições defendidas por Charcot , em um primeiro momento , e

reforçadas posteriormente por Freud ?<sup>1</sup>

Seria assim que podemos perceber, nas concepções definidas por este Freud, uma influência considerável das posições defendidas pelos meios médicos franceses a partir precisamente desta ênfase nos aspectos fisiológicos dos fenômenos psíquicos.

Esta influência do "princípio de Broussais" em Charcot nos é sugerida por Georges Canguilhem;

"A identidade real dos fenômenos vitais normais e patológicos, aparentemente tão diferentes e aos quais a experiência humana atribuiu valores opostos, tornou-se, durante o século XIX, uma espécie de dogma, cientificamente garantido, cuja extensão no campo da filosofia e da psicologia parecia determinada pela autoridade que os biólogos e os médicos reconheciam". (Canguilhem, 1978, 23)

Retomando a Freud. Seria assim que, segundo propomos, a idéia de uma modificação na distribuição das quantidades de excitação se constitui enquanto a base fisiológica das manifestações histéricas, como também dos fenômenos psíquicos em geral. Esta idéia, de modo algum, seria relegada por Freud ao longo de sua obra.<sup>2</sup>

Seria assim que, ao introduzir esta idéia em 1888, Freud já estaria se aproximando da formulação de algo posteriormente

---

1. Ao menos em seus textos do período 1888-1895, mais especificamente "Histeria" (1888), "Estudos sobre a Histeria" (1892-1895), "Neuro-psicoses de defesa" (1894), o "Projeto para uma Psicologia Científica" (1895), "Novos Comentários sobre as Neuro-psicoses de defesa" (1896) e, as numerosas "Cartas à Fliess".

2. Sabemos que em 1937, pouco antes de morrer, em "Análise Terminável e Interminável", Freud volta a falar da importância fundamental do fator quantitativo para qualquer perspectiva de cura em Psicanálise.

denominado de "concepção econômica" do psiquismo e das manifestações psíquicas.

Por concepção econômica da histeria e do psiquismo estamos compreendendo aqui a idéia de que "os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é, suscetível de aumento, de diminuição, de equivalências" (1975, 167), como definem Laplanche-Pontalis.

Chamamos atenção aqui para a distinção entre "quantidade" e "intensidade", proposta por Luiz Alfredo Garcia-Roza (1991, 82-87). Segundo este autor, a concepção quantitativa deriva diretamente da experiência clínica de Freud, na medida em que foi a partir dos casos de histeria e de neurose obsessiva que ele pôde estabelecer um contato direto com formas de manifestações psíquicas, de grande regularidade e importância. Ou seja, as "representações hiperintensas" (Freud, 1898, 315).

Garcia-Roza nos sugere que seria preciso distinguir, em Freud, as noções de "quantidade" e de "intensidade". Isto porque, enquanto a primeira nos remete para uma proposta de quantificação e de mensuração dos fatos psicológicos no interior do contexto cientificista do século XIX; a segunda nos envia para uma questão metapsicológica, ou seja, que diz respeito às dimensões econômicas, tóxicas e dinâmicas em teoria psicanalítica.

Enquanto a noção de "quantidade" se aplicar a algo efetivamente mensurável, a noção de intensidade apontaria para a "expressão qualitativa de uma quantidade" (Garcia-Roza, 1991, 87),

uma propriedade não mensurável, que está sujeita, apenas, a aumento, diminuição e/ou equivalência.

Nesta perspectiva, a intensidade implicaria a quantidade que, por sua vez, se distingue da qualidade, ou seja, aos aspectos sensíveis da percepção, embora não fosse a ela (quantidade) redutível. Teríamos, assim, algo como uma expressão qualitativa, isto é, uma expressão da ordem da sensibilidade que, embora passível de aumentos, diminuições e/ou equivalências, não pode ser reduzida a uma mera mensuração. Também Carlos Paes de Barros, citado por Garcia-Roza, nos propõe que a hipótese quantitativa em Freud seria muito mais uma hipótese sobre a regulação das intensidades do que propriamente sobre a conservação das quantidades. (Garcia-Roza, 1991, 82-87).

Retomando nosso argumento.

Seria assim que, estas representações hiperintensas, podem ser consideradas como efeitos destas alterações na distribuição da excitabilidade no sistema nervoso. Mais particularmente, efeitos de excessos de excitabilidade que ocasionam uma série de distúrbios de ordem psíquica, afetando o curso e a associação das idéias, as representações, as expressões de sentimentos, as manifestações da vontade.

" Juntamente com os sintomas físicos da histeria, pode ser observada toda uma série de distúrbios psíquicos (...). Esses distúrbios psíquicos são representados pelas alterações no curso e na associação de idéias, inibições da atividade e da vontade, exagero, supressão de sentimentos, etc., que podem ser resumidos como alterações na distribuição normal, no sistema



nervoso das quantidades estáveis de excitação " (Freud, 1888, 89).

Observa-se, assim, a ocorrência de uma estreita correlação entre uma quantidade de excitação e o curso das representações psíquicas. Esta quantidade de excitação se distribue de forma estável no psiquismo "normal". Qualquer alteração em sua distribuição, em função da estreita correlação entre estas quantidades de excitação e o curso da associação das idéias, afeta diretamente a sua expressão psíquica, sendo responsável por alterações mais gerais no comportamento do sujeito, intervindo em todas as dimensões de sua personalidade e constituindo a marca dos sintomas histéricos.

A partir desta forma de compreensão do fenômeno histérico, é possível avaliarmos a importância que a sugestão hipnótica possuía enquanto método terapêutico, especialmente indicado para os casos de histeria, como Freud nos afirma tão frequentemente. Isto porque a sugestão hipnótica produzia um efeito psíquico quase imediato no sujeito histérico.

" Entre os meios capazes de remover os sintomas histéricos mencione-se com especial ênfase a influência da excitação e da sugestão hipnótica, esta última porque atinge diretamente o mecanismo dos distúrbios histéricos e não se pode suspeitar que produza nenhum outro efeito além dos efeitos psíquicos". (Freud, 1888, 88)

No interior deste contexto, é possível se compreender melhor a difícil posição de Freud no conflito entre as duas correntes. Isto porque se, de um lado, Charcot não se aventurava a aprofundar seus estudos sobre o mecanismo psicológico da histeria — enfatizando sua dimensão fisiológica —, Bernheim ignorava

exatamente qualquer outra dimensão que não fosse passível de ser explicada pelo mecanismo psicológico da sugestão .

Para Freud ,como foi visto ,tratava-se de encontrar um mecanismo psíquico subjacente às manifestações históricas que ,embora pudesse repousar sobre uma base fisiológica \_ a distribuição das quantidades de excitação \_ não poderia ser a ela reduzida e muito menos por ela explicada.

Por outro lado , para Freud,se era possível determinar um fator explicativo de ordem psicológica, esse fator não poderia se reduzir ao fenômeno psicológico da sugestão que, na visão de Bernheim,parecia tudo explicar .

Tratava-se sim, de encontrar um mecanismo de ordem psíquica, mas que não remetia à causalidade psíquica então vigente que ,ou explicava os fenômenos psíquicos a partir da sugestão ou da introspecção .

Enquanto a sugestão remetia à idéia de uma causalidade psíquica exterior ao sujeito ,a introspecção dizia respeito a uma possível interioridade delimitada a partir da consciência.Ou seja , se no caso da sugestão , se tratava de atribuir a uma idéia externa ,o papel de produzir ,tanto a doença como a cura ; no caso da introspecção<sup>1</sup>, se tratava de investigar uma causalidade interna ao sujeito a partir de um questionamento que se fazia no âmbito da própria consciência .Nesse sentido ,se perguntava ao sujeito sobre as razões de seu estado ,sobre seus sentimentos e emoções conscientes ,buscando ,com isso conhecer os mecanismos

---

1.A introspecção é proposta inicialmente por William James e também por Pierre Janet (Garcia-Roza 1975) (Trillart 1991).

que o levaram a adoecer. Supunha, assim, um conhecimento, acessível ao sujeito, sobre as causas de sua doença e de seus sintomas.

No caso específico da histeria, tratava-se, antes de mais nada, de reconhecer que, se conhecimento havia, este escapava ao sujeito histérico e a qualquer dimensão da consciência.

Seria nesta perspectiva que a hipnose pôde se apresentar como uma técnica de investigação que, embora reconhecesse uma interioridade capaz de ser responsável pela produção da doença, não se restringia à dimensão da consciência - tal como a introspecção.

Seria assim que, em um primeiro momento, é possível se considerar que:

- (1) - A histeria, ao colocar o problema de uma interioridade produtora de sintomatologia, colocava também em questão a suposta identidade entre esta interioridade psíquica e a consciência. Tratava-se da necessidade de reconhecer uma interioridade para além da esfera da consciência;

- (2) - Esta interioridade que começava a ser pensada ao longo do século XIX, é apreendida por todo um imaginário que dominava o contexto científico e cultural da época, marcado: de uma lado, pelas exigências de constituição dos saberes como ciências positivas e quantitativas; e de outro lado, pela metáfora dos "fluidos imaginários", como nos propõe Jean Starobinski. (1970)

Seria assim que, segundo Starobinski, a imagem dos "fluidos orgânicos", era uma metáfora especialmente ativa no imaginário da

época. Desde a Antiguidade, com a noção de "pneuma" proposta pelos estóicos, mas principalmente a partir da Idade Média, que a metáfora dos fluídos teria exercido intenso poder de atração entre os pensadores que buscavam refletir sobre as questões da alma, do corpo, da mente. Era assim que as representações do fluído influenciavam os pensadores em geral, sejam em suas pesquisas físicas, alquímicas, filosóficas e/ou médicas. Para ele,

"...a medicina especulativa não pôde resistir à tentação de projetar imaginativamente no corpo humano os novos fluídos de que se ocupavam os físicos" (Starobinski, 1970, 199).

A imagem dos "fluídos" seria assim uma figura acolhedora capaz de receber os mais diferentes conteúdos, permitindo, desta forma, estabelecer um "modelo imaginativo" ligado à experiência imediata e ao sonho mais elementar, capaz de representar, no interior dos mais diferentes contextos explicativos, a representação da transmissão, da passagem de uma excitação, de uma idéia, de uma vontade, de uma emoção, de uma energia, etc., de um ponto a outro do aparelho nervoso ou entre os aparelhos nervosos. (Starobinski, 1970, 201)

Trata-se, assim, de um "princípio de explicação universal", o qual, nas mais diferentes situações, permite ao espírito representar a "ação à distância sobre as espécies de uma continuidade substancial em movimento. As imagens de derramamento, como também aquelas de imersão, se prestam às solicitações infinitas" (Starobinski, 1970, 202).

Refletindo sobre a importância das teorias dos fluídos ao longo de todo o século XVII, XVIII, notadamente a partir da teoria magnética de Mesmer, Starobinski nos chama a atenção para o grande

poder que era atribuído ao magnetizador , nestas teorias. Este poder submetia o sujeito magnetizado à uma situação de passividade no interior da qual ele surgia como apenas o " ponto de aplicação de uma força que o penetrava do exterior " (Starobinski, 1970, 203).

Aos magnetizados , restavam apenas a possibilidade das crises e convulsões como formas de expressão.

Em seu trabalho "Les Médications Psychologiques ", Pierre Janet, citado por Starobinski, dividiu os pensadores posteriores a Mesmer , famoso hipnotizador do início do século XIX , em dois grupos , aqueles que compartilhavam das convicções fluidistas e os anti-fluidistas ou animistas. Segundo Janet , enquanto os fluidistas supunham a passagem de um agente físico entre o magnetizador e o magnetizado , isto é , acreditavam na existência de algo exterior aos sujeitos que era transmitido de um para outro ; os anti-fluidistas já propunham a idéia de que era, fundamentalmente , a partir de uma interioridade do sujeito que se podia constituir uma explicação para os processos psicológicos .

Seria assim , no interior deste movimento que , poderíamos chamar de interiorização dos Fluidos que Starobinski situaria o re-surgimento e a importância do papel da hipnose a partir de James Braid .

A criação da noção de hipnose por Braid pôde se constituir em uma etapa das mais importantes do anti-fluidismo na medida em que enquanto o termo "magnetismo" designava a causa presumível do fenômeno e dirigia a atenção para o magnetizador , o termo

"hipnotismo" ,se referia ao efeito produzido no interior de uma sujeito que "sofria" este efeito (Starobinski,1970,204).

Enquanto no magnetismo ,algo se passava do magnetizador ao magnetizado ,como vimos , de forma absolutamente externa ao sujeito e que o remetia à uma condição passiva ,no hipnotismo, supunha-se que algo se passava no próprio interior do sujeito ,ou seja, em sua própria subjetividade .

Deslocava-se,assim, o contexto explicativo do exterior para o interior do sujeito ,buscando compreender ,a partir desta subjetividade centrada na idéia de uma interioridade (do sujeito), todas as suas manifestações psíquicas , tais como , a atenção , a imaginação , a sugestibilidade ,etc..

Para Starobinski , o que se observaria ,seria a passagem de um EXO-FLUIDISMO \_ para o qual o fluído teria sua força centrada no magnetizador , e um ENDO-FLUIDISMO ,para o qual,

"...segundo as leis de uma neuro-fisiologia imaginativa , a energia nervosa é representada como uma substância em movimento ,cuja massa geral pode se desequilibrar ,etc., mas que resta sempre contida no interior do indivíduo .A interpretação psicológica se construiu sobre um modelo de um FLUIDISMO RESTRITO."(Starobinski,1970,205).

A metáfora do fluído seria , nesta perspectiva , algo como um bem comum entre magnetistas \_ ou exo-fluidistas \_ e animistas \_ou endo-fluidistas . Este fato produz uma certa oscilação entre os pensadores da época, tais como Auguste Antoine Liébeault (1823-1904).Para Liébeault ,a "atenção" é o princípio vital e criador, presente em todos os organismos e que possuía a mobilidade de um fluído . Liébeault ,foi o grande mestre de Hippolyte

Bernheim (1837-1919) para quem , como vimos , a idéia <sup>1</sup> era algo que vinha do exterior ao sujeito e que a este se impunha .

Seria assim que , no interior da teoria da sugestão proposta por Liébeault , esta seria um estímulo externo ao sujeito que colocaria em ação a força nervosa ( a atenção ) do próprio paciente , orientando-a na direção desejada pelo terapeuta . Esta orientação poderia se realizar a partir da palavra , porém, o fundamental do processo se fazia a partir destes " deslocamentos da força nervosa " que tinham lugar no interior do sujeito , e que poderiam ser produzidos , seja pela palavra , seja por alguma sensação e/ou impressão .

De algum modo , retornamos a Freud , oscilando entre um exterior , mais propriamente definido a partir da sugestão enquanto método terapêutico , e um interior , que ora atribuía uma maior ênfase à dimensão fisiológica , ora renunciava a existência de algo mais , para além do âmbito da consciência .

Se para Freud , a sugestão não podia produzir algo que não estivesse "contido na consciência ou nela introduzido " (Freud, 1888, 123), tornava-se necessário encontrar o fundamento para a explicação e compreensão das manifestações fisiológicas e psicológicas presentes na histeria , no interior do próprio mecanismo psíquico subjacente às manifestações histericas .

Seria assim que , se Freud concordava com Bernheim quanto ao fato de que era insuficiente a divisão dos fenômenos hipnóticos

---

1. É importante esclarecer que se a sugestão pode ser compreendida como uma técnica exo-fluídica e a hipnose como endo-fluídica , esta questão somente pode ser melhor compreendida a partir do que foi descrito acima , isto é , a partir da importância da imagem dos "fluidos imaginários" para se pensar o psíquico ao longo do século XIX.

em fisiológicos e psicológicos ,era preciso ,então , encontrar urgentemente um elo que fornecesse uma conexão entre estes fenômenos fisiológicos e os fenômenos psicológicos ,presentes na histeria ,com base no qual fôsse possível encontrar uma outra ordem de explicação causal para a histeria .

Este elo vai ser a noção de auto-sugestão .

Em um texto de 1888 ,escrito como prefácio à tradução alemã do livro de Bernheim , "A Sugestão " , Freud vai se referir à existência , nos fenômenos hipnóticos , de algo denominado de sugestão indireta ou auto-sugestão .Esta auto-sugestão seria um fenômeno de ordem física ou fisiológica que ocorria quando um ato físico \_ por exemplo ,levantar um braço \_ era executado pelo hipnotizador em seu paciente e este braço permanecia levantado .Supunha-se que o estímulo físico ,a sensação, funcionasse como um motivo para as auto-sugestões ,independentes da vontade do terapeuta , de sua influência .Estas auto-sugestões conteriam em si ,um fator de ordem objetiva ,que se vinculavam à diferentes estados de excitação do sistema nervoso .Segundo Freud

"...são as auto-sugestões dessa natureza que levam à produção de paralisias histéricas espontâneas , e é uma tendência para tais auto-sugestões , mais do que a sugestionabilidade em relação ao médico ,que caracteriza a histeria "(Freud,1888,127).

Seria assim que ,para o Freud dos anos 1888-1889 ,uma das características básicas da histeria ,era esta tendência para a auto-sugestionabilidade .

Em verdade ,estas auto-sugestões eram formas de sugestões



nas quais uma " série de elos intermediários , originários da própria atividade da pessoa são inseridos entre o estímulo externo e o resultado, são, não obstante, processos psíquicos" (Freud, 1888, 127).

Não seriam fenômenos da consciência tal como as sugestões diretas ;mas fenômenos tanto fisiológicos como psíquicos que teriam o significado que possui o termo sugestão ,ou seja , que remeteriam para o "recíproco despertar de estados psíquicos segundo as leis da associação " (Freud, 1888, 127).

Ou seja ,se constituíam como produções fora do âmbito da consciência, simultâneamente de ordem fisiológica e psíquica ,que podiam ser explicadas pelas leis da associação que regem os fenômenos psíquicos ,vinculando -os entre si e fazendo com que ,a partir de uma idéia fôsse possível estabelecer uma ligação com outra idéia a ela associada mediante alguns princípios associativos ,a saber, a semelhança ,a contiguidade espaço-temporal e a relação de causa-efeito .

Como Freud nos sugere,

"Essa vinculação ,essa capacidade de associar elementos ,faz parte da natureza do sistema nervoso e não advém de alguma ação arbitrária do médico"(Freud, 1888, 128).

Aqui seria importante estabelecermos algumas considerações :

\_ (1) \_ a primeira diz respeito à noção de psíquico em Freud dos anos 1888-1889; a idéia aqui é a de que o psíquico se definiria a partir das leis de associação ,como se constituindo no seu interior ;

\_ (2) \_ a segunda diz respeito à passagem de uma noção marcada pela exterioridade a noção dos fluídos magnéticos e de

sugestão \_ para uma concepção que se caracteriza pela interiorização dessa imagem ,como vimos..Ou seja ,para a noção de auto-sugestão ;

\_ (3) \_ a terceira diz respeito à função do terapeuta neste contexto ; na medida em que ,se supunha uma maior interiorização e que se atribuía uma maior responsabilidade ao sujeito ,também diminuía a atividade do terapeuta e a importância de técnicas que enfatizavam essa dimensão tais como a hipnose e a sugestão ;

\_ (4) \_ a quarta diz respeito à gestão da superação destes dois métodos terapêuticos e à constituição do método catártico ,em um primeiro momento , e o método de análise psíquica com base na associação livre em um segundo momento , como formas de superar os limites colocados pela hipnose e a sugestão ,no que se refere ;

(4.1) à constituição de uma interioridade e à maior responsabilidade do sujeito neste processo ;

(4.2) à menor atividade do terapeuta ;

Seria importante considerarmos aqui , que Charcot ,como Bernheim ,já trabalhavam com esta noção de auto-sugestão(Freud,1888,127).Era assim que ,para Charcot ,as auto-sugestões remetiam à idéia de sugestões que não eram atualizadas pela via da palavra mas,sim, pela via das sensações.Como nos sugere Étienne Trillart ,

"...nem todas as sugestões são postas em cena pela palavra.Um cheiro ,uma sensação,a visão de um objeto podem provocar uma sugestão.No caso de Log ,a auto-sugestão foi provocada por uma sensação ; o traumatismo mínimo

"(Trillart,1991,158).

No momento ,é possível observar que : a noção de auto-sugestão em Charcot vai remeter diretamente à uma sensação e não à palavra .Assim , enquanto a sugestão remeteria à palavra , a auto-sugestão remeteria a uma sensação capaz de despertar um estado psíquico \_ o trauma \_ que seria o responsável pela produção dos sintomas histéricos ,particularmente as paralisias.

Este estado traumático , produzido " pela emoção ,pelo choque nervoso,experimentado no momento do acidente " [...]equivaleria ao " estado cerebral que determina,nas histerias , as práticas de hipnotismo "(Trillart,1991,161).

Seria assim que :

\_ se em Charcot ,a noção de auto-sugestão remetia à uma sensação capaz de produzir um estado cerebral, que se oporia à sugestão na medida em que esta pressupunha a palavra ; em Freud , a auto-sugestão vai sugerir :

\_(1) a existência de uma dimensão psíquica que não se restringe à consciência ;

\_(2) a ocorrência simultânea de um fenômeno fisiológico e um fenômeno psíquico ;

\_(3) a existência de um fator objetivo ,isto é , os diferentes estados de excitação nervosa ,na base da auto-sugestão ;

\_(4) a identidade entre esta dimensão psíquica e o mecanismo associativo ,posto em ação por essas diferenças de excitação que poderiam ser produzidas a partir de um estímulo físico \_ a sensação \_ e externo ;

\_(5) a possibilidade de se pensar em diferenças de

excitação produzidas a partir do interior do sujeito na medida em que, este "fator objetivo", corresponderia, em última análise, a algo, no sujeito, que não pôde se integrar ao mecanismo psíquico da associação:

Seria assim que estamos propondo a possibilidade de se pensar estas auto-sugestões enquanto uma noção que já traria em si a marca de uma intensidade, essencialmente produtora de diferenças, que, ativaria e, em verdade, governaria o próprio mecanismo psíquico, isto é, o mecanismo associativo. O "fator fisiológico" ou "objetivo" de que Freud nos fala, teria sido a fórmula por ele encontrada para falar de uma dimensão, para além do psiquismo, que, o colocaria em movimento. Assim sendo, se o psiquismo, de um lado, poderia ser identificado a estas cadeias associativas, de outro lado, desde 1888, podemos observar, como presente em Freud, a idéia de que este mecanismo psíquico não se colocaria em movimento em si mesmo, isto é, pelas suas próprias séries associativas.

Para estas "diferenças de excitação" que atingem o psiquismo, propomos aqui o termo de intensidades, na medida em que este nos sugere a idéia de diferenças que já se expressariam em seu interior.

Em "Diferença e Repetição" (1988), Gilles Deleuze nos fala sobre a questão das intensidades. Segundo ele,

"Tudo o que se passa e que aparece é correlato de ordens de diferenças: diferenças de nível, de temperatura, de pressão, de

tensão , de potencial ,diferença de intensidade"<sup>1</sup>  
(Deleuze,1988,355).

A intensidade é compreendida, como já expressando uma diferença que revela a dimensão qualitativa da quantidade .Isto porque só podemos conhecer a intensidade quando recoberta pelas qualidades que a sensibilidade nos oferece ,embora a intensidade se anule ao se apresentar pela via das qualidades . Seria assim que Deleuze nos afirmaria que o intensivo seria aquilo que não pode ser sentido ,o insensível mas que é a condição de possibilidade para que o dado possa ser sentido .

O insensível ,como o intensivo ,não pode ser sentido pois não aparece em si próprio mas apenas recoberto por uma qualidade que o aliena e mascara ; por outro lado ,é ele que possibilita o sentir ,faz sentir ,cria o sentido ,despertando a memória e o pensamento .

Seria assim que ,apreender a intensidade fora da qualidade,exige, não o dado sensível ,mas a distorção, o desvio ,a diferença dos sentidos .Não se trata de algo que pode ser apreendido pela via de uma representação ou uma atividade da imaginação ou memória que apenas visassem uma reprodução mental de algo anteriormente presente pela via dos sentidos, mas algo que somente poderia se expressar mediante uma atividade de criação.Isto porque seria somente através de um ato de criação que poderíamos pensar,não em uma ordenação ou inscrição destas intensidades nas representações ,mas sim no seu encontro,no

---

1.Segundo Deleuze,esta definição estaria presente tanto no princípio de Carnot como no princípio de Curie.(Deleuze,1988,355)

estabelecimento de uma relação com as intensidades que não passe por esta ordenação sempre impossível, pois as intensidades sempre nos escapariam .

Em seu livro sobre Marcel Proust, Gilles Deleuze constrói uma **IMAGEM DE PENSAMENTO** \_ tendo como base as idéias desenvolvidas por Platão, notadamente em "A República" \_ em que a "verdade" não se oferece naturalmente ao pensamento mas, depende de um "...encontro com alguma coisa que nos força a pensar e a procurar o que é verdadeiro "(Deleuze, 1987, 16).

Em verdade, apenas os **SIGNOS** \_ aqui compreendidos como **PRODUTOS DE DIFERENÇAS DE INTENSIDADES** \_ que nos forçam a pensar. Assim seria que, estes signos se constituem a partir de intensidades que, antes de mais nada, criam diferenças apreensíveis especialmente pela via dos sentidos; o signo da mentira no rosto daquele que se ama, o espanto face a uma obra de arte, a violência de uma impressão, o silêncio do amante seriam todos signos que, em um primeiro momento, apenas nossa sensibilidade pode apreender. (Deleuze, 1987, 96).

Somente estes signos, assim, podem se constituir como **OBJETOS DE UM ENCONTRO** capaz de exercer uma violência sobre o pensamento ; somente eles possuem a capacidade de **AFETAR** o pensamento ; produzir efeitos em seu interior . Efeitos de criação, criação de forças novas, forças que nos impulsionam a olhar, decifrar, traduzir, interpretar.

Seria assim que, na perspectiva que aqui adotamos, estas intensidades se constituem nas vias por excelência do trabalho psicanalítico, na medida em que, como vimos, seria através delas, que o próprio sujeito se veria impulsionado a interpretar os seus

próprios signos, a com eles estabelecer uma relação de INTIMIDADE e não mais apenas de suspeita.

Como sugere Deleuze,

" A criação, como gênese do ato de pensar , sempre surgirá dos signos .A obra de arte não só nasce dos signos como os faz nascer; o criador é como o ciumento ,divino intérprete que vigia os signos pelos quais a verdade se trai."(Deleuze,1987,97)

Se em Proust, a busca da verdade implica assim, a necessidade de INTERPRETAR, TRADUZIR e/ou DECIFRAR os signos em um movimento que é ,simultaneamente ,produtor e intérprete de signos ,criador e tradutor ;na psicanálise, segundo propomos aqui, observa-se o mesmo movimento de interpretação/criação.

Na medida em que ,a noção de auto-sugestão nos propõem a idéia de uma interioridade psíquica fora do âmbito da consciência \_como sugerimos acima\_ e que a histeria nos fala de um psiquismo não acessível à memória consciente<sup>1</sup>, o que se coloca como uma questão de primeira ordem para o pensamento, é a questão de uma Memória fora do âmbito da consciência e que se expressaria pela via das intensidades.

Observa-se, assim, este deslocamento de uma exterioridade de que Starobinski nos fala .

Na medida em que a responsabilidade do processo passa do terapeuta para o próprio sujeito ... com o fortalecimento de

---

1.Os histéricos, como vimos, não tinham acesso consciente às suas reminiscências sendo "vítimas de um esquecimento" cuja força os mantinham atados às reminiscências perdidas".

explicação endo-fluídica \_ a própria função do terapeuta tende a se debilitar e , como ele mesmo nos sugere, "a sugestão se tornaria auto-sugestão "(Starobinski,1970,209).

" Este deslocamento de acento ,que se efetua para o benefício do sujeito ,se acompanha de uma outra informação importante ,ligada ,ao mesmo tempo , à uma evolução da sensibilidade e ao desenvolvimento das idéias científicas. Não é mais a previsão, mas a Reminiscência que caracteriza a consciência em estado de hipnose.Os sonâmbulos ,submetidos à vontade de Puységur ,se mostravam capazes de profetizar os acontecimentos futuros ;os hipnotizados de Liébeault tinham ,sobretudo a faculdade de reencontrar as impressões memoriais [ empreintes mémorielles].Enquanto a influência magnética orientava os sujeitos em direção ao futuro , a atenção se apresenta de preferência em direção ao passado "(Starobinski,1970,209).

Mas vai ser basicamente a partir de Freud e do advento da Psicanálise que a importância do passado e da retrospectão se faz sentir de forma mas efetiva. Para Starobinski ,a renúncia de Freud em se utilizar da hipnose estaria ligada à renúncia deste papel diretor que era atribuído ao terapeuta \_ o que é confirmado pelo próprio Freud em seus escritos .

Seria assim que , com a noção de auto-sugestão, deslocaria, para o interior do sujeito ,a responsabilidade sobre tudo aquilo que era produzido durante o processo hipnótico e/ou processo sugestivo. Basicamente,a partir de Freud ,o que surge, seria menos uma previsão com relação ao futuro ,mas, fundamentalmente , o encontro de uma Reminiscência ,capaz de possibilitar ao sujeito , [ a partir de uma relação com o terapeuta centrada na



investigação de sua interioridade psíquica ] se apossar de tudo aquilo que ficara perdido \_ porque nunca encontrado \_ ao longo de sua história .

Seria assim que , como foi visto , enquanto a noção de auto-sugestão , proposta por Freud, se refere ao fenômeno psíquico da associação , a noção proposta por Charcot e Bernheim \_ com base em Liébeault \_ estava vinculada à qualquer sensação e/ou impressão.

Em se tratando de histeria , em um primeiro momento , qualquer técnica que propiciasse uma possibilidade de reativar o mecanismo associativo \_ característico da natureza do sistema nervoso \_ , era considerada , por Freud, como de grande importância funcional para o tratamento da doença . Isto na medida em que possibilitasse a recuperação da memória até então perdida. Com esse objetivo , as mais variadas técnicas eram utilizadas \_ a eletroterapia , hidroterapia , massagens , etc. \_ mas , especialmente , a hipnose e a sugestão .

Tratava-se, assim, de recuperar uma memória que não se inscrevia no âmbito da consciência e que repousava em um mecanismo de base associativa . Este mecanismo , no entanto, ainda que fosse regido pelas leis de associação , funcionava somente a partir de um FLUXO de excitações que atingiam o sujeito a partir do exterior \_ ou do interior , como no caso das auto-sugestões.<sup>1</sup>

Nessa medida , seria possível se pensar que , em Freud , esse "exterior " responsável pelas excitações que atingiam o sujeito

---

1. Seria interessante observar que, no caso da histeria, que, conforme veremos, era capaz de gerar sintomas físicos a partir de uma representação (mediante a "conversão"), este fluxo de excitações era claramente produzido a partir do interior do sujeito, não sendo dependente de nenhuma sensação externa para que ele pudesse ocorrer.

,era,em verdade, constituído a partir da própria relação entre o terapeuta e o sujeito histórico ,como foi visto. Isto porque era no interior da relação médico-paciente que a tendência para a sugestibilidade e para auto-sugestão poderiam se expressar de forma mais criativa permitindo a recuperação da memória consciente perdida. Caberia à Psicanálise direcionar estas intencidades, que se expressavam sob a forma de auto-sugestões, para um processo de REMEMORAÇÃO no qual quanto menor fôsse o papel e a atividade desempenhada pelo terapeuta ,maior o trabalho de rememoração a ser feito pelo sujeito .

Desta forma, seria possível estabelecer um elo entre estas auto-sugestões e as lembranças e fantasias que em um momento posterior, vão aflorar na cena analítica. Seriam produtos desta intensidades que se manifestariam pela via das PALAVRAS, produzindo histórias e narrativas que não reproduzem o passado vivido mas o CRIAM.

Através da introdução da noção de auto-sugestão ,o que se pode observar é a constatação de Freud da ocorrência ,desde os momentos iniciais de sua prática clínica ,de um fenômeno ,bastante frequente nas relações médico-pacientes em geral e que diz respeito diretamente ao papel fundamental da relação médico-paciente no interior da prática clínica.Este fenômeno vai ser denominado posteriormente de "transferência " e vai adquirir ,no interior da prática clínica psicanalítica ,uma função bastante precisa.

Não estamos querendo dizer com isso ,que a transferência, enquanto um conceito específico da prática analítica ,já existia

naquele momento,mas que somente foi "descoberto " posteriormente.Mas sim que ,seria exatamente ,a partir do momento em que a teoria analítica se apropria de um acontecimento fundamental da relação médico-paciente e o produz enquanto um conceito teórico-clínico específico desta prática ,que o acontecimento "transferência " pôde se produzir enquanto o conceito de "neurose de transferência".

Esta forma de compreender a gestação da teoria psicanalítica,de algum modo ,foi-nos sugerida pelo próprio Freud nas inúmeras vezes em que ele se refere a opiniões de outros pesquisadores e/ou filósofos.Charcot também lhe falara da "chose genitale" porém não se propôs , em nenhum momento de sua prática a torná-la um objeto de conhecimento,tal qual fizera com a histeria.

O episódio Joseph Breuer/Anna O também ilustra bem esta forma de abordar a questão.No caso de Anna O.,pode-se observar a grande importância que as auto-sugestões e as auto-hipnoses possuíam no desdobramento do tratamento .Breuer frequentemente encontrava Anna O. "no cair da tarde " inteiramente sob hipnose,ou melhor,auto-hipnose, chegando até a comentar que ,com esta paciente,ele quase não empregara a hipnose.Neste caso, observa-se ,de um lado,a capacidade do psiquismo em se fixar em uma idéia ou representação por ele mesmo produzida ,de outro lado ,esta idéia ou representação ,de algum modo,não fôra inteiramente auto-produzida mas,esta "produção "fôra gestada no próprio interior da relação médico-paciente .

Em verdade , o que a auto-sugestão propiciaria seria

,exatamente esta capacidade de colocar em movimento o mecanismo da associação .Mecanismo este que fôra anteriormente paralisado e/ou bloqueado ,em função de algum acontecimento que ocorrera no passado e que , por algum motivo ,que não se lograra alcançar ,não pôde ser esquecido e , conseqüentemente,nem sequer rememorado .

Que lembranças eram estas ?

Que acontecimentos eram estes ?

Quais os motivos que justificavam o bloqueio do mecanismo associativo ?

Estas , nos parecem ser as grandes questões que estariam na base das reflexões e indagações freudianas neste momento de sua prática clínica e teórica . Mais do que isso , que se encontram no próprio cerne da superação das técnicas pré-psicanalíticas, a hipnose , a sugestão ; no advento e superação do método catártico , e, acima de tudo , da criação do método de análise psíquica com base na associação livre , o método psicanalítico propriamente dito.

Era, assim, no interior desta perspectiva, que as diferentes técnicas seriam avaliadas enquanto procedimentos terapêuticos . No caso da hipnose , esta, ao propiciar o ressurgimento das lembranças, fazia também com que os elos ausentes das cadeias associativas do psiquismo do sujeito histérico , novamente se integrassem à dinâmica associativa, preenchendo lacunas, estabelecendo ligações, e, se constituindo , assim, numa prova objetiva de que não se tratava, no caso dos fenômenos históricos de nenhum caso de "degenerescência psíquica " ou de anormalidade

constitucional como pensava a psicopatologia francesa.<sup>1</sup>

Por outro lado, a sugestão propiciava em si mesma uma possibilidade mais direta de intervir nos mecanismos psíquicos da rememoração na medida em que, inclusive, o próprio Bernheim a adotava tendo este como um de seus objetivos. Para Bernheim, não havia dúvida de que os histéricos podiam se recordar dos fatos desencadeantes da doença.

Era apenas uma questão de que o terapeuta/examinador exercesse uma influência neste sentido, "insistindo" na possibilidade da rememoração ou, ao menos, acreditando que a rememoração pudesse ocorrer sem a necessidade de um processo hipnótico propriamente dito. Esta teria sido uma lição de Bernheim que Freud considerara essencial tanto que, em suas tentativas de abandonar o processo hipnótico, Freud vai se sustentar exatamente nesta convicção de Bernheim: o paciente era capaz de recordar. A lembrança, embora não acessível à consciência, estava guardada em algum lugar, bastando, com isso, insistir com o paciente de que ele sabia e que, apenas, devia comunicar ao examinador, tudo aquilo que lhe "viesse à mente".

Na verdade, para Bernheim, não é que houvesse alguma lembrança escondida em alguma profundidade psíquica, apenas esperando o momento para ser trazida de novo à superfície. Para ele, na medida em que a própria histeria era considerada como uma doença produzida no interior da relação médico-paciente e que a

---

1. Para a psicopatologia francesa, o que caracterizaria o psiquismo normal seria a capacidade de síntese e de associação psíquica. A divisão da consciência era considerada por seus principais representantes [Charcot, Binet, Pierre Janet] como característica básica da histeria (Janet, 1975, 189).

imitação seria um elemento básico para propiciar o bom andamento ou eficácia do tratamento mediante sugestão, esta lembrança seria também compreendida como mais um efeito da sugestão.

Esta tendência à sugestibilidade, por outro lado, se era considerada por todos os autores considerados como característica dos fenômenos histéricos, não se baseava apenas na dinâmica associativa do psiquismo, mas remetia diretamente a eventos de ordem somática, responsáveis pela produção das paralisias, ataques e outros sintomas histéricos. Ou melhor, a eventos de ordem corporal, produzidos a partir desta capacidade psíquica de associar.

Nessa medida, o que vai se constituir em um mecanismo psíquico específico da histeria, vai ser exatamente esta capacidade ou aptidão do psíquico em colocar o somático em movimento.

Em um movimento cuja natureza não só se oporia à ordem anatômica e funcional existente, como seria,

"totalmente independente da anatomia do sistema nervoso" já que a histeria se comportaria, em suas paralisias e outras manifestações, como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse nenhum conhecimento dela.

A histeria romperia, assim, com a correspondência entre sintoma e anatomia que até então, era considerada como um fato anátomo-clínico. A partir de então, os rumos da investigação em neuropatologia se desloca do eixo desta correspondência para outras direções. Foi exatamente ao tomar como ponto de partida de sua investigação, esta ruptura entre o sintoma e a anatomia, esse "desconhecimento" da anatomia que a histeria traz à luz, que

Freud pôde constituir ,como momento inaugural de uma nova ordem de causalidade psíquica, o que ,até então,era visto como obstáculo e problema.

Como propõem Isabelle Stengers e León Chertók(1990):

"Aquilo que, do ponto de vista do ideal de explicação anatômica privilegiado por Charcot, apesar de tudo, constituía um obstáculo, transformou-se numa primeira abordagem positiva da histeria (...)

A grandeza de Freud consiste em ele ter aceito essa definição do problema, em não ter recusado diante da ruptura da causalidade anatômica que ela implicava, e em tampouco ter utilizado, à maneira dos comissários, as "causas psicológicas" como pretexto para esvaziar o fenômeno de seu interesse. Se era preciso invocar "causas psicológicas" para explicar a paralisia histérica, a noção de "causa psicológica" tinha que ser redefinida. O estudo da histeria deveria não apenas romper com a causalidade anatômica, mas inventar uma nova ordem de causalidade psíquica.

"A histeria desconhece a anatomia", essa descoberta de Charcot, portanto, mudou de sentido com Freud. Deixou de ser um símbolo de um limite de nosso conhecimento, tornando-se índice de um outro tipo de inteligibilidade necessária." (Stengers-Chertók,1990,55)

Seria assim que esse desconhecimento da anatomia e das relações fisiológicas e funcionais, característico da histeria, tenderia a ser considerado por Freud, não em sua negatividade, isto é naquilo em que nega o conhecimento até então dominante,mas





### 3.5 - A "REPRESENTAÇÃO TRAUMÁTICA":

#### A REMINISCENCIA OU LEMBRANÇA

Seria assim que, para Freud, a histeria, ao negar a anatomia e suas relações causais com base na fisiologia, estava, em verdade, afirmando um outro tipo de causalidade, que não repousaria no órgão propriamente dito, mas no tipo de "representação" — e ou idéia — que o sujeito constrói acerca deste órgão.

Também aí Freud segue Charcot que, como foi visto, afirmava que a simples ocorrência de uma idéia ou representação, no momento do acidente físico, era suficiente para produzir um traumatismo psíquico.

Mas, em que consistia esta noção de idéia ou representação?

Em um primeiro momento, seria importante precisarmos que não se trata de uma mesma noção de "representação" que é utilizada ora por Charcot, ora por Bernheim, ora por Freud. Em verdade, apesar de utilizarem a mesma palavra "representação", esta não possui o mesmo significado nos três autores.

Se para Charcot, a noção de idéia ou de representação, podia ter como referência uma simples sensação física — seja visual, auditiva ou olfativa (uma luz forte, o som do gongo, qualquer objeto, cheiro ou som) — que se fixava nos órgãos psíquicos, sem nenhum controle e crítica, e que ali permanecia em estado autônomo no interior do psiquismo; para Bernheim, a idéia era, antes de tudo, da ordem de uma sugestão, ou seja, de uma influência, física ou psíquica, que se impunha ao sujeito, vinda do exterior — mesmo que fôsse posteriormente fixada como auto-suges-

tão .

Para Freud, no entanto, a questão da representação, não se colocaria do mesmo modo. Embora nunca tenha sido um estudioso de filosofia — e que, houvesse mesmo declarado seu temor de que ela o afastasse de suas preocupações clínicas — Freud acompanhara, ao longo de dois anos, o curso de filosofia ministrado por Franz Brentano (1838-1917). Assim sendo, não seria possível ignorarmos a importância que esse estudioso de Aristóteles — e da "representação" — exerceu nas considerações teóricas de Freud, e, mais precisamente, em sua concepção de "representação".

Seria assim, esta concepção de "representação", formulada por Brentano, que acreditamos estar na base da noção de "representação" adotada por Freud. Ou seja desta representação, contemporânea do evento traumático, "esquecida" pelo sujeito, retirada da cadeia associativa, enfim, desta representação de que Freud tanto nos fala.

A representação para Freud teria assim, como referência o evento traumático.

Seria, em última análise, dissociada de seu conteúdo afetivo, e em função deste fato, "esquecida" pelo sujeito e retirada da cadeia associativa. Seria algo como misto de afeto e representação que, esvaziada de um afeto que lhe seria correspondente, perderia sua própria capacidade de representar.

De certo modo, seria possível pensar em uma "representação psíquica" que, somente poderia se apresentar quando preenchida e acionada pelo afeto a ela vinculado. Mesmo que em 1915 Freud vai nos falar que o recalque incide sobre as representações ao menos neste momento de sua obra, acreditamos que, apesar de efetivamen-

te o processo de esquecimento - posteriormente a defesa e o recalque - ter como objeto, uma representação, o que, na verdade, produz o esquecimento é a retirada de investimento afetiva daquela representação.

Desprovida de seu afeto a representação se mantém excluída do mecanismo psíquico.

Tal como para Charcot, também para Freud, o acontecimento traumático não se constituiria a partir de um evento propriamente dito, mas a partir de "representações" que encenariam - ou talvez, intencionariam - o próprio acontecimento, tenha este efetivamente acontecido ou não. Seria esta teoria do trauma, elaborada originariamente por Charcot a partir dos traumatismos físicos que Freud iria estender à histeria. Neste caso, não se trataria de um acidente de ordem física que estaria em questão, mas de um acontecimento de ordem psíquica, ou seja, a ocorrência de uma "representação". Uma representação que não mais se sustenta em nenhuma impressão sensível, como em Charcot ou em algum efeito de imitação/sugestão como em Bernheim, mas, fundamentalmente de uma representação que teria o fato traumático como sua referência.

A propósito, uma representação no sentido conferido por Brentano, isto é, que, como todo fenômeno psíquico, teria a propriedade de conter em si intencionalmente seu objeto, no caso, o fato traumático. No caso específico da representação traumática, o "objeto" em questão seria, não o fato, mas a sua representação. Ou ainda, a sua lembrança ou reminiscência.

Mesmo que, até 1897 - quando em sua famosa carta à Fliess de 21 de setembro de 1897, ele afirma não acreditar mais em sua

neurótica ... Freud ainda pensava em encontrar um evento da ordem da sedução sexual como fator desencadeante da neurose, ele nunca chegou a atribuir ao fato propriamente dito a responsabilidade pela etiologia de qualquer neurose.

Em verdade, desde o início de sua prática teórica e clínica, Freud vai atribuir às representações, o poder de causa desencadeante da patologia.

"O momento traumático real, portanto, é aquele em que a incompatibilidade força-se a si mesma sobre o ego e no qual este se decide a repudiar a idéia incompatível. Essa idéia não é aniquilada por tal repúdio, mas simplesmente recalçada para o inconsciente" (Freud, 1893-1895, 171).

No trecho acima, Freud estava se referindo ao caso de Miss Lucy R., uma jovem de 30 anos, inglesa, governanta em uma casa de família, que fôra a ele encaminhada em fins de 1892. No caso em questão, segundo Freud, não se trata de uma defesa inconsciente mas sim de uma defesa "deliberada e intencional" (Freud, 1893, 171), pois a jovem teria plena consciência do teor da idéia que ela intencionalmente resolvera eliminar de sua mente por considerá-la demasiado dolorosa. Ou seja, seu amor não correspondido por seu patrão. Tratava-se de uma idéia apenas considerada incompatível pelo ego enquanto "ser moral". Em verdade, para o Freud dos "Estudos sobre a Histeria", redigidos entre os anos de 1892-1895, ainda não era possível se referir diretamente à sexualidade como motivo e objeto do recalque. Neste caso específico, Freud se refere a realização de uma defesa consciente, de um "esquecimento", que se fazia mediante a intervenção da consciência moral.

"...a gênese dos sintomas histéricos através da conversão de

excitações psíquicas em algo físico e a formação de um grupo psíquico separado, através do ato de vontade que conduziu ao desvio - todas essas coisas, naquele momento, apareceram diante dos meus olhos de uma forma concreta (...) Essa moça [Frau Elizabeth] sentiu pelo cunhado uma ternura cuja aceitação consciente encontrou a resistência de todo o seu ser moral " (Freud, 1893-1895, 206) (o que está em colchetes é nosso)

Ao longo dos "Estudos", porém, esta concepção vai se solidificando a ponto de, já no caso de Frau Elizabeth, a sexualidade ser apontada como fator determinante de neurose.

Seria assim que, a lembrança traumática seria "esquecida" pelo sujeito, retirada das cadeias associativas, exatamente na medida em que ela era considerada incompatível pela consciência, por estar em oposição a critérios reconhecidos socialmente como válidos. Esta lembrança ou idéia incompatível, bem como as demais lembranças que lhe estariam associadas, seriam excluídas da consciência e posteriormente, passariam a constituir o que Freud denomina de "grupo psíquico isolado", atuante no psiquismo, porém, de forma separada do restante do conteúdo da consciência.

Em casos como os acima descritos, denominados de "histerias de defesa", o que se observaria seria que a produção da sintomatologia histérica se desenvolveria a partir destes momentos de conflito e de exclusão das idéias "incompatíveis", ou seja, os momentos traumáticos;

"...é nesses momentos que a conversão ocorre, da qual resultam a divisão da consciência e o sintoma histérico "

(Freud, 1893-1895, , 217).

Observa-se, assim, que não se trataria de um trauma ou de um fato isolado, mas da ocorrência de "vários destes momentos traumáticos" (Freud, 1893-1895, 217), compreendidos como uma conjunção relativamente complexa de vários elementos:

(1) a idéia ou representação considerada incompatível pelo ego em função de critérios morais; em um momento posterior de sua elaboração teórica, Freud vai nos falar das idéias de conteúdo sexual \_ mais especificamente a partir de "As neuropsicoses de defesa" (1894) Freud vai atribuir uma etiologia sexual às neuroses de defesa, isto é, à histeria e à neurose obsessiva. Neste caso, o motivo do recalque passa a ser o DESPRAZER causado pelo excesso de excitação;

(2) a sua exclusão da consciência e da corrente de pensamento;

(3) a formação de um grupo psíquico separado ou " corpo estranho interno ";

(4) a conversão das excitações psíquicas em "algo físico", ou seja, a formação do sintoma, simultaneamente com o esquecimento da idéia /representação ou lembrança;

A ordem acima descrita seria importante na medida em que, para Freud, a conversão das excitações psíquicas em um sintoma de ordem física \_ conversão esta característica da histeria e que pode se manifestar sob as mais diferentes formas tais como dores, paralisias, inibições \_ não se produziria exatamente no momento em que as impressões ocorreriam, mas apenas " em conexão com as lembranças das mesmas" (Freud, 1893-1895, 218).

Seria assim que , os sintomas de dor, por exemplo, não ocorre-

riam no momento em que o sujeito " experimentava as impressões " mas somente em um momento posterior ,quando o sujeito " reproduzia aquelas impressões em seus pensamentos " (Freud,1893-1895,218).

Ou seja, no momento da lembrança, da evocação, de uma representação que, embora tivesse como referência básica, uma experiência que se realizara no passado<sup>1</sup> não pode ser compreendida como uma representação que apenas reproduz esta experiência.

Na verdade, segundo o ponto de vista que adotamos em nosso trabalho, trata-se de uma lembrança essencialmente criativa na medida em que ela acrescentaria algo a mais ao conteúdo da experiência.

Assim sendo não mais seria possível falarmos em uma mesma experiência pois, na verdade, entre o momento da experiência traumática e o momento posterior em que ela é lembrada, ocorreria uma transformação fundamental tanto no sujeito que a experimentara e que a evocava como lembrança, como no próprio conteúdo que supostamente fôra "experimentado" e que estaria sendo recordado.

Trata-se na verdade de experiências essencialmente diversas embora esta diferença somente pudesse ser criada a partir do momento mesmo em que ela é pretensamente reproduzida e/ou repetida pela via da reminiscência/recordação.

Seria assim que, entre a experiência e a lembrança, algo se

---

1. Como vimos até 1897, Freud ainda acreditava que efetivamente ocorrera o fato de sedução, responsável pela causação da neurose.

passara no sujeito que, efetivamente, lhe trouxera a marca de uma descontinuidade fundamental, constituinte, tanto do próprio sujeito, como do próprio conteúdo "experimentado e/ou lembrado". Na verdade, o que se coloca em questão seria o conteúdo mesmo desta experiência e desta lembrança. Mais do que isso: em que medida seria ainda possível falarmos em uma lembrança, ao menos de uma lembrança definida a partir de uma reprodução pela via da consciência de algo que teria sido anteriormente percebido, isto é, a concepção clássica da memória?

Na verdade, o que propomos é que esta REMINISCÊNCIA nos remete à algo que nem foi vivido, nem muito menos percebido em algum momento do passado mas que estaria sendo objeto de uma CRIAÇÃO no momento mesmo de sua rememoração.

Isto porque, estamos considerando que:

... se o sujeito, ao "vivenciar" ou ter a experiência

perceptiva do acontecimento supostamente responsável pela produção de sua "neurose", ou seja, o acontecimento traumático, não pôde dar expressão às impressões e emoções que supostamente este acontecimento lhe provocara<sup>1</sup> ... , a emoção estrangulada, a reação energética que não encontrou uma via de descarga adequada, enfim, tudo aquilo que, ao longo, da experiência não pôde ser expresso, vai ser considerado por Freud como o fator determinante para o não esmaecimento e desgaste da experiência e de sua

---

1. Como veremos, a emoção estrangulada, a reação energética que não encontrou uma via de descarga adequada, enfim, tudo aquilo que, ao longo da experiência não pôde ser expresso, vai ser considerado por Freud como o fator determinante para o não esmaecimento e desgaste da experiência e de sua lembrança.



lembrança ] \_ ; se ele, inclusive, não pôde representar este acontecimento, como Freud nos proporá posteriormente ;

\_ se vai ser o fato mesmo desta não "expressão das emoções " que vai se colocar, para Freud, como determinante da permanência e durabilidade das lembranças traumáticas;

\_ se, o sujeito, ao reproduzir este acontecimento, em um momento posterior, o faz de forma essencialmente criativa, seja pela via do sintoma, seja pela via da lembrança;

\_ se, a mera lembrança, sem a expressão das emoções supostamente vinculadas ao fato traumático, não é suficiente para produzir a eliminação e/ou cura do sintoma histérico; ou seja, se a lembrança, em verdade, acrescenta ao fato vivido no passado, exatamente toda uma intensidade de emoções que, até então, nunca fôra experimentada;

\_ trata-se, em verdade, não de uma mesma experiência, mas de experiências qualitativamente diversas \_ em um fundo de repetição .

Isto porque, a primeira experiência, sem a expressão das emoções que supostamente estariam a ela ligadas, é uma experiência fundamentalmente diversa da experiência que é lembrada, em um momento posterior \_ seja através dos sintomas, seja pelos métodos terapêuticos específicos, hipnose, catarse, etc., \_;

\_ assim sendo, a reminiscência e/ou lembrança, em verdade, acrescentaria à experiência traumática uma diferença fundamental, na medida em que, seria através do próprio ato de criação da lembrança, que esta experiência e esta emoção se produziriam.

Ou seja, a idéia que estamos propondo aqui é a de que, não

haveria, assim, nenhuma emoção estrangulada a qual a lembrança apenas possibilitaria uma via de descarga; mas que esta emoção seria, em verdade, um efeito criado a partir do próprio ato da reminiscência, do próprio ato essencialmente criativo da lembrança.

\_ esta dimensão essencialmente criativa da reminiscência não poderia ser dissociada de algo presente no próprio acontecimento e na experiência; isto porque, se algo houve no interior da experiência que não pode se reportar à uma dimensão do vivido e/ou do percebido, ou seja, uma emoção não expressa, algo não representado ou significado, enfim, se algo houve na experiência que não se inscreveu em nenhuma dimensão da vivência individual<sup>1</sup> o que se colocaria em questão seria o próprio fato de que, existiria algo, no próprio âmago da experiência, que escaparia a qualquer possibilidade de apreensão/retenção/representação/significação.

Ou melhor, buscando sintetizar :

\_ na medida em que a experiência traumática, não poderia ser descrita como uma vivência individual, ou seja, como uma experiência da ordem do vivido/percebido; isto é, na medida em que ela seria traumática exatamente porque impressões e emoções que supostamente deveriam ter sido expressas, não o foram;

\_ o que vai definir esta experiência, vai ser exatamente o fato de que, algo no seu interior, lhe escaparia, de uma forma tal que este escapar seria constitutivo da própria experiência. Isto é, existiria algo no interior da experiência, que sempre nos esca-

---

1. Por "vivência individual" estamos considerando aqui tudo aquilo da ordem do percebido.

paria;

nesse sentido, tanto não seria possível falarmos de uma experiência vivida \_ já que algo da experiência não pôde ser expresso nem representado e/ou interpretado \_ como não seria possível falarmos em uma continuidade entre a experiência e a lembrança;

\_ entre a experiência e a lembrança, o que existiria seria a descontinuidade fundamental que o próprio TEMPO inscreveria entre uma e outra.

Seria , assim, que, na própria medida em que esta dimensão descontínua do TEMPO se introduziria entre a experiência e a lembrança, o que estaria colocado em questão seria a própria possibilidade de se pensar a Memória enquanto uma forma de reprodução/retensão de algo que teria sido anteriormente vivido e/ou percebido. Em verdade, o que gostaríamos de propor seria a ideia de que, trata-se de uma Memória que não se reduz a uma mera reprodução \_ por mais criativa e diferenciada que esta fôsse \_ mas que é essencialmente criativa. Ou seja, a Memória como ato de criação e não de reprodução.

"Fiz de mim o que não soube, /E o que podia fazer de mim não o fiz. /O dominó que vesti era errado. /Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me. /Quando quiz tirar a máscara, /Estava pegada à cara. /Quando a tirei e me vi no espelho. /Já tinha envelhecido. /Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado. Deitei fora a máscara e dormi no vestiário /Como um cão tolerado pela gerência /Por ser inofensivo /E vou escrever esta história para provar que sou sublime. "

Fernando Pessoa  
" Tabacaria "

## 4 - AS REMINISCÊNCIAS HISTÉRICAS : CRIAÇÃO OU REPRESENTAÇÃO?

### 4.1 FREUD E A CATARSE

Em a "Comunicação Preliminar" , texto em que Freud e Breuer explicitam pela primeira vez , as bases de seu método terapêutico, a tensão entre a questão das intensidades e a "representação" tal qual é concebida por Freud \_ com base nas idéias de Franz Brentano \_ se expressaria de forma exemplar .

Seria assim que, se, de um lado, os autores atribuem as causas etiológicas da histeria à uma emoção que não pôde ser expressa , de outro lado , para que se possa falar de uma cura dos sintomas histericos , seria necessário , não somente a descarga desta emoção mas sua expressão verbal .

Tratava -se de chamar atenção para a função da expressão verbal , da FALA associada à emoção , como um método fundamental para a eliminação dos sintomas .

Por expressão verbal estamos compreendendo aqui algo que , embora possa se traduzir pela via da palavra , não pode ser reduzido à dimensão verbal . Em verdade , ao nos referirmos ao termo expressão , o que estamos pretendendo enfatizar aqui é exatamente esta dimensão de força expressiva , de algo que se expressa para fora e nesse expressar , se produz enquanto ato de criação .

Seria assim que esta tensão entre intensidade/representação atravessaria todo o texto de "Estudos sobre a Histeria" (1892-

1895), e se configuraria de forma mais nítida na própria elaboração do método catártico definido basicamente a partir do mecanismo da ab-reação, ou seja, da reação de descarga, A POSTERIORI no tempo, de uma emoção que é expressa pela via da palavra.

Se através da hipnose e da sugestão, era possível fazer o sujeito recordar e falar de suas experiências passadas, estabelecendo laços associativos, mediante a palavra, entre este passado e sua história de sofrimento presente, era somente através da conjunção desta fala com a emoção que supostamente estaria vinculada a esta experiência dolorosa no passado e sua expressão simultânea, isto é, em um mesmo momento de tempo, que seria possível eliminar os sintomas histéricos.<sup>1</sup>

Freud e Breuer descrevem assim esta "descoberta":

"Verificamos pois, inicialmente para nossa grande surpresa, que cada sintoma histérico individual desaparecia imediata e permanentemente quando conseguíamos evocar nítidamente a lembrança do fato que o provocou e despertar a emoção que o acompanhava, e quando o paciente havia descrito aquele fato com os maiores detalhes possíveis e traduzira a emoção em palavras" (Freud, 1893-95, 47) (grifos nossos).

Curar seria assim remontar o sintoma às suas causas primeiras, reconstituir este momento "originário" em sua dimensão intensiva e representativa, logrando com isso, a eliminação dos

---

1. Se recordar e associar era preciso, mais do que isso, era preciso falar. E falar repetidamente, detalhadamente, como o fazia Bertha Pappenheim, ou Anna O. para os meios psicanalíticos - que "descobriu", em seu próprio tratamento e em auto-hipnose, os efeitos terapêuticos do que ela mesmo denominou de "talking cure", ou seja, a cura pela narração.

excessos ou faltas <sup>1</sup> da ordem das intensidades pela via da sua expressão verbal).

O método catártico cumpria assim duas funções : ,ao possibilitar a rememoração do passado ,permitia tanto a investigação da causalidade do fenômeno histérico ,como a própria cura do sintoma.

E isto na medida em que possibilitava ao sujeito histérico :

(1) dar expressão às mais diferentes imagens ,visões ,sensações,isto é , manifestar uma intensidade até então repressa :

(2) fornecer uma representação verbal ao que até então somente pôde se expressar através de um misto de vivência sensorial e intensidades puras que se descarregavam diretamente no corpo sob a forma dos sintomas.

Andre Green nos sugere que , neste momento da elaboração freudiana ,

" não se pode privilegiar a recordação ou representação patogênica sobre o afeto visto que o reaparecimento do afeto é a condição para o sucesso do método.Do mesmo modo ,a LINGUAGEM não pode ser trazida para o lado das representações ,ela própria é modo de descarga, equivalente ao ato "(Green,1982,29).

Isto é ,a Linguagem seria compreendida como um modo de descarga .

Seria assim que,mais do que a lembrança de um acontecimento tratava-se antes de mais nada de FAZER RETORNAR a emoção que esse

1.Os sintomas para Freud , como vimos,se manifestariam seja por um "excesso de função (espasmos,nevralgias e alucinações) seja por uma falha ou deficiência de função "(EH )

acontecimento desencadeara.

Acreditamos que ,nesse momento de sua obra ,existia em Freud ,uma "crença " de que fôsse possível,em um momento posterior do tempo ,experimentar (pela primeira vez ) uma emoção que supostamente estaria vinculada a um experiência que teria sido anterior no tempo .Esta emoção ,em função do fato de não ter ido expressa ... ou descarregada \_ produzia um tipo de lembrança da experiência (evento + emoção ),que permanecia no psiquismo como um corpo estranho interno <sup>1</sup>,algo que, embora interno,possuía a estranheza de algo externo.Isolada da cadeia associativa,esta lembrança,não se integrava à corrente de traços mnêmicos \_ a memória \_ ,atuando tal qual um corpo externo ,isto é,produzia efeitos psíquicos do mesmo modo que um evento atual.Possuía assim as mesmas características de um evento da ordem do vivido e do percebido ,ou seja ,vividez sensorial ,intensidade energética,expressão plástica e visual acentuada,etc.,mas uma diferença específica fundamental : estes efeitos só se expressavam sob a forma de um tipo específico de relação entre a memória e o esquecimento,que estamos chamando aqui de memória de esquecimento, no interior do qual ,as intensidades e as representações se apresentariam desvinculadas entre si .

Desta forma ,seria ,através de uma rememoração que trouxesse

---

1."Devemos antes presumir que o trauma psíquico \_ou mais precisamente a lembrança do trauma \_atua como um corpo estranho que muito depois de sua entrada,deve continuar a ser considerado como um agente que ainda se acha em ação."(Freud,1983-1895,46).

Jean Laplanche sublinha esta relação de identidade entre os conceitos de "reminiscência" e o de "corpo estranho interno" a partir de sua não integração no interior do psiquismo.

"O corpo estranho interno,simplificando é quase a mesma coisa que a "reminiscência" de que (...)sofrem as histéricas.É uma lembrança não integrada ,algo que,tendo penetrado no sujeito,não estabeleceu conexões com o tecido circundante."(Laplanche,1989,51)



em si ambas as dimensões da experiência, ou seja, que possibilitasse ao sujeito, de um lado, expressar esta emoção até então represada e contida; de outro lado, traduzi-la em palavras; que seria possível pensar em uma forma de "cura" da histeria.

Acreditava-se, assim, na possibilidade de uma vinculação entre a emoção supostamente despertada pelo evento e a representação verbal deste evento. Com isso, teria-se logrado alcançar o processo psíquico originário da neurose que teria sido "... levado de volta ao seu STATUS NASCENDI e então receber expressão verbal" (Freud, 1893-1895, 47).

Este "STATUS NASCENDI" de que Freud nos fala, pode ser considerado como um estado "mítico"<sup>1</sup> e originário<sup>2</sup> no interior no qual a emoção e as palavras, o afeto e a representação - em termos mais propriamente psicanalíticos, o afeto e o representante-representativo da pulsão<sup>3</sup> não teriam ainda se separado. A idéia aqui, seria a de que, mesmo não tendo sido descarregada, existiria

1. Este estado "mítico" pode ser considerado como algo da ordem de um estado anterior à própria defesa ou recalque, na medida em que suporia uma ligação afeto/representação que, na formulação freudiana posterior, teria sido rompida por ação do próprio recalque. Na verdade, podemos apontar aqui para a presença, no pensamento de Freud, de algo que vai ser posteriormente formulado conceitualmente como a "pedra angular da Psicanálise", ou seja, o recalque.

Consideramos aqui este estado como mítico, na medida em que estamos compreendendo aqui o mito em um sentido literal, como um tipo de história que busca dar conta exatamente daquilo que não se conhece e que não pôde ser explicado pela história. Como nos aponta Mircea Eliade, "é sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser." (Eliade, 1972, 11)

2. A questão de uma origem surgiria assim sempre como mítica na medida em que ela não nos remeteria à uma história "real" mas à "narração de uma criação"; a origem somente poderia ser pensada em termos míticos. Do mesmo modo, na teoria freudiana, este momento anterior ao "esquecimento" em que afeto/representação de um evento supostamente estariam ainda ligados pode ser assim considerado como mítico.

3. Como nos sugere Joel Birman, "situada no contexto da ordem psíquica e considerada através de seus representantes psíquicos, a pulsão se apresenta como afeto ou como representante-representação" (Birman, 1991, 96)

uma emoção ,ligada à experiência traumática que, exatamente por não ter sido expressa,permanecia no psiquismo,sem se vincular a nenhuma representação.

Seria assim que,em um momento posterior,a partir da evocação da lembrança deste acontecimento,esta emoção seria novamente desperta e se vincularia a esta representação-lembrança,produzindo, assim, os mesmos efeitos psíquicos em termos de intensidades sensoriais e mesmo de ordem ideativa propriamente dita que um acontecimento presente ou atual,era capaz de produzir.

Em verdade,seria face a este caráter especialmente intensivo de suas reminiscências,suja intensidade estaria represada no interior do psiquismo,que o sujeito histérico adoeceria.Ao invés de estarem desvinculadas desta intensidade,as reminiscências estariam quase que imersas em seu interior,sobrecarregadas por esta própria intensidade a tal ponto que a sua mera tradução pela via da palavra,não seria suficiente para diminuí-la.

Seriam assim lembranças/reminiscências que,exatamente porque se encontravam originaria e constitutivamente vinculadas a esta dimensão intensiva,produziriam efeitos incessantes no interior do psiquismo.

#### 4.2 AS LEMBRANÇAS E O "TEATRO PRIVADO "

Em suas primeiras observações clínicas, um dos aspectos que mais chamava a atenção do pesquisador Freud, era esse caráter sensorial, vivo e intenso das manifestações verbais na histeria<sup>1</sup>

As lembranças, que suas pacientes lhe narravam, sob hipnose ou auto-hipnose, seriam, segundo Freud, "representações", carregadas de intensidade, altamente visuais e plásticas.

Ao descrever o caso Emmy, Freud nos chama atenção exatamente para este caráter das "representações" na histeria.

"Em resposta a uma pergunta disse-me que enquanto descrevia estas cenas, via-as diante dela, numa forma plástica e em suas cores naturais. Contou que, em geral, pensava nessas experiências com muita frequência e o fizera nos últimos dias. Sempre que isso acontecia via essas cenas com toda a intensidade da realidade" (Freud, 1893-1895, 96) (grifos nossos).

E continua em nota de pé-de-página:

"Muitos outros pacientes histéricos nos relatam que têm lembranças dessa espécie em quadros visuais vívidos e que isto se aplicava especialmente a suas lembranças patogênicas" (Freud, 1893-1895, 96).

---

1. Ao nos referirmos às produções psíquicas na histeria estamos considerando todas as expressões, sejam verbais ou plásticas, lembranças ou fantasias, típicas das histórias e narrativas que as pacientes histéricas descreviam para Freud.

Estas pacientes eram damas da alta sociedade vienense que apresentavam grandes dotes intelectuais, "um excesso considerável de eficiência que talvez não pudesse ter sido mantido por muito tempo, e estava destinado a levar a exaustão" (Freud, 1893-1895, 151), (no caso de Frau Emmy), e uma vida afetiva e sexual bastante prejudicada (eram mulheres que, em sua maioria, não estabeleciam relações sexuais).

Também ao descrever o caso de Frau Caecilie \_ a baronesa Anna Von Leuben \_ Freud enfatiza esta dimensão das lembranças/reminiscências ,que estamos chamando aqui de produções psíquicas, a saber :a existência de uma expressão verbal que surge como um misto de representação verbal, expressão visual e de uma intensidade.

"Certo dia, uma antiga lembrança inesperadamente irrompeu, nítida e tangível e com todo o frescor de uma sensação nova. Quase tres anos após isto ela mais uma vez reviveu todos os traumas de sua vida \_ de há muito esquecidos, conforme lhe pareciam, e alguns, na realidade, jamais absolutamente lembrados \_ acompanhados pelo mais agudo sofrimento e pelo retorno de todos os sintomas que já havia tido " (...)

A única maneira de aliviá-la era dar-lhe a oportunidade de ,pela conversa, livrar-se, sob hipnose, da reminiscência particular que a atormentava no momento, juntamente com toda sua carga de sentimentos e expressão física ." (Freud, 1893-1895, 114) (grifos nossos)

Teria sido, inclusive, este caráter das lembranças na histeria que levou à constituição do método catártico ,que incluía em si, tres diferentes procedimentos :

(1) A hipnose propriamente dita <sup>1</sup>, que tinha como objetivo, colocar o paciente em um estado de sonambulismo no qual seria possível a recuperação das lembranças ausentes durante o estado

---

1. Em "O Coração e a Razão ", Isabelle Stengers e León Chertok nos chamam a atenção para a necessidade de distinguir entre a hipnose e a sugestão, na medida em que "...em 1853, foi a eficácia do processo hipnótico ,e não da sugestão, que funcionou como prova da nova ordem de causalidade psíquica que Freud se empenhou em instituir "(Stengers-Chertok, 1990, 59).

de vigília .Nos casos de auto-hipnose ,esse estado seria alcançado espontâneamente pelo próprio paciente a partir de uma intensa produção de devaneios e da constante atividade da imaginação, \_ o "teatro privado " de Anna O..

Seria interessante observarmos aqui o quanto este aspecto propriamente criativo das rememorações, sob hipnose, surpreendera a Breuer e a Freud .Ao se referir a Anna O., Breuer nos afirma :

"Ela embelezava a sua vida de uma forma que provavelmente a influenciou decisivamente na orientação de sua moléstia, entregando-se a devaneios sistemáticos que descrevia como seu "teatro privado". Enquanto todos pensavam que ela era uma espectadora, vivia contos de fada em sua imaginação, mas estava sempre alerta quando lhe dirigiam a palavra ,de modo que ninguém se dava conta de seu estado "(Freud, 1893-1895, 64).

Uma outra questão que nos chama a atenção, seria a semelhança entre estes estados de auto-hipnose, caracterizados pelo seu forte conteúdo imaginário, e os chamados estados de "desrealização do percebido", que seriam estados entre o sono e a vigília que, exatamente por permitirem um certo distanciamento da consciência face à diversidade sensível e perceptiva, possibilitariam as mais criativas produções artísticas.

Estes estados seriam assim os estados mais favoráveis para a proliferação de sonhos e fantasias, como nos sugere José Gil (Gil, 1985, 18), a propósito da obra de Fernando Pessoa.

(2) A sugestão que tinha como objetivo ,eliminar os sintomas e as idéias patológicas \_as idéias fixas \_ a partir da influência psíquica ,de garantias, proibições, sugestões, ordens de lembrança e de cura dos sintomas. Embora Freud, desde o início de sua prática

clínica, tenha se mostrado bastante descrente dos recursos terapêuticos da sugestão, a partir do caso de Frau Emmy<sup>1</sup>. Os limites da sugestão vão se tornando cada vez mais visíveis para Freud, muito embora ele ainda o utilizasse em alguns casos, porém nunca se contentando com isso, como ele mesmo nos afirma;

"...lutei contra as idéias patológicas da paciente por meio de garantias e proibições e apresentando idéias opostas de toda espécie. Mas não me contentei com isso. Investiguei a gênese dos sintomas individuais a fim de poder combater as premissas nas quais se basearam as idéias patológicas" (Freud, 1893-1895, 147).

Este texto é significativo, na medida em que expressa, de forma clara, a consciência de Freud quanto ao fato de que, na histeria, o que estava em jogo, era muito mais da ordem de "forças" e/ou intensidades "em luta" do que propriamente da ordem de uma "representação". Quando ele se refere à análise psíquica, seria exatamente no sentido de apontar para esta dimensão do fenômeno, isto é, seu caráter de um conflito entre forças que resistiriam e impediriam o acesso das lembranças ao psiquismo consciente. Nesta medida, nem a hipnose, nem a sugestão seriam eficazes na medida em que somente pela análise psíquica destas forças era possível se alcançar a eliminação dos sintomas.

(3) a cura pela narrativa detalhada das lembranças e de suas causas desencadeantes, a um terapeuta. A importância da relação

---

1. Desde o primeiro momento de seu tratamento, esta paciente lhe fizera ver a importância de análise psíquica e a ineficácia da sugestão, pois "...essa mesma pessoa que se apegava tão obstinadamente aos seus sintomas em face da sugestão e só os abandonava em resposta à análise psíquica ou à convicção pessoal era, por outro lado, tão dócil quanto a melhor paciente encontrada em qualquer hospital, no que dizia respeito a sugestões irrelevantes, na medida em que se tratasse de assuntos não relacionados com a sua doença". (Freud, 1893-95, 145)

médico-paciente para Freud, era de tal modo significativa em suas investigações que, podemos, inclusive, propor que a própria superação do método catártico e a constituição do método psicanalítico propriamente dito, muito se deve a algumas vicissitudes desta relação. Isto porque, vai ser a partir da constatação de que, tanto a hipnose como a sugestão, em verdade, reforçavam a importância do terapeuta em detrimento do trabalho de análise psíquica e de associação feito pelo próprio paciente, que Freud vai se propor a encontrar um método alternativo que tendo ainda como objetivo, o reestabelecimento da memória do paciente, teria como eixo de seu trabalho, a análise das forças e das resistências em conflito.

Estas questões podem ser melhor observadas a partir de uma análise mais cuidadosa do próprio método catártico. Assim é que, a partir do tratamento de Anna O. (1880-1882) por Joseph Breuer, já era possível (a Freud) observar que:

"...uma observação fortuita revelou ao médico da paciente que ela podia ser aliviada desses estados nebulosos de consciência, se fosse induzida a expressar em palavras a fantasia emotiva pela qual se achava no momento dominada. A partir dessa descoberta, Breuer chegou a um novo método de tratamento. Ele a levava a uma hipnose profunda e fazia-a dizer-lhe, de cada vez, o que era que lhe oprimia a mente." (Freud, 1925, 32).

Os sintomas remontavam sempre a "fatos comovedores", isto é, "seus sintomas tinham um significado e eram resíduos ou reminiscências daquelas situações emocionais.

Verificou-se na maioria dos casos que tinha havido algum

pensamento ou impulso que ela tivera de suprimir enquanto se encontrava à cabeceira do enfermo, e que, em lugar dele, como substituto do mesmo, surgira depois o sintoma" (Freud, 1893-1895, 32) (grifos nossos).

No longo trecho acima transposto, pode-se destacar alguns pontos importantes, a saber:

\_ a "descoberta" de que nos "estados nebulosos de consciência", que tanto oprimiam as pacientes histéricas, existiam fantasias emotivas. Uma vez que estas "fantasias emotivas" eram expressas em palavras e narradas ao terapeuta, os sintomas, a elas vinculados, eram eliminados ;

\_ a "descoberta" de que, sob hipnose, era possível recuperar os elos perdidos da memória, reestabelecendo as ligações causais entre os fatos desencadeantes e os sintomas. Freud, inclusive, chama atenção para o fato de que, muitas vezes, o próprio paciente, "sabia" do que havia sido supostamente esquecido. Tratava-se, assim, de um "esquecimento", não do acontecimento em si, mas da ligação deste acontecimento com os seus sintomas atuais ;

\_ a idéia de que os sintomas tinham uma "história" e um "significado"; gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que, embora Freud acreditasse na existência, tanto do evento como de seu "significado" como elementos capazes de desencadear uma neurose, ao se referir a "pensamentos ou impulsos" ele já estaria buscando dar expressão a esta tensão entre intensidade e "representação" que estamos querendo apontar ao longo deste trabalho ;

\_ a observação de que, não eram essas situações afetivas



anteriormente vividas pelo sujeito que seriam as responsáveis pela formação dos sintomas, mas a existência de emoções que tiveram de ser suprimidas :

... observa-se, assim, um fio condutor entre estas lembranças/reminiscências, estas fantasias emotivas e as auto-sugestões ou auto-hipnoses. De algum modo, elas se referem à formas específicas de produção/criação psíquicas que trariam esta tensão entre intensidade/representação como seu elemento constituinte : mais do que isso, expressariam em seu interior diferentes dimensões , a saber : a expressão plástica e visual , as imagens ; a expressão propriamente ideativa e a dimensão intensiva \_ ou, em termos freudianos , um "quantum de afeto".

### 4.3 QUE AFETO É ESTE ?

Seria importante tecermos algumas considerações sobre os termos em questão. Andre Green, em "O Discurso Vivo" (1982) nos chama a atenção para o uso do termo AFFEKT. Segundo ele, este termo não existiria originalmente em francês, tendo sido importado para a língua francesa pela via da Psicanálise; de algum modo, Laplanche-Pontalis nos confirmam esta versão, ao afirmarem em seu "Vocabulário de Psicanálise" que este termo "...a Psicanálise foi buscar à terminologia alemã" (Laplanche-Pontalis, 1975: 34).

Juntamente com o termo AFFEKT, classicamente traduzido por AFETO, Freud empregava dois outros, EMPFINDUNG \_ sensação \_ e GEFUHL \_ sentimento \_, cujos sentidos se desdobrariam mutuamente entre si e que encontrariam diferentes traduções nas diversas línguas. Muitas vezes estes termos eram traduzidos pela palavra emoção que era uma expressão vinculada ao vocabulário psiquiátrico em uso no final do século passado \_XIX\_ e uma expressão mais usual na língua francesa. O próprio Freud, muitas vezes, se refere ao termo emoção no mesmo sentido atribuído por Darwin ao falar da "expressão das emoções \_ o princípio do extravasamento da excitação" (Freud, 1893-1895, 37).

"Na ausência do termo afeto, a tradução psicológica francesa distingue geralmente na vida afetiva a emoção, estado agudo e transitório, o sentimento, estado mais atenuado e mais durável, e a paixão, violenta, profunda e durável" (Green, 1982, 18).

Apesar da inexistência do termo afeto na língua francesa, o

que seria visível na sua ausência dos grandes dicionários, outros termos proliferariam tais como "affecter" (afetar), "affectif" (afetivo) e outros, todos remetendo à esfera da sensibilidade, como ocorre no vocabulário de Lalande. Com base no verbete sobre sensibilidade de Lalande, Green nos sugere que a língua francesa — como também a língua portuguesa — "...designa por um homônimo — sens (sentido), a sensibilidade (sensibilidade) e a signification (significação)" (Green, 1982, 17). Esta raiz comum se prolongaria em duas direções, uma, afetiva e sensitiva, e outra, representativa e intelectual. Esta distinção remeteria a categorias de pensamento constitutivas do que Green denomina de "metafísica ocidental" (Green, 1982, 17) e que teriam determinado o horizonte conceitual de Freud.

Por outro lado, o termo affectif designaria classicamente a afecção (modificação das sensações) e mais modernamente, designaria algo que teria uma relação com a "sensibilidade, com o prazer, com a dor, com as emoções" (Robert) (Green, 1982, 18). Este termo affectif teria vários sentidos em língua francesa, entre eles, o de buscar alguma coisa, procurar alcançar e com este objetivo, fingir, se dispor a tomar esta ou aquela forma; ou seja, aparentar uma forma que não lhe seria própria.

Deste modo, nesta asseção do termo, o afeto teria um caráter visivelmente plástico, móvel, fluido, se constituindo como uma forma capaz de se deslocar e se adaptar de acordo com as circunstâncias, quase como um ornamento, uma cobertura, uma máscara. Green nos sugere, como um "...engano, ostentação ou artifício" (Green, 1982, 18).

"é surpreendente, ao considerar apenas estas definições banais do dicionário, constatar um tratamento pejorativo do afeto (...) confronta-nos com o desejo encarado sob o ângulo do fingimento, da dissimulação, da insinceridade, da falsificação ou da intimidação. O afeto, mesmo no dicionário, não tem boa fama e a evolução da língua reflete a evolução da cultura face ao afeto" (Green, 1982, 19).

Em língua portuguesa, se encontra a mesma definição. No dicionário de Aurélio B.H. Ferreira, "afetar", que viria do verbo de origem latina, *affectare*, e se traduz por fingir, dissimular. Já o termo AFETO se definiria por afeição, amor, amizade, englobando apenas sentimentos valorativos.

Em Laplanche-Pontalis (1975) encontramos uma definição mais propriamente psicanalítica: o afeto "...exprime qualquer estado afetivo, penoso ou agradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. Segundo Freud, toda a pulsão se exprime nos dois registros do afeto e da representação. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações" (Laplanche-Pontalis, 1975, 34).

Seria interessante observarmos aqui, a relação de equivalência entre as definições de Intensidade, que Garcia-Roza nos sugere, e esta definição do Afeto, feita por Laplanche-Pontalis.

Seria assim que o termo quota de afeto designaria esta noção de uma quantidade de energia pulsional enquanto o termo afeto enfatizaria sua dimensão qualitativa e subjetiva.

Joel Birman (1991), por outro lado, nos chamaria a atenção para duas distinções feitas por Freud: uma, em 1915, quando ele

distinguiria afeto e quota de afeto, restringindo o termo "afeto" ao plano da consciência na medida em que ele suporia uma "vivência concreta do sujeito" ( Birman, 1991, 96); outra, em 1923, que, acrescentaria uma outra distinção à primeira já apontada. Estabelece-se assim uma "contraposição conceitual" entre afeto e sensação afetiva, esta situada na ordem da pulsionalidade. Seria assim que,

"A sensação afetiva só recebe a qualidade de afeto quando passa a existir no plano da representação. Sem este investimento nas cadeias associativas do representante-representação da pulsão o afeto retornaria ao estatuto econômico de quantum de afeto, isto é, à ordem da pulsionalidade, localizada miticamente entre o somático e o psíquico" (Birman, 1991, 96).

De algum modo, podemos detectar nesta distinção entre o afeto e a representação, uma outra distinção que nos remete à tradição filosófica clássica, que diria respeito a uma dualidade entre a sensibilidade e o entendimento, no interior da qual a sensibilidade, pela sua diversidade e fluidez, seria considerada como necessariamente enganosa.

Afirmar, como o faz Aristóteles, que a sensibilidade apenas nos fornece o verdadeiro, significa, de fato, a negação da sua importância enquanto elemento integrante de uma teoria do conhecimento. Isto porque, na medida em que o dado sensível não pode ser colocado em questão e na medida em que ele apenas se afirma enquanto tal, isto é, enquanto um dado, a sensibilidade passa a ser encarada como essencialmente enganosa. Seria assim que, se X afirma que seu sentimento é este, que para ele a coisa é, não

haveria como refutar esta afirmação. Neste sentido, não seria possível atribuir nenhum lugar à sensibilidade no interior do processo de conhecimento.

De algum modo, podemos detectar, na oposição afeto/representação, a presença desta tradição de pensamento filosófico que remontaria à Aristóteles e, em última análise à Platão.

Por outro lado, não se trataria aqui de uma teoria do conhecimento propriamente dita mas de uma teoria sobre o psiquismo humano, imersa como vimos no interior de um horizonte conceitual ainda determinado por esta oposição filosófica clássica. Em nossa perspectiva, inclusive, por mais que a Psicanálise não se proponha enquanto tal, isto é, enquanto teoria do conhecimento, em verdade, em Freud, a preocupação com a relação dos "neuróticos" e da humanidade em geral com a realidade sempre ocupou um lugar central em sua teoria. Seria assim que desde o início de sua prática, Freud sempre se defrontou com a tarefa de "trazer a significação psicológica do mundo externo e real para a estrutura de nossas teorias" (Freud, 1911, 277, 278). Nesse sentido, embora a Psicanálise não seja uma teoria do conhecimento, a sua própria prática teórica e clínica não pode se fazer sem ter uma teoria do conhecimento como um pressuposto, como fundamento. Mais do que isso, como condição da própria travessia.

Retomando o eixo central deste capítulo, Jean Laplanche em "Problématiques I-L Angoisse" (1980), se refere ao fato de que a noção de quantidade, utilizada por Freud ao longo de sua obra, seria uma concepção remanescente do positivismo médico e de um certo cientificismo dominante em fins do século XIX, mas que

teria um ponto importante de ancoragem na clínica psicanalítica de então. Em sua prática clínica, Freud teria se defrontado com dois tipos diferentes de fenômenos, presentes tanto nas neuroses atuais (neurose de angústia e neurastenia) como na própria histeria, que o teriam levado a postular a existência de uma quantidade circulante no interior do psiquismo, que se estenderia sobre "os vestígios mnésicos das representações". A partir deste fato, teria se tornado necessária a distinção entre afeto e representação no interior da teoria psicanalítica,

"...pois o que se observa é que esses dois elementos podem ser independentes um do outro ; que são suscetíveis de se deslocar um em relação ao outro; que um afeto pode reproduzir-se sem representação e que a psicanálise pode permitir reencontrar a representação ausente ; que um afeto pode estar ligado à uma certa representação que não o justifica de maneira nenhuma ". E conclui:

"a oposição quantidade-representação ou quantidade-neurônios, é, portanto, a mesma coisa que a oposição clínica afeto-representação "(Laplanche, 1989, 12-13).

Esta seria, assim, uma interpretação possível da teoria psicanalítica. Concordamos com Andre Green, quando ele nos afirma que:

"Apesar de a obra de Freud ter tido como resultado desarrumar um pouco essas categorias, [as categorias de pensamento que determinariam o horizonte conceitual de Freud] no entanto ela permaneceu necessariamente dependente delas. Deste modo, pode-se dizer que, apesar de seu alcance revolucionário, essa obra permane-

ce dentro da metafísica ocidental. Sem que , absolutamente, possamos pretender termos saído dela, podemos compreender as contribuições psicanalíticas: pós-freudianan mais recentes como uma tentativa de fazer explodir os limites desse quadro." (Green, 1982, 17)

Entre estas contribuições estaria a tentativa de abandonar a "distinção entre representação e afeto, inteligível e sensível, significação e sensibilidade." (Green, 1982, 17)

Nesta perspectiva, o que estamos propondo aqui se fundaria, não mais na oposição entre intensidades/representação, oposição esta que poderia nos levar a definir o objetivo da Psicanálise como sendo a "investigação " e "tentativa de apreender a constituição mítica do psiquismo, considerado como ordenação da pulsionalidade no universo da representação" (Birman, 1991, 97).

Em verdade, o que propomos aqui seria uma tentativa de pensar que, ao invés de estabelecermos como objetivo, a inscrição da pulsionalidade no interior da representação, a Psicanálise teria como objetivo exatamente estabelecer a possibilidade de um ENCONTRO do sujeito com estas intensidades e estes signos , com aquilo que, em si mesmo, o violenta e o força a pensar .



"É a curiosidade \_ em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação : não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo . De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira , e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece ? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir " .

Michel Foucault

"O Uso dos Prazeres "

## 5 - AS INTENSIDADES E AS REPRESENTAÇÕES:

### ENCONTRO OU CONFRONTO ?

#### 5.1 - O ENCONTRO COM AS INTENSIDADES :

##### FORÇAS E SIGNOS

Seria assim que gostaríamos de propor aqui a idéia de que a tarefa da Psicanálise seria muito mais a de possibilitar um ENCONTRO com as INTENSIDADES do que inscrever e/ou ordenar estas intensidades \_ A Pulsão \_ no universo das representações. Muito porque, partimos do pressuposto de que esta seria uma tarefa infinita e sempre fadada ao fracasso. Isto porque as INTENSIDADES sempre escapariam à qualquer possibilidade de representação.

E isto tanto porque as intensidades não seriam aprisionáveis pela representação, como pelos limites internos à própria representação. Voltaremos a este ponto mais tarde.

Seria assim que gostaríamos de pensar a Psicanálise como um espaço de criação das condições de possibilidade para que este encontro possa se realizar.

Um ENCONTRO com estas intensidades que nos impulsionam, com este estranho/familiar, este UNHEIMLICH que nos constitui e nos impulsiona a pensar e a significar. <sup>1</sup> Mais do que isso, que nos força a amar, odiar, ser feliz, alegre ou triste, ou seja, a viver.

---

1. Clement Rosset nos aponta para esta presença do trágico interior do acontecimento e do próprio sujeito. O "temível", seja FORA ou DENTRO, estaria nesta interioridade concebida como algo estranho, naquilo que "está mais próximo" e "é também o que está mais longe, o mais conhecido é o mais desconhecido, o mais familiar, o mais estranho" (LP, 69. O UNHEIMLICHE, o estranho, familiar de que Freud nos fala em "O Estranho" (1919).

Sempre de forma diferente, como nos propõe Foucault em "Uso dos Prazeres" (1984): haveria um momento na vida em que seria fundamental sabermos se podemos pensar de forma diferente, e, mais do que isso, se podemos viver de forma diferente, que é do que se trata especificamente em Psicanálise.

E o que nos faria viver de forma diferente se daria, fundamentalmente a partir do ENCONTRO com estas intensidades que, mais do que pela representação, se expressariam a partir da repetição, aqui compreendida tal qual um REGIME DE SIGNOS, como nos propõe José Gil (1988) isto é, algo que não seria nem da ordem dos signos, nem da ordem das forças.

Seria assim que, este REGIME DE SIGNOS englobaria, em seu interior, tanto uma dimensão na qual as forças e intensidades circulariam, como um sistema no qual os signos poderiam significar, isto é, cumprirem sua função de signos, a saber, estar no lugar de, representar alguma coisa \_ seu objeto \_ para alguém, dirigindo-se para alguém e criando nesse alguém um signo equivalente, como nos propõe Pierce (1972, 94).

Nesse sentido, ainda seguindo José Gil, não haveria oposição entre signos e forças. De um lado, nem a força seria apenas um puro dado bruto, insignificável, energia incodificável, da qual não se poderia falar, nem também os signos não poderiam ser puros signos, na medida em que eles não existiriam em si mesmos, mas somente em relação a um receptor \_ o que suporta forças que levariam o signo a significar alguma coisa para alguém, isto é, uma mensagem, comunicação, decodificação.

Além do mais, uma força\_ ou intensidade\_ só encontraria

resistência de uma outra força que se significa enquanto tal.

Seria assim que, qualquer força, de qualquer natureza, só exerceria sua força, só produziria os seus efeitos \_ de força \_ na medida em ela pudesse ser interpretada por signos que, por seu turno, se manteriam eles mesmos como intensidades ou forças (Gil, 1988, 21, 22).

## 5.2 - MEMÓRIA E ESQUECIMENTO :

### A EXPERIÊNCIA DE SI ENQUANTO EXPERIÊNCIA DE TEMPO

De algum modo, retornamos aqui a um Freud em pleno ENCONTRO com estas intensidades tão presentes e atuantes na histeria, não para afirmarmos que este seria o "verdadeiro" Freud, mas para refletirmos com base em um material "pleno de intensidades" como é o "Estudos sobre a Histeria", na possibilidade de que a própria reminiscência, quando não se realiza meramente de forma consciente, mas de forma inconsciente e involuntária, pode se constituir em um ato de criação.

Em "Foucault" (1986), Deleuze nos chama a atenção para esta relação entre memória, esquecimento e a experiência de si, proposta por Foucault. Segundo ele, a Memória seria o

"...verdadeiro nome da relação consigo, ou do afeto por si" (Deleuze, 1986, 115).

Em Kant, o tempo seria a forma pela qual o espírito se afeta a si mesmo, seria compreendido como a capacidade da auto-afecção, uma estrutura essencial da subjetividade. Por outro lado, a Memória seria exatamente este tempo visto como subjetivação.

Não seria o esquecimento que se oporia à memória, mas o esquecimento do esquecimento, que nos dissolve e constitui a morte. Nessa medida,

"...O tempo se torna sujeito (...) e, nessa condição, faz com que todo o presente passe ao esquecimento, mas conserva todo o

passado na memória, o esquecimento como impossibilidade de retorno e a memória como necessidade de recomeçar." (Deleuze, 1986, 115)

Esta relação com o tempo, compreendido aqui como subjetivação seria uma dimensão fundamental para que possamos pensar este ENCONTRO com as intensidades nos moldes de uma EXPERIENCIA DE TEMPO como propomos no início de nosso trabalho.

Em nosso horizonte, a experiência de si, como nos propõe Foucault, ou seja, uma experiência de relação com o próprio passado na qual este não se colocaria como uma força ou uma intensidade a ser dominada ou a se rebelar, mas enquanto intensidades capazes de produzir um prazer que nasce de nós e em nós mesmos (Foucault, 1985, 71).

### 5.3 \_ O CONFRONTO COM AS INTENSIDADES ; A SEXUALIDADE

Nesta medida, é que compreendemos que, as tentativas de Freud de estabelecer uma relação com as intensidades, que, se no início de seu trabalho, foram marcadas, fundamentalmente, por uma curiosidade "científica" que o fazia, de alguma forma, se defrontar com as intensidades, com o passar do tempo e o advento do método psicanalítico propriamente dito, se deslocou para um confronto com estas intensidades. Do encontrar/defrontar ao confrontar.

Seria assim que, em 1894, em "As neuropsicoses de defesa", Freud se refere ao que estamos chamando aqui de "encontro com as intensidades" \_ encontro porque trata-se de algo que o forçara a pensar \_ mediante o termo "quantum de afeto" e o introduz enquanto "hipótese de trabalho".

"Refiro-me ao conceito de que nas funções mentais deve ser distinguida alguma coisa \_ uma quota de afeto ou soma de excitação\_ que apresenta todas as características de uma quantidade (embora não disponhamos os meios para medi-la), capaz de crescimento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços de memória das idéias, tal como uma carga elétrica se expande na superfície do corpo" (Freud, 1894, 73 ).

Neste momento de sua obra, estas intensidades seriam compreendidas como esta "quantidade circulante" que, ao se "espalhar" no interior do psiquismo sobre os traços de memória, fundaria a própria capacidade psíquica de representação \_como nos propõe Freud.

Estas intensidades seriam ,no entanto, produzidas a partir do próprio interior do sujeito e, com Freud vai nos afirmar, já em 1894, neste mesmo texto, a produção da histeria se dava em função da " ocorrência de uma incompatibilidade na sua vida ideativa [dos pacientes] \_ isto é, até que seu ego foi confrontado com uma experiência ,uma idéia ou um sentimento que suscitavam um afeto tão aflitivo que o sujeito decidia esquecê-lo "(Freud, 1894, 59).

Nas mulheres, estas incompatibilidades surgiam a partir essencialmente da vida sexual, levando-as a lutar para suprimi-las de sua consciência e esquecê-las.

Em "Psicoterapia da Histeria"(1895), ele nos amplia este espectro ao estendê-lo a histeria como um todo, cuja etiologia deveria "ser procurada em fatores sexuais "(Freud, 1893-95, 313).

Isto porque os fatores sexuais seriam os responsáveis por um tipo de experiência que, em função de uma descontinuidade temporal que seria constituinte do próprio desenvolvimento sexual, produziria um excesso de excitação não passível de ser descarregada.

Nesta medida ,seria assim através da SEXUALIDADE .enquanto uma forma específica de produção das intensidades \_ na medida em que produziria um excesso de excitação \_que o TEMPO se introduziria na dimensão psíquica ,constituindo, assim, a memória.

A memória se formaria ,deste modo, a partir de um processo essencialmente descontínuo, no interior do qual os traços de memória se inscreveriam no psiquismo segundo diferentes camadas e sujeitos a rearranjos ou retranscrições que iriam variar de acordo com o tempo.

"...a memória não se faz presente de uma só vez, mas se



desdobra em vários tempos ; (...) ela é registrada em diferentes espécies de indicações " (Freud, 1896, 317).

Com base nesta indicação, formulada em uma carta à Wilhelm Fliess, de 6 de dezembro de 1896, Freud elaboraria um esboço dos diferentes registros que comporiam o mecanismo psíquico de estratificação do material mnêmico, a saber :

W (Wahrnehmungen) [percepções] que constituiriam os neurônios propriamente perceptivos, ou seja, que apenas receberiam a excitação, dela nada retendo ; seria a partir deles que a consciência se formaria, fato este que seria responsável pela constituição de uma consciência basicamente perceptiva e descontínua. Ou seja, uma consciência que não sofria nenhuma marca, nem alteração em função das diferentes excitações que a atingiriam. Reafirmaria-se aqui a relação de exclusão mútua entre consciência e memória, "...consciência e memória se excluem mutuamente " (Freud, 1896, 318) , exclusão esta já apontada anteriormente no texto do "Projeto para uma Psicologia Científica" (1895).

Neste texto, Freud nos fala de uma memória que se distingue da consciência, exatamente por esta "...capacidade de ser permanentemente modificada por ocorrências únicas " (Freud, 1895, 399).

Voltando a Carta 52, haveriam mais três registros, a saber :

Wz, (Wahrnehmungszeichen) [indicação de percepção], segundo registro das percepções, também não teria acesso à consciência e se constituiria a partir das associações de relações causais de lembranças conceituais ;

Vb (Vorbewusstsein) [pré-consciência], terceira transcrição,

que se vincularia às representações verbais e corresponderia ao ego, ou seja, a uma consciência secundária de pensamento.

Cada registro se constituiria , assim, como, um produto da realização psíquica de diferentes épocas de vida, de acordo com diferentes momentos do tempo. Entre um registro e outro, a possibilidade da ocorrência de uma tradução do material psíquico.

As neuropsicoses seriam o resultado de uma falha na tradução de determinada parte do material que atingiria a tendência ao ajustamento quantitativo que haveria no psiquismo. Seria assim que,

"Cada transcrição subsequente inibe a anterior e lhe retira o processo de excitação. Se falta uma transcrição subsequente, a excitação é manejada segundo as leis psicológicas vigentes no período anterior e consoante as vias abertas a essa época "(Freud, 1896, 319).

Desta forma, criariam-se anacronismos , " fueros ", ou ainda sobrevivências de uma fase psíquica que se expressariam em uma forma de inscrição que teria no seu interior as marcas de uma época psíquica anterior.

"Uma falha na tradução \_ isto é o que se conhece clinicamente como recalque . Seu motivo é sempre a produção de desprazer , que seria gerado por uma tradução ; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio de pensamento que não permitisse o trabalho de tradução "(Freud, 1896, 319).

Era assim que o recalque seria o resultado de uma falha na tradução que ocorreria em função de um excesso de desprazer que essa tradução geraria caso se realizasse.

Em decorrência deste fato, o material psíquico não seria

assim submetido à re-transcrição, ficando submetido às leis psicológicas do registro antecedente.

Seria assim que, para evitar a produção deste desprazer, o que se observaria seria a ocorrência de um distúrbio psíquico — o recalque — que não permitiria o trabalho de tradução.

No entanto — e este é um ponto central — o recalque não incidiria, apenas, sob um tipo específico de experiências desprazerosas. Na maioria dos casos, um determinado evento, ao produzir grande quota de desprazer, registraria a marca deste desprazer no interior da própria representação pela qual ele era lembrado. Ou seja, a sua lembrança, ao ser evocada, em um momento posterior traria em si um meio de inibir a produção deste desprazer.

"Assim, um evento sexual ocorrido numa fase determinada, atua sobre a fase seguinte como se fosse um evento atual e, por conseguinte, não é passível de inibição. O que determina a defesa patológica (recalque), portanto, é a natureza sexual do evento e sua ocorrência numa fase anterior." (Freud, 1896, 320).

No caso dos eventos sexuais, estes mecanismos de desgaste, próprios das lembranças, perdiam a sua eficácia, em função da própria natureza bi-fásica da sexualidade. Na verdade, embora o evento tenha ocorrido em um tempo anterior, a excitação que acompanharia a sua lembrança — do evento sexual — tenderia a crescer com o tempo.

Seria assim que, a durabilidade e/ou permanência de uma lembrança estariam ligadas diretamente ao seu caráter sexual.

Assim sendo, somente as lembranças de eventos sexuais

agiriam como se fossem eventos atuais .isto porque ,estas lembranças , quando despertadas ,anos depois, em um momento em que o próprio sujeito já seria capaz de produzir uma excitação sexual propriamente dita, \_ notadamente na puberdade \_ seriam cada vez mais capazes de produzir intensidades crescentes .

Esta intensificação das lembranças ,em função do tempo ,não ocorreria com outras lembranças que,em sua maioria, produziriam cada vez uma menor intensidade e um menor desprazer .A cada repetição da lembrança ,esta excitação ou intensidade gerada pela lembrança tenderia a se enfraquecer e a perder sua intensidade.

Desta forma , esta experiência denominada por Freud de "cena" de sedução [\_ pois,como vimos,até 1897,Freud ainda acreditava que suas pacientes tinham,de fato,sido seduzidas por seus pais ou tios \_] ,era uma experiência de natureza traumática ,de um lado , em função de seu caráter sexual ; de outro lado,em função da descontinuidade temporal que lhe era constituinte .

Mais do que isso : seria através da própria sexualidade que a dimensão do Tempo ,enquanto capacidade de se auto-afetar ,se introduziria no sujeito.E ao fazê-lo ,tornava o esquecimento \_ já que a "fuga" ou a descarga seriam impossíveis \_ a única condição de possibilidade de se relacionar com estas intensidades em excesso ,produzidas \_ ou auto-produzidas \_ pela própria sexualidade .Ou,em termos mais propriamente psicanalíticos, o recalque surgiria no lugar da " tradução" ,como uma falha na tradução.

#### 5.4 - ESQUECIMENTO E REPETIÇÃO : RECALQUE E REPRESENTAÇÃO

Tendo em vista o acima exposto, propomos aqui uma distinção entre "esquecimento" e "recalque", a saber : enquanto o recalque incidiria sobre as representações, rompendo suas articulações e separando-as de seus afetos, o esquecimento atuaria diretamente nas intensidades, não de forma a anular e/ou eliminar seus vestígios, mas, pelo contrário, de forma a assegurar a possibilidade de sua insistência e persistência, ou seja, a repetição.

Lembramo-nos aqui de Deleuze que nos sugere que : não é porque recalco, que eu esqueço, mas, é exatamente para não esquecer que eu recalco. Ou seja, "eu" recalco exatamente para poder repetir e assegurar, desta forma, o "meu" não esquecimento.

" Não repito porque recalco. Recalco porque repito, esqueço porque repito. Recalco porque, primeiramente, não posso viver certas coisas ou experiências a não ser ao modo da repetição. Sou determinado a recalcar aquilo que me impediria de vivê-las desse modo, isto é, a representação; a representação que mediatiza o vivido ao relacioná-lo com a forma de um objeto idêntico ou semelhante "(Deleuze, 1988, 47)

Isto é, para Deleuze, o recalque se faria exatamente com o objetivo de impedir a representação e ao fazê-lo, possibilitaria, assim, a repetição. Assim sendo, o recalque seria uma condição de possibilidade para que a própria repetição possa ocorrer.

Esqueço para poder repetir nos sugere Deleuze.

O esquecimento surgiria assim como a própria condição para a repetição ; como a possibilidade de conservação de uma intensidade que não pôde ser representada, que nem sequer pôde ser vivida, que sempre nos escapou. E que somente pôde ser "preservada" no e por este esquecimento, condição para que a própria repetição em sua intensidade possa persistir.

Lembramos aqui de Santo Agostinho e do Memória do Esquecimento que ele nos sugere. Um esquecimento que, por não significar eliminação absoluta da idéia ou imagem ou ainda, da sensação, é a própria condição de possibilidade da memória. O esquecimento absoluto, em verdade, seria a própria morte, o esquecimento do esquecimento.

Seria assim que, segundo Freud, esta experiência traumática, produzida a partir de um evento de ordem sexual e da ordem da sedução se daria em dois momentos :

- O primeiro momento, seria o do evento original de sedução, supostamente responsável pelo desencadeamento da histeria. Neste momento, a experiência da sedução, por se tratar de uma experiência para a qual o sujeito se encontraria ainda incapaz, não só de expressar adequadamente qualquer emoção -e/ou reação energética -mas, inclusive, de significar o seu caráter sexual, ocorreria, sempre, em um tempo "cedo demais".

Isto porque, em função da prematuração sexual do sujeito, a questão da sexualidade sempre o atingiria como se viesse DE FORA.

Incapaz de representar a cena de sedução como uma experiência que diria respeito à sexualidade, o sujeito apenas se defrontaria com um EXCESSO de excitação que esta lhe despertara e

que, em função de sua prematuração sexual e de sua incapacidade de significação, não pôde ser expresso, sendo assim, represado.

Desta forma, seria em função de sua incapacidade de compreender o caráter sexual da cena de sedução e de sua prematuração sexual que esta experiência teria um efeito traumatizante, produzindo, assim, de um lado, um excesso de excitação; de outro lado, uma incapacidade de representação e de associação.

Jean Laplanche nos chama a atenção para o fato de que,

"Na teoria freudiana, o acúmulo de excitação somática - o qual é efetivamente considerado causal na angústia - jamais é explicado diretamente pela ausência de descarga ou de orgasmo" (Laplanche, 1987, 28)

Segundo este autor, o que seria patogênico seria "a ausência de elaboração psíquica da excitação" (Laplanche, 1987, 28)

O segundo momento, seria o momento da evocação da lembrança propriamente dita. Neste momento, que poderíamos situar na puberdade, o sujeito já apresentaria um desenvolvimento sexual e intelectual que o tornaria capaz, tanto de experimentar a emoção sexual como de representar psiquicamente o evento de sedução, compreendendo, inclusive, seu caráter efetivamente sexual.

Seria interessante chamar atenção para duas questões:

- A primeira diz respeito ao fato de que, para Freud, durante a experiência de sedução, não haveria produção da emoção sexual propriamente dita, mas apenas um excesso de excitação;

- A segunda diz respeito ao fato de que, a experiência de sedução somente produziria seu efeito traumático, a partir do momento em que o sujeito, já na puberdade, seria capaz de repre-

sentar a experiência, ou melhor, de lembrá-la e de lhe atribuir um significado sexual.

O recalque, incidiria basicamente, na representação da experiência, rompendo os elos que uniam, até então, o afeto e a representação.

Desta forma, seria esta "representação da experiência" que se produziria, em um momento posterior, em um "tarde demais" perdido no tempo que constituiria a reminiscência histórica. Desta forma, a intensidade que constitua a característica básica das lembranças/reminiscências, histórias e narrativas que afloravam na histeria, seria a expressão direta da origem sexual destas "manifestações psíquicas" que propomos aqui chamar de Produções Psíquicas.

Seria assim, esta origem sexual, o fator responsável pela permanência e durabilidade destas lembranças em sua dimensão traumática - isto é, produzindo efeitos que atuavam no psiquismo sob a forma de SINTOMAS.

Desta forma, ocorria, na histeria, algo como uma inversão de causalidade na medida em que, mesmo cessando a suposta causa dos sintomas, isto é, mesmo que o evento de sedução repousasse em algum lugar do passado e não no presente, seus efeitos permaneceriam atuais.

Na "Comunicação Preliminar", Freud e Breuer nos afirmam:

"Podemos inverter a máxima "cessante causa cessat effectus" [quando a causa cessa o efeito] e concluímos dessas observações que o processo determinante continua a atuar de uma maneira ou de outra durante anos - não indiretamente, através de



uma corrente de elos causais intermediários, mas como uma causa diretamente liberadora \_ da mesma forma que um sofrimento psíquico que é recordado no estado de vigília ainda provoca uma secreção lacrimal após o fato. Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências "(Freud, 1893-95, 48).

Seria assim possível considerar que :

\_ As reminiscências não são lembranças de ordem consciente, nem muito menos dizem respeito a reprodução de eventos passados pela memória consciente.

Mais do que isso, elas nos remetem a um tipo de "lembrança" que teria como referência \_se podemos falar assim \_, não um passado da ordem de uma experiência vivida e/ou percebida, mas um passado, cuja condição de possibilidade de rememoração, somente poderia se realizar no interior da atividade de uma imaginação compreendida aqui em uma dimensão essencialmente criativa.

Um passado que jamais poderia ser "rememorado" por uma memória ou uma imaginação compreendidas enquanto faculdades de pensamento ,relativas à ordem da consciência, mas, fundamentalmente , como um passado cuja rememoração somente poderia se realizar enquanto um produto, uma Criação ou uma Fantasia. E em alguns casos como obra de arte.

Esta questão nos remete a tres linhas de investigação já apontadas ao longo deste trabalho, a partir das quais buscaremos encaminhar nossa conclusão :

\_ A primeira diz respeito a própria história dos métodos e técnicas de investigação e de cura ,mais especificamente a superação do método catártico e o advento do método da associação livre, ou a Psicanálise propriamente dita ;

\_ A segunda diz respeito ao estabelecimento de um fio condutor entre as auto-sugestões/lembranças-reminiscências/fantasia no interior da obra freudiana ;

\_ A terceira diz respeito a uma possível conexão entre a Reminiscência a a Experiência da Memória Involuntária em Proust, a partir exatamente da introdução, no interior de ambas as experiências, da dimensão do Tempo. Seria em função desta dimensão temporal que a Memória, em ambos os casos, não se voltaria para uma reprodução da vida ou do passado, mas sim para a sua criação. Neste sentido é que proporíamos aqui a idéia de uma experiência de Tempo como se constituindo o fio condutor deste ato criativo de rememoração.

## 6 - A CATARSE E O PSICANALISE : CRIAÇÃO OU ORDENAÇÃO?

O método catártico, como vimos, era considerado por Freud e Breuer como especialmente eficaz nos tratamentos da histeria. Isto porque, ao despertar a lembrança do acontecimento "traumático" conjuntamente com a liberação da emoção que estava associada ao evento, produzia-se o assim chamado efeito de cura.

Esta liberação da emoção, no entanto, não era ainda suficiente, na medida em que era necessário que esta emoção pudesse se traduzir em palavras. Em verdade, este ato de rememoração, na catarse, passava por três momentos, a saber :

- (1) O momento da presentificação da "lembrança" sob a forma dos sintomas que, inclusive, segundo Freud, pareciam "fazer parte da conversação ";

- (2) O momento da experiência de uma emoção que, até então não pudera ser expressa e que, para Freud, estava intrinsecamente associada ao evento : seria algo como uma "emoção estrangulada" : uma emoção que, por estar indissolúvelmente ligada ao evento causador da neurose, evento este que se constituía no próprio objeto-alvo do "esquecimento", não poderia ter sido expressa anteriormente sob pena de trazer consigo aquilo que se queria ter esquecido ;

- (3) O momento da tradução desta emoção em palavras ; ou seja, momento de transformar aquilo que até então não tivera

nenhuma representação ,que apenas se APRESENTARA sob a forma de emoções, sentimentos e/ou afetos, em algo de natureza diverga .

Gostaríamos de propor aqui, uma leitura particular da experiência da catarse, com base, nessa dimensão mais propriamente criativa que estamos atribuindo à reminiscência na histeria.

Seria assim que, segundo propomos, a experiência da catarse fazia aflorar um tipo de Reminiscência que, ao invés de remeter à realidade material e aos eventos supostamente verídicos da -sedução, remetia de forma direta às FANTASIAS ,notadamente de sedução .Teria sido, inclusive, em função deste fato que, segundo Isabelle Stengers, Freud abandonara o método catártico e a hipnose, em prol do método psicanalítico.

Seria assim que, para Stengers ,

" A hipnose não consegue colocar o paciente a serviço da verdade: as lembranças podem ser falsas, ou não ser. "bastante verdadeiras" para fazer desaparecer definitivamente os sintomas; pior ainda, em vez de ser submetido à verdade, o paciente, consegue integrar aquilo que procura a verdade [o terapeuta] no seio de sua própria ficção (transferência)." (Stengers, 1990, 121)

A hipótese de Stengers seria a de que, na passagem da catarse\_ Stengers se refere à hipnose, mas na medida em que estamos considerando ter sido a necessidade de abandono da hipnose como um dos motivos básicos para o abandono simultâneo do método catártico , tomaremos a "liberdade" de , em lugar da hipnose, nos referirmos diretamente ao método catártico \_ para a psicanálise, centrada em torno das noções de transferência e resistência, criou-se um instrumento que tinha como objetivo, "... não apenas a lembrança, mas também a vitória sobre

as resistências que será a única a pôr efetivamente o paciente a serviço da verdade. Para mim, portanto, não há ruptura, há transformação, produção de um novo instrumento que integra em sua definição um diagnóstico quanto às razões pelas quais a hipnose revelou-se um instrumento deficiente" (Stengers, 1990, 122-123).

Seria assim, ao produzir "ficções" que o método hipnótico-catártico teria se revelado incapaz de se tornar um instrumento de pesquisa e de cura. Isto porque, Freud estaria preocupado principalmente com a produção da verdade, mesmo que esta se constituísse em uma "verdade do paciente", ainda se trataria de verdade e não da fantasia. As fantasias, resistências, transferências, ou seja, tudo aquilo que remetaria à ordem das intensidades, da criatividade e não da representação e da verdade, seriam apenas consideradas, deste momento em diante, como forças a serem superadas exatamente por este instrumento capaz de produzir "a verdade do sujeito" que seria a Psicanálise.

Seria assim que, como nos aponta Stengers,

"é sabido como Freud defende a Psicanálise contra a acusação de não ser senão sugestão. Ele postula, isto é, enuncia como uma verdade, o que é, de fato, a aposta constitutiva da psicanálise: somente a verdade tem o poder de transformar efetivamente a vida afetiva, a vida psíquica" (Stengers, 1990, 124).

Esta dimensão "fantasiosa", que aqui chamaremos de criativa do método hipnótico-catártico, que, inclusive, alguns autores denominariam de "teatralização" já foi também apontada anteriormente por Starobinski que nos sugere que, o recurso ao Imaginário, isto é, à imagem ou à aparência de alguma coisa "real"

seria a "condição necessária da catarse. Pois o Imaginário conserva, de um lado, o poder que a realidade possui de despertar nossas paixões, de retê-las nas profundezas de nossos corpos ; de outro lado, o acontecimento representado não sendo da ordem da realidade, vai suscitar uma emoção passível de ser descarregada puramente: daí o efeito de purgação, de catarse". (Starobinski, 1970, 178, 179).

Efeito da purificação. Seria este mesmo efeito de purificação que se produziria nas representações teatrais, notadamente nas tragédias - como, inclusive, no próprio método catártico.

Deste modo, o tipo de CURA ou eliminação dos sintomas, que se alcançaria pelo tratamento catártico passaria, necessariamente, por este recurso ao Imaginário e à purificação que ele possibilitaria.

O que implicaria, por outro lado,, conceber este Imaginário, não apenas enquanto faculdade de reprodução mental, mas enquanto Ato de Criação.

Seria importante ressaltar que, ao acentuarmos esta dimensão de criação, não estamos visando, com isso, incluir em nossa reflexão, a questão da experiência artística como tal. Nem tampouco estabelecer uma possível equivalência entre arte e histeria através da Imaginação e da Memória.

Ao contrário. Nossa intenção aqui seria tentar pensar exatamente este ato de criação como um elemento presente em diferentes formas de produção psíquica - entre elas as lembranças/reminiscências e as fantasias, encontradas por Freud em seus casos de histeria, - como também em algumas formas de produção artísticas.

Seria assim que, como exercício de pensamento, propomos aqui a idéia de que, o processo de rememoração, característico do método catártico, em verdade, não reproduzia nenhum acontecimento anteriormente vivido e/ou percebido; nem, muito menos, "liberava", enfim, uma emoção que se mantivera "estrangulada".

Em verdade, tratava-se de um ATO de rememoração que, por um lado, buscava produzir algo novo; ou seja, falar de uma emoção até então estrangulada, seria, na verdade, em nossa leitura, Sentir esta emoção pela primeira vez, experimentar algo que, até então, não tivera nenhuma expressão consciente e/ou inconsciente. Era, segundo propomos aqui, CRIAR uma emoção nova, realizar uma experiência até então desconhecida.

Somente a partir da expressão desta emoção, como vimos, é que seria possível, falarmos dela, ou seja, fornecer uma representação verbal e consciente para ele. Ou seja, para que se pudesse falar desta emoção tornava-se necessário, antes de mais nada, produzi-la pela primeira vez, dar-lhe vida.

Mais do que palavras, seria preciso DAR VIDA a estas intensidades que, mais do que contidas, nunca chegaram a existir.

Por outro lado, produzia a própria rememoração, como vimos, no ato mesmo de sua rememoração. Tal qual em Proust que, como nos sugere Benjamin, não rememora uma vida como foi vivida, mas a cria no tecido mesmo de sua rememoração.

Em "Psicoterapia da Histeria", Freud, inclusive, chega a nos acenar com esta possibilidade, ao se perguntar :

"Devemos desprezar essa negação de reconhecimento por parte dos pacientes, quando, agora que o trabalho terminou, não existe

mais nenhum motivo para que eles ajam dessa forma? Ou devemos supor que estamos realmente lidando com pensamentos que nunca ocorreram, que meramente tiveram uma possibilidade de existir, de modo que o tratamento estaria baseado na realização de um ato psíquico que não se verificou na época?" (Freud, 1893-95, 358)

Propomos aqui que, seria, inclusive, por esta importância do Imaginário enquanto ato de criação, tanto no método catártico como nas lembranças/reminiscências e/ou fantasias históricas, isto é, na própria histeria, que Freud pôde "...ousar afirmar que aquele método [catártico] é, teoricamente, muito capaz de eliminar qualquer sintoma histórico" (Freud, 1893-95, 317)

Como vimos, esta dimensão criativa se tornou também um obstáculo para a sua própria utilização enquanto instrumento de pesquisa e de cura. Isto porque Freud criou a Psicanálise exatamente com o objetivo de superar os limites da hipnose e da sugestão, buscando com a constituição do método de associação livre, apreender o mecanismo associativo em pleno fluxo, isto é, no interior do próprio conflito entre as intensidades e as representações, conflito este que lhe seria constitutivo.

Com o advento da Psicanálise, observar-se-ia um deslocamento no interior da tensão Intensidade/Representação, ocorrendo uma maior ênfase na dimensão representativa dos fenômenos psíquicos, ao menos até a década de 1920, notadamente até a formulação da terceira teoria pulsional (1920), em "Além do Princípio do Prazer" com a explicitação do conflito em termos de "pulsão de morte X pulsão de vida", e da elaboração da segunda tópica em "O Ego e o Id" (1923).



"...Assim, a durabilidade das obras de arte é superior àquela de que todas as coisas precisam para existir ;e, através do tempo, pode atingir a permanência. Nesta permanência ,a estabilidade do artifício humano, que jamais pode ser absoluta por ser o mundo habitado e usado por mortais, adquire representação própria .Nada como a obra de arte demonstra com tamanha clareza e pureza a simples durabilidade deste mundo de coisas ; nada revela de forma tão espetacular que este mundo feito de coisas é o lar não-mortal de seres mortais.É como se a estabilidade humana transparecesse na permanência da arte, de sorte que certo pressentimento de imortalidade \_ não a imortalidade da alma ou da vida ,mas de algo imortal feito por mãos mortais \_ adquire presença tangível para fulgurar e ser visto, soar e ser escutado, escrever e ser lido "

Hanna Arendt

" Da Condição Humana "

## 7 - EXERCÍCIOS SOBRE LEMBRANÇAS/REMINISCÊNCIAS E/OU FANTASIAS

Seria assim que, sexualidade, tempo e memória, configurariam em Freud \_ neste momento de sua obra \_ um tipo de experiência, no interior da qual ,através das intensidades,o próprio tempo se introduzia no interior do sujeito, constituindo ,assim,a Memória.

Estamos compreendendo aqui a sexualidade como uma expressão, utilizada por Freud \_ assim como a "quantidade " \_ para se referir a esta dimensão das intensidades, não passíveis de serem "traduzidas" enquanto traços mnemônicos.

Desta forma, para Freud, a sexualidade somente se constituiria a partir de um tipo de experiência essencialmente de ordem temporal que se daria em dois momentos diferenciados, como vimos.

Seu efeito traumático, porém, somente se daria a partir da "coexistência " destes dois momentos pela via da reminiscência propriamente dita .Mesmo que esta reminiscência na verdade,produzisse uma emoção nova ,ligada a ela mesma enquanto reminiscência e não propriamente ao evento de origem , seria como se ,ao fazê-lo,ela trouxesse este passado de volta, de modo,inclusive ,em que ele nunca foi vivido.

Nesse sentido ,a coexistência se daria entre este momento passado \_somente experimentado em sua diferença no momento da reminiscência \_ e o momento da própria reminiscência ,momento presente porque seria sempre em um momento presente ,em um

aqui-e-agora ,que poderíamos apreender o próprio tempo em seu fluxo .

Também em Proust , a experiência da Memória Involuntária se produziria a partir da coexistência de dois momentos diferentes no Tempo .Seria assim que poderíamos interpretar "Em Busca do Tempo Perdido " como uma obra literária que traria em si uma experiência viva do próprio tempo . Experiência esta que traria em si , um tipo de entrecruzamento de esquecimento e de memória capaz de produzir uma verdade de Tempo .

Como nos propõe Deleuze , a verdade teria uma relação sempre essencial com o tempo ,sendo produzida em seu interior como "uma aventura própria do involuntário "(Deleuze,1968,94),no interior da qual,tanto a memória ,voluntária ou involuntária,consciente ou inconsciente ,como a Imaginação ,consciente ou inconsciente,interviriam apenas como meios,como instrumentos auxiliares .

Nesta aventura,tomamos como ponto de partida,a idéia proustiana de que todos os homens ,não só aqueles que fazem arte,os artistas,teriam em si a possibilidade de criar e de expressar a criação.Talvez não sempre em uma obra de arte,mas em sua própria vida.

Esta dimensão de vida ,de uma relação de si,como nos propõe Foucault,estaria perdida para a modernidade e para o homem moderno,na medida em que este teria perdido a possibilidade de estabelecer uma experiência com o Tempo,de se auto-afetar .

A BUSCA torna-se ,assim, a narrativa de uma aventura que é,acima de tudo ,uma travessia ao longo do Tempo e que produz ,no

seu interior, a experiência , não só de encontrar o passado, mas de apreendê-lo em sua coexistência com o presente .

Para realizar esta experiência, os esforços da consciência não são suficientes pois ele (o passado) estaria oculto, escondido em algum objeto, ou melhor, na sensação que este objeto despertaria em nós. Objeto este do qual nós nem suspeitamos.

" Esse objeto, só do acaso depende que o encontremos antes de morrer ou que não o encontremos nunca " (Proust, 1983, 45)

Lembramos aqui o caso Emma, descrito no "Projeto" (1895), no qual Freud nos descreve que face ao objeto "Roupas", toda uma sintomatologia histérica \_ e junto com ela , todo um processo de reminiscência que se dava mediante os sintomas \_ fôra desencadeada. (Freud, 1895, 467).

Este "objeto", capaz de desencadear o arrombamento do presente pelo passado, foi, para Proust , um mero pedaço de um bolinho chamado madalena , amolecido em uma xícara de chá, que ele levou aos lábios em algum dia de inverno. Em verdade, aquilo que fôra responsável pelo imenso prazer que se seguiu ao gole de chá, não estava no objeto , a bebida. Como também o desprazer, não estava nas "roupas" que assustavam Emma. Sua "verdade" não estava localizada, nem nos objetos que emitiam as sensações , nem no sujeito consciente.

"É claro que a verdade que procuro não está nela, mas em mim. A bebida a despertou, mas não a conhece, e só o que pode fazer é repetir indefinidamente (...) volto-me para o meu espírito. É a ele que compete achar a verdade. Mas como ? Grave incerteza, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo, quando ele , o explorador, é ao mesmo tempo o país obscuro a

explorar e onde todo o seu equipamento de nada lhe servirá. Explorar ? não apenas explorar; mas criar. Estar em face de qualquer coisa que ainda não existe e a que só ele pode dar realidade e fazer entrar na sua luz" (Proust, 1983, 45, 46).

Seria assim que, em Proust, não seriam os objetos, os responsáveis pela "emoção" que a "verdade" nos despertaria, pois eles seriam apenas objetos de um encontro, fortuito e inevitável, fadado a uma repetição que apenas reproduz o que já foi vivido. Nem tampouco seria o sujeito capaz de apreender esta "verdade", mas apenas o Espírito. O sujeito em Proust, "mediocre, contingente, mortal" seria apenas capaz de exercer suas faculdades no domínio da recongnição e da representação consciente. Por outro lado, através de uma experiência de Tempo o Espírito seria capaz de estar "em face de qualquer coisa que ainda não existe", isto é, tornar-se sensível àquilo que, ao invés de ser representado ou percebido pela consciência, apareceria, seria apresentado ao Espírito.

Este algo que aparece seria, em verdade, algo que não poderia ser representado ou reproduzido, mas algo que tem de ser objeto de um ato que em muito se diferencia do simples reconhecimento. Trata-se, fundamentalmente de um ato de criação, aqui compreendido como um ato de produção de diferenças de intensidades que se apresentariam no mundo, como signos.

Recordemos Deleuze e a idéia de que, tudo que surge no mundo, que aparece, seria correlativo de ordens de diferenças que se apresentariam como signos.

Enquanto signos sensíveis, eles não constituiriam

representações (VORSTELLUNGEN) na medida em que estas supõem sempre a reprodução de algo que não está mais ali, que se oculta por detrás da própria representação.

Nesse sentido, as VORSTELLUNGEN seriam sempre formas de reafirmar uma presença que não mais está ali, mas que ali já esteve (o objeto seria, assim da ordem do existente). Seria esta ausência do objeto \_ do objeto que é encontrado como objeto de representação \_ que fundaria a própria capacidade de sua apresentação pela via da representação.

Recordemos Meinong e os objektives, isto é, os objetos que não teriam existência perceptiva, mas que apenas poderiam ser pensados sob a forma de "apresentações" (DARSTELLUNGEN). Em Meinong, porém eles seriam da ordem intelectual.

Por outro lado, os signos sensíveis, seriam da ordem destas intensidades que somente poderiam se constituir na forma de APARIÇÕES \_ ou ainda, aparições, da ordem de algo que aparece e não "parece" \_ que não suportam nada ausente, nem oculto, mas se constituiriam como objetos de um encontro da ordem de uma criação. Parafraseando o pintor Pablo Picasso que nos dizia : "Eu não procuro, eu acho", nós diríamos, "Eu não represento, eu encontro". Ou melhor, não somos nós que representamos os objetos, mas são eles que nos encontram, nos capturam, nos acham e nos forçam a pensar, a representar, mas, fundamentalmente, a criar.

Seriam esses signos sensíveis que serão, na grande maioria das vezes, A POSTERIORI captados pela via do pensamento, muitas vezes, pela via das representações. Outras vezes, pela via destas atividades criativas que, às vezes, se apresentariam na forma de lembranças, fantasias, nos delírios, e principalmente, nas obras

de arte .Não seriam meras traduções ,mas tentativas de fornecer uma expressão verbal,ou muitas vezes ,significações ,somente possíveis A POSTERIORI para algo que não conteria em si nenhum sentido .

Nesta perspectiva é que estaríamos considerando a reminiscência proustiana como essencialmente criadora,pois não se trataria de reproduzir algo,mas de rememorar algo que nunca fôra vivido,nem sequer vislumbrado.Nem mesmo enquanto uma Idéia Eterna nos moldes platônicos.

Em verdade,trata-se, antes de mais nada, de fragmentos, imagens, gestos, sons, sabores e fragâncias. Impressões, diversidades, singularidades.

Recordemos aqui a importância que a Imaginação/Phantasia tinham para Aristóteles no sentido de fixar as imagens possibilitando, assim, o conhecimento. Em Kant, a capacidade de unificar em uma síntese ativa, os esquemas, a diversidade dos sentidos.A Imaginação ,e as demais faculdades, estando assim submetidas às regras do entendimento ,unidas em um exercício concordante que possibilitaria a apreensão/reprodução do objeto.

Seria, no entanto, o próprio Kant, que nos forneceria um outro caminho a partir da idéia de que haveria um prazer \_um júbilo, uma emoção \_ inerente à apreciação do Belo. A beleza de um fenômeno seria proporcional à sua fluidez, mobilidade e condição de efêmero, segundo a leitura que Jean François Lyotard (1989) nos sugere.

Para que haja prazer estético,seria necessário que os elementos oferecidos pela sensibilidade sejam tratados com liberdade

e autonomia. E nós acrescentaríamos, criatividade. Lyotard sugere que esta "autonomia" estaria presente tanto no prazer estético, como na associação livre operante na Psicanálise, na medida em que ambos se vinculariam ao Tempo. Pois,

"...a apreensão estética das formas só é possível se se renunciar a toda pretensão de dominar o tempo como uma síntese conceitual. Porque o que está aqui em jogo não é a "reconhecimento" do dado, como diz Kant, mas a aptidão para deixar aparecer as coisas da forma como se apresentam. Numa tal atitude cada momento, cada agora, é como que um "ABRIR-SE A" (Lyotard, 1989, 41).

Também Deleuze (1986) nos aponta para esta possibilidade de pensar a Imaginação como uma atividade de reflexão livre. Segundo ele, alguns fenômenos que definiriam o Belo dariam uma autonomia tanto ao "sentido íntimo do tempo" (1986, 132), como à própria Imaginação. Seria assim que, as diversas faculdades, não mais se submeteriam a um acordo determinado, seja pelo entendimento, seja pela Razão, como ocorreria na "Crítica da Razão Pura" e na "Crítica da Razão Prática". O fenômeno do sublime faria com que as diversas faculdades exercitassem um desacordo entre si, se afrontando, "... cada uma no seu próprio limite, e encontram seu acordo numa discordância fundamental: um acordo discordante é a grande descoberta da Crítica do Juízo, a última reversão kantiana. (...) Um exercício desregrado de todas as faculdades, que vai definir a filosofia futura, como para Rimbaud o desregramento de todos os sentidos deveria definir a poesia do futuro." (Deleuze, 1986, 132).

Seria assim que, arte e filosofia poderiam se unir a partir da experiência do Sublime que o Belo nos proporcionaria e que



daria ao Tempo e à Imaginação \_como também ao entendimento\_ a capacidade de liberdade e criação.

Não mais a Imaginação com a tarefa de fornecer uma estabilidade ou fixidez à diversidade sensível, ou apenas capaz de reproduzir figuras mentais, mas uma Imaginação essencialmente Livre e Criativa, capaz de inventar sempre o novo e o diferente, como propomos aqui.

Em Proust, podemos observar esta dimensão criativa da Imaginação, no interior da própria experiência da Memória Involuntária. Nesta experiência, as imagens que lhe surgiam, de modo algum se assemelhavam a uma reprodução dos objetos que percebera por intermédio de sua consciência e percepção; mas as imagens que lhe surgiam referiam-se a um outro objeto. Tratava-se de uma impressão tão intensa que levava Proust a confundir o momento do passado com o momento atual da reminiscência. Mais do que uma simples lembrança de algo que fôra vivido e/ou percebido, a imagem do objeto evocava a Impressão Real que o passado lhe deixara e da qual ele nunca havia se dado conta.

Era assim que, entre o momento passado, que ressurgia no presente, e o momento passado conforme registrado em sua memória consciente, a distância era a mesma do que a existente entre a Impressão Real \_por real compreendemos aqui algo apreensível somente pela Memória Involuntária, e que diz respeito a este misto de sensações e lembranças, presente e passado que Proust nos propõe\_ e a impressão "falsa", representada pela memória dita consciente.

Enquanto a memória consciente só podia lhe fornecer uma

simples recomposição do passado a partir de uma sucessão de presentes, a experiência de Tempo ,proporcionada pela Memória Involuntária, fazia ressurgir toda uma fase de sua vida,tal qual ela nunca fôra,agora " livre das imperfeições da percepção exterior,pura,desencarnada "(Proust,1981,122).

De algum modo, propomos aqui estabelecer uma proximidade entre esta reminiscência proustiana ,produzida a partir da coexistência de denominações referentes a momentos diferentes no tempo,e as lembranças/reminiscências, e mais tarde, as fantasias históricas. Isto porque estas seriam produções psíquicas que, como vimos, buscariam dar expressão,de forma essencialmente criativa ,a algo que não pode ser expresso sob a forma da representação,mas que apenas pôde ser repetido.

Ou melhor, a idéia aqui é a de que ,tanto a reminiscências como as fantasias,em verdade,seriam produtos destas diferenças de intensidades ,isto é,deste excesso de excitação produzido pela sexualidade em função mesmo de uma dimensão temporal.Esta dimensão temporal,não seria constituinte da sexualidade,tal qual Freud nos proporia ,isto é,em função de seu caráter bi-fásico, mas seria constituinte destas próprias intensidades.

Seria assim que, mesmo que não tenha havido ,no momento do evento passado \_ traumático para Freud \_ a produção de nenhuma emoção em excesso, que tenha permanecido "estrangulada ",tratar-se-ia, em última análise,da produção de intensidades que,jamais seriam inscritas e ordenadas em nenhuma forma de representação .

No entanto foi exatamente pelo caminho da "representação "

que Freud se defrontou com uma forma de produção psíquica que ,em um primeiro momento,foi denominada de "reminiscência" ou lembrança histórica.

Isto porque ,no momento em que Freud inicia sua experiência clínica com a histeria ,vai ser,fundamentalmente,pela via da "representação" ,como vimos,que ele vai procurar abordá-la.

Mais do que isso ,nesse momento de sua obra \_1888/1897\_ a atenção de Freud ainda se voltava para a recordação do que teria sido o evento original ,causador objetivo da histeria traumática. Havia assim a preocupação básica que seria de encontrar este evento da ordem de uma "realidade material",que era,por si só,garantia e critério de verdade de toda investigação psicanalítica. Remontar à origem ,ao evento traumático e originário da neurose em questão,não era apenas garantia de explicação e possível cura da neurose,mas,fundamentalmente,marco e critério da "verdade" subjacente aos fatos da doença ,da clínica e da própria teoria.

Em uma de suas cartas à Fliess,o "Rascunho L",datado de maio de 1897,Freud nos fala de que seu objetivo,no tratamento da histeria era chegar às cenas primárias, ao evento causador da histeria traumática. Para alcançar este evento,duas vias se apresentavam como as mais promissoras : uma era a via das lembranças narradas pelas pacientes ,ou seja, as vias diretas da própria narrativa ;a outra via era a das fantasias .Estas FANTASIAS constituíam uma via indireta de acesso ao evento pois nada mais eram do que formas psíquicas que se interpunham entre o sujeito e os eventos,impedindo-os de virem à tona sob a forma de lembranças.

As FANTASIAS seriam assim definidas como "...fachadas psíquicas construídas com a finalidade de obstruir o caminho a essas lembranças "(Freud,1897,336).

Lembranças estas que seriam vistas como uma reprodução dos próprios fatos da realidade material.Estas fantasias,por outro lado,eram compostas de coisas que eram ouvidas ,isto é,eventos com relação aos quais o sujeito não teria tido uma participação ativa,tendo apenas ouvido,e coisas que eram experimentadas ,vividas,vistas pela própria pessoa,isto é, coisas face às quais o sujeito estabeleceria uma relação ativa ,pela via de sua própria percepção.A fantasia seria assim,nesse primeiro momento,uma espécie de construção psíquica composta de elementos ativos e passivos cuja função básica seria a de obstruir o acesso a lembrança dos eventos primários de sedução.

A fantasia, assim, funcionaria como algo a ser superado pela própria prática terapêutica na medida em que se interporia entre a consciência e a lembrança,capaz,esta sim,de resgatar o fato real e traumático .

Em um segundo momento,se,de um lado,a fantasia encobre e oculta ; de outro lado , ela também se constitui em uma forma de preservar os acontecimentos.Preservação de ordem fictícia,é verdade,mas fundamentalmente ,elas "...servem ao mesmo tempo,à tendência de refinar as lembranças ,de sublinhá-las "(Freud,1897,336).

Seria assim que, Freud já nos apontaria para uma outra possibilidade de pensar a fantasia,não mais como obstáculo ,mas sim enquanto uma produção psíquica de origem inconsciente.

" O ponto que ,para mim,permanecia obscuro na solução da histeria,está na descoberta de uma nova fonte a partir da qual surge um novo elemento da produção inconsciente.O que tenho em mente são as fantasias históricas que,habitualmente,segundo me pareceu,remontam a coisas ouvidas pelas crianças em tenra idade e compreendidas somente mais tarde ".(Freud,1897,Carta 59,331)

Existiria,assim, para Freud,uma descontinuidade temporal essencial entre a experiência de ordem perceptiva e a capacidade psíquica de representação e,no caso específico,de "compreensão".A fantasia ,surgiria,assim, exatamente neste intervalo aberto entre o vivido e/ou percebido e o representável/significável.

Seria assim,através do surgimento deste " novo elemento da produção inconsciente ",as fantasias,que Freud se defrontaria com uma nova perspectiva de tratamento da histeria.Se essas fantasias não mais remontavam à experiência vivida ,o que se colocava para Freud era a própria possibilidade de se pensar em um psiquismo concebido de forma autônoma com relação à realidade material.

Desta forma,esta produção inconsciente,a FANTASIA,pode ser considerada como uma noção teórica,cuja elaboração tornou possível a própria constituição do psiquismo como de uma outra ordem de realidade,a realidade psíquica,concebida como uma construção autônoma,sujeita às suas próprias leis de ordenamento.

De algum modo,com a introdução do conceito de FANTASIA,observa-se o deslocamento do papel patogênico anteriormente atribuído à lembrança e ao afeto "estrangulado".Em um texto de 1899,"Lembranças Encobridoras",Freud chega ,inclusive,a nos remeter a uma indiferenciação básica entre o que seria uma lembrança e uma fantasia ,quando ele nos propõe :

"...questionar se temos alguma lembrança da nossa infância ; lembranças relativas a nossa infância pode ser tudo o que possuímos "(Freud,1899,354).

Ou seja, lembranças construídas posteriormente aos fatos que, na verdade, encobririam a sua vinculação com alguma fantasia de desejo inconsciente. Seriam assim, lembranças de cenas anteriores que, em função do seu caráter sexual, só posteriormente poderiam ser "representadas" e que, nesse sentido, se assemelhariam à idéia de FANTASIA.

Em verdade, seria exatamente a partir desta noção de uma produção psíquica tal como as fantasias e as lembranças encobridoras, que tornou-se possível a Freud, elaborar a idéia de uma autonomia do psiquismo face à realidade material. Isto porque, segundo propomos aqui, a questão da autonomia psíquica somente poderia se fundar com base em uma sexualidade \_e uma intensidade \_ ela própria produtora de diferença. Desta forma, se a representação não pôde "dar conta" deste EXCESSO de excitação, produzido a partir do evento traumático, não foi em função deste excesso, mas sim por uma falta ou melhor, um limite interno à própria representação.

A representação essencialmente não pode estar no lugar das intensidades, ou seja, representá-las, tanto por um limite da própria representação \_ou uma falta \_ como pelo fato de que as intensidades sempre escapam, não são nunca "capturáveis" ou seja, por um excesso constituinte das próprias intensidades.

Seria assim porque a sexualidade é sempre excesso, abundância, intensidade \_e não falta \_ que ela colocaria o psiquismo em

constituição face aos próprios limites da "representação" dar conta da própria idéia de um psiquismo .Ou seja ,face aos próprios limites de representabilidade psíquica .

Nesta perspectiva,propomos aqui estabelecer um fio condutor entre estas lembranças/fantasias ,características da histeria .

Este fio condutor entre as lembranças e as fantasias,que aqui apontamos ,perpassaria todo este momento inicial da obra freudiana e, segundo propomos aqui estaria vinculado à tensão existente entre as intensidades e as "representações " que apontamos no início de nosso trabalho .Seria assim que, face ao encontro/confronto com as intensidades,ou seja, face à tudo aquilo que sempre escaparia à representação \_ isto é,as quantidades,a sexualidade,as intensidades \_ somente uma forma de produção psíquica que contivesse em seu interior uma dimensão de criatividade e de liberdade poderia ,de algum modo,buscar captar o fluxo daquilo que fugiria a qualquer tentativa de apreensão representacional .

A fantasia ,em sua dimensão de APARECER,de alguma forma, ao ocultar e revelar ,em um mesmo movimento, pode,com isso,transitar livremente por entre intensidades e representações,captando em uma dimensão essencialmente criativa,como vimos,o próprio Tempo em seu fluxo,em sua duração.

Propomos aqui que esta intensidade ,que sempre escaparia à representação,em verdade, somente poderia se expressar pela via da própria repetição.

Nesta perspectiva,a não existência de uma representação, capaz de reproduzir o evento ou sua lembrança, seria uma condição necessária para a própria insistência e persistência destas

intensidades. Ou seja, o esquecimento, como a própria condição da repetição. Mais do que isso, o esquecimento, surgiria assim, como condição de possibilidade para a própria conservação de uma intensidade que não pôde ser representada, que nem sequer pôde ter sido vivida, que sempre nos escapou.

Também em Proust, o esquecimento surgiria, assim, como a grande força da Memória involuntária na medida em que é ele que, com sua potência, tece a trama da existência preservando as reminiscências das imperfeições produzidas pela percepção e memória consciente.

Seria precisamente porque esquecemos que a conservação do passado seria possível; aquilo que dura e persevera, o "passado puro", somente pode ser conservado em um fluxo no qual ele apenas passa, ou seja em um puro passar, que se constitui a partir, não da lembrança consciente e da representação, mas fundamentalmente, do esquecimento. E por que não? Da saudade?

Caetano Veloso, em uma música denominada "Genipapo Absoluto" nos sugere que: "Cantar é muito mais do que lembrar / é mais do que viver, do que sonhar / é ter o coração daquilo / (...) Aquele que considera a saudade / a mera contra-luz / do que deixou para trás / não, este só desfaz / a força do signo / e a rosa também". Vemos aqui a possibilidade de se pensar em uma saudade, não a partir de uma ausência de algum objeto perdido, já "tido", mas a partir de uma intensidade, de uma sensação que "atinge" o coração, que o faz recordar. Caetano nos diz que não se trataria de "ter tido aquilo" (passado que foi) mas de "ter o coração daquilo" (este puro passar). Ter tido nos remetendo ao que já foi vivido: ter o



coração nos enviando a uma intensidade que nos singulariza em sua insistência ,perseveração ,repetição .

Seria assim que, através desta idéia de uma intensidade que se conservaria ,mesmo a partir do esquecimento ,em sua persistência e insistência,que poderíamos pensar em uma idéia de algo que dura ,que se conservaria em um puro passar .Um puro passar que capturaria em si a própria essência do Tempo compreendida aqui como criação contínua de novas formas ,a Duração de que Henri Bergson (1859-1941) nos fala .Como Invenção.Isto porque,para Bergson,o TEMPO ," ou é invenção ou nada é absolutamente " (Bergson,1979,92,94).

Também em Bergson,o ponto da partida inicial seria uma contemporaneidade entre o presente e o passado;isto porque,não somente o passado coexiste com o presente que ele, passado, foi ,mas possui a faculdade de se conservar em si enquanto passado puro \_ isto é,não inscrito em nenhuma ordem do vivido .

Segundo Deleuze,este seria o paradoxo básico da Memória ,a saber : o passado como sendo contemporâneo do presente que ele foi.

" Jamais o passado se constituiria se ele não coexistisse com o presente do qual ele é passado.O passado e o presente não designam dois momentos sucessivos,mas dois elementos que coexistem,um que é o presente e que não cessa de passar,o outro,que é o passado, e que não cessa de ser,mas pelo qual todos os presentes passam.É neste sentido que há um passado puro, uma espécie de "passado em geral " :o passado não segue o presente,mas ao contrário é suposto por ele como a condição pura sem a qual ele não passaria.Em outros termos,cada presente reenvia a si-mesmo

como passado " (Deleuze, 1966, 54) (grifos nossos)

Ou seja, um passado que dura e se conserva ,coexistindo com o presente (que passa). Um passado que é. Seria assim que o passado puro surgiria como uma condição da Memória \_ bem como da própria História .Ou seja, se o presente não cessa de passar e o passado não cessa de ser,seria somente por este puro passar que qualquer possibilidade de conservação poderia se inscrever .

Desta forma, esta identidade entre o Tempo como Duração ,Invenção,cuja essência seria o permanente fluir ,e a Memória,que captaria e produziria esta coexistência virtual entre os diferentes momentos do tempo:ou seja,entre o que flui e o que conserva,somente seria possível de ser pensada a partir do momento em que concebemos a própria Memória como ato de criação.

Como vimos,em Proust ,as reminiscências pertenceriam ao "acervo " da Memória Involuntária,cujo tecido ,urdido "pelos fios misteriosos cortados pela vida "(Proust,1981,238),seriam muito mais um produto do ~~trabalho~~ de esquecimento do que de rememoração.De um esquecimento de algo jamais vivido,jamais contemplado ,mas que nem por isso,apresentaria menor intensidade,menor "coração ".

"...graças ao esquecimento,não pôde estabelecer nenhum laço,tecer malha alguma entre si e o momento presente,se ficou em seu lugar,em seu tempo,se conservou a sua distância (...)a recordação faz-nos respirar de repente um ar novo,precisamente por ser um ar outrora respirado (...)e que não determinaria essa sensação profunda de renovação se já não houvesse sido respirado,pois os verdadeiros paraísos são os que perdemos

"(Proust, 1981, 123) (grifos nossos).

Seria precisamente porque esquecemos, como vimos, que a conservação do passado seria possível; aquilo que dura e persevera, o "passado puro", somente pode ser conservado em um fluxo no qual ele apenas passa, ou seja, em um puro passar, que se constitui a partir, não da lembrança consciente e da representação, mas fundamentalmente, do esquecimento.

Esquecimento e não destruição, conservação de um fluxo em um puro passar e não fixação de uma sucessão de estados presentes, totalidades e/ou imagens eternas.

O esquecimento como condição de possibilidade para que, algo que não pôde ser representado, possa ser preservado pela via da repetição; como a condição para a conservação de uma força que sempre nos escapou e escapará. Uma força ou intensidade que seria algo constitutivo da própria dimensão da experiência, mas "que nos é escondido de forma constitutiva" (Lyotard, 1989, 35).

Seria assim que a rememoração consciente por ter como modo de existência básico, a representação, pode ser considerada como algo que se oporia à repetição. Isto porque, a representação, como "retomada ativa por parte do psiquismo daquilo que se apresenta" (Deleuze, 1963, 16), já pressuporia um mais-além da sensibilidade que se oporia à uma repetição que buscasse conservar aquilo que, embora constitutivo do acontecimento, o é precisamente enquanto nos escapa.

Haveria assim algo que se oculta no interior do próprio acontecimento, dele constitutivo que somente poderia se apresentar enquanto máscara, véu; que escapa à qualquer representação, que apenas se repete, se oculta, no esquecimento, na saudade. Mas que

se conserva, se preserva ,persevera. Algo ,enfim que somente se revela em sua própria insistência ,repetição ; em seus próprios disfarces,suas máscaras .

Como Deleuze nos sugere ,

" A repetição também não é uma força bruta e nua para além dos disfarces (...) ela se tece ,ao contrário ,no disfarce e no deslocamento como elementos constitutivos a que ela não preexiste "

(Deleuze,1988,189)

Ou seja,a repetição somente ocorre pela via de seus disfarces ;intensidades e signos se constituindo mutuamente ,havendo sempre algo das intensidades que escapam aos signos ,isto é, algo que não seria tradutível ,como também algo que produziria o próprio signo como intensidades,que se conservaria enquanto tal ,que persevera no próprio signo e que ,ao perseverar,CRIA.

Nesta medida,seria possível se considerar a representação,como vimos ,como algo que se oporia à repetição e,consequentemente à conservação do próprio fluxo,desta intensidade ,ao impor a mediação de uma faculdade ativa \_ na proposta kantiana \_ ,seja ela a Imaginação seja a Razão,entre a sensibilidade e o entendimento ,mais particularmente entre a percepção e a ação ,entre a capacidade de ser afetado \_ a receptividade \_ e a capacidade de afetar \_ a atividade.

Sem a mediação da representação ,tornada possível através do esquecimento ,o que surgiria,no lugar da representação ,seria a própria presença do Tempo,atualizado através de uma intensidade que insiste e persiste em se expressar da única forma que lhe seria possível ,ou seja ,pela repetição .

" ...Ele [ Proust ] está convencido da verdade de que não temos tempo de viver os verdadeiros dramas da existência que nos é destinada. É isso que nos faz envelhecer, e nada mais. As rugas e dobras do rosto são as inscrições deixadas pelas grandes paixões, pelos vícios, pelas intuições que nos falaram, sem que nada percebêssemos, porque nós, os proprietários, não estávamos em casa "

Walter Benjamin  
"A Imagem de Proust "

## "8 - UM POUCO DE TEMPO EM ESTADO PURO OU O FORA DO TEMPO "

Como foi visto , a repetição está sendo compreendida como a via através da qual aquilo que logrou escapar à representação e/ou à percepção , pôde encontrar uma forma de expressão , persistindo enquanto intensidade . Isto é, enquanto força capaz de afetar e ser afetada.

Uma repetição que não apenas visa a reprodução e a reconstituição do que foi passado \_ isto é , a chamada repetição do Mesmo\_ mas uma repetição do diferente, que produz uma diferença no movimento mesmo de seu retorno .

"...o que é repetido no eterno retorno , não é a reprodução mecânica do que já foi produzido , mas um retorno do passado enquanto era novo, ou seja, uma reaparição da diferença , do singular, do mesmo enquanto era diferente : uma aparição de um novo singular que faz renascer o mesmo júbilo devido à diferença. Por uma renovação da diferença, retorno do mesmo do júbilo " (Rosset, 1989, 78) (grifos nossos).

Seria assim que, o surgimento da repetição , traz de novo , o acontecimento tal qual no momento em que ele surgiu , em sua diferença . Esta diferença não se expressa na reprodução do acontecimento, mas pelo retorno da própria intensidade sob a forma do júbilo.

Também em Proust, como vimos, podemos observar esta mesma relação entre um passado que invade o presente, apresentando-se em

sua diferença . "Uma sensação profunda de renovação " (Proust,1981,123), seria a marca desta ressurreição do passado.

Isto porque, a reminiscência , nos faz " respirar um ar novo, precisamente por ser um ar outrora respirado " (Proust,1981,123 ), fazendo renascer aquilo que estava morto .

Esta é uma questão da maior importância para a Psicanálise , pois ela nos permite diferentes desdobramentos , a saber:

- o primeiro diz respeito à relação entre repetição diferencial /júbilo .Esta relação pode ser observada na série recordar/repetir/ perlaborar proposta por Freud em um texto de 1914 , "Recordar, Repetir e Elaborar" [ ERINNERN, WIEDERHOLEN UND DURCHARBEITEN ] ;

- o segundo diz respeito à relação entre as lembranças/reminiscências e as fantasias , e o Tempo , tal qual ela nos é apresentada em um texto de Freud , escrito entre 1907-1908 , em que ele discute a relação das lembranças/fantasias e a criação artística propriamente dita.

Senão , vejamos.

Neste texto de 1914, Freud relativiza o "esquecimento " de seus pacientes, demonstrando seu caráter ativo. Em verdade, mais do que um esquecimento de impressões, cenas ou experiências , trata-se de uma forma de "interceptá-las " (Freud, 1914, 194).

"Quando o paciente fala sobre estas coisas " esquecidas", raramente deixa de acrescentar : "Em verdade, sempre o soube ; apenas nunca pensei nisso " (Freud, 1914, 194 ).

Freud conclui, inclusive que, paralelamente a este esquecimento, havia uma crescente produção de lembranças sobre a infância . A amnésia infantil teria assim como contrapartida as

chamadas lembranças encobridoras (1899). Nestas lembranças, " não apenas algo mas a totalidade do que é essencial na infância foi retido " (Freud, 1914, 194).

Deste modo, as lembranças remetem diretamente às impressões e experiências da ordem do vivido, embora sua relação com este "vivido" seja uma relação essencialmente de ocultamento /revelação. Deste modo, é exatamente ao pretender ocultar o passado, que elas revelam o essencial deste passado. E o essencial do passado, para Freud, estaria sempre localizado em uma "experiência de realização de desejo"; assim é que, as lembranças representam este passado, tal qual o conteúdo manifesto de um sonho representa os processos oníricos (Freud, 1914, 194).

Existem, porém, um outro "grupo de processos psíquicos" que, por outro lado, não podem se relacionar com "impressões e experiências", na medida em que, neles, seria "recordado" algo que nunca poderia ter sido "esquecido", porque nunca foi, em ocasião alguma, notado "nunca foi consciente" (Freud, 1914, 194).

Além destes dois tipos de processos psíquicos, mantém um terceiro, que se relacionaria a experiências que jamais poderiam ser recordadas na medida em que ocorreram em um momento remoto da infância. Neste momento, elas sequer foram compreendidas, sendo somente interpretadas A POSTERIORI. Seriam as experiências traumáticas.

Deste modo, Freud nos fala de que as experiências que seriam suscetíveis de serem representadas "este é o termo que ele utiliza" - através das lembranças encobridoras, seriam "recuperadas" pela Psicanálise, mediante um processo de recordação [



ERINNERN].

Por outro lado, as experiências que não puderam se fazer "representar" mediante as lembranças, se fariam expressar em um ato. Ou seja, por uma repetição. Nestes casos,

"...o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o. Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo". (Freud, 1914, 196)

Esta repetição vincula-se estreitamente com a resistência do paciente em trazer este material recalçado para a consciência, o que possibilitaria a recordação. Seria a própria expressão da ação da resistência. Ou seja, o paciente repete algo, exatamente para não recordar. A repetição constituindo, assim, "a sua maneira de recordar" (Freud, 1914, 197).

Deste modo, podemos pensar em duas forças se confrontando, quanto mais a resistência atua, mais o paciente não recorda; isto é, mais ele esquece e repete. Quanto maior a resistência, maior a repetição. Como nos diz Freud, trata-se de uma guerra, o paciente "retira do arsenal do passado as armas com que se defende contra o progresso do tratamento -- armas que temos de arrancar uma a uma" (Freud, 1914, 198).

Observa-se, assim, que a recuperação do passado, em verdade, se mantém enquanto objetivo do trabalho analítico. Só que, em 1914, Freud, há muito consciente das limitações da hipnose, admite que, ela somente fornece um recordar "de laboratório", pois inviabiliza o essencial da "técnica analítica", ou seja, a luta contra as resistências. Na hipnose, estas forças não afloram.

Resistência e repetição seriam, assim, fenômenos somente

observáveis em atuação mediante a utilização da técnica analítica. O repetir, em análise, implicaria a "evocação de um fragmento da vida real", no caso específico, através da experiência da transferência, "ela própria, apenas um fragmento da repetição" (Freud, 1914, 197, 198)

Seria assim que encontramos de novo e sob nova forma, o fio que une os diferentes momentos de nosso trabalho.

Desde 1888, no texto que escreveu como prefácio ao livro de Bernheim, "Suggestion", passando pelos "Estudos sobre a Histeria" (1893-1895), Freud sempre afirmara a importância, para ele, de acreditar que ele, enquanto terapeuta, nada criara. Em verdade, acreditamos que esta seria a questão fundamental, para Freud, no que se refere à própria disputa hipnose X sugestão e, posteriormente, com relação ao abandono do método hipnótico-catártico e a constituição da Psicanálise. Ou seja, a questão da evocação versus criação. Como ele mesmo nos diz,

"E até hoje não posso compreender como se pode supor que simplesmente levantando um dedo e dizendo uma vez "durma" eu tinha criado na paciente o estado psíquico peculiar no qual sua memória tinha acesso a todas as suas experiências psíquicas. Talvez eu tenha evocado tal estado por meio da sugestão, mas não o criei." (Freud, 1893-1895, 147).

Mesmo a repetição surge, muitos anos depois, como vimos, não como uma criação, mas como a evocação de um fragmento da vida real.

A transferência apenas evoca, nada cria.

As intensidades de hoje, do aqui-e-agora da experiência

analítica apenas trazem à cena ,um fragmento da vida real ,que repousaria em algum lugar do passado .

Recordação, Repetição, mais do que isso,Elaboração das Resistências.Ou, Perlaboração.Ao paciente não basta recordar,repeter,não basta a guerra .Mais do que isso,é preciso que ele conquiste uma certa familiaridade com as resistências,que ele possa elaborá-las e superá-las.Pois somente quando ela atinge o seu auge,é que o paciente pode "descobrir" os impulsos recalçados que a alimentavam.

Seria assim que esta perlaboração das intensidades em confronto na cena analítica \_ ou seja, resistência X repetição \_ permite ,não somente a recordação pela via da repetição,mas mais do que isso, "a ab-reação das cotas de afeto estranguladas pelo recalque \_ uma ab-reação sem a qual o tratamento hipnótico permanecia ineficaz "(Freud ,1914,203 ).

Nessa medida,não poderia ser pensada independente de uma ESCUTA DO SENTIMENTO como nos propõe Lyotard (1989).Independente dos AFETOS ,destas intensidades.

Seria assim que propomos aqui a idéia de que,estes afetos que se fazem expressar através da perlaboração ,seriam ,na verdade,da mesma ordem de intensidades do júbilo,deste sentimento de renovação que Rosset(1989) encontra na repetição \_ compreendida a partir do "eterno retorno" que Nietzsche nos propõe em sua obra \_ que Proust (1981) encontra na experiência do tempo em estado puro ;que Kant nos propõe a partir da experiência do sublime,segundo a leitura de Lyotard(1989).E que nós propomos aqui,de forma mais cotidiana,como a experiência da esperança .

A esperança compreendida aqui como a possibilidade de buscar

um elo entre passado, presente e futuro ,que não se funde apenas em uma reprodução do percebido e/ou do vivido, que não se baseie na rememoração consciente ,mas ,fundamentalmente, na possibilidade de invenção, de criação .Invenção do novo ,retorno do acontecimento enquanto ele era novo ,que não passa pela sua existência ou não existência ,por sua percepção ou alucinação, por ele ser da ordem da realidade ou da imaginação, mas por ele se constituir enquanto intensidade viva, pulsante.

Intensidades que se expressam basicamente de dois modos, o modo da esperança e o modo da angústia .A esperança trazendo a possibilidade do novo ,enquanto era novo; a angústia, ocultando a novidade ,e ,trazendo em si, preferencialmente, a experiência ,que Walter Benjamin (1975) denominou, a partir da obra de Charles Baudelaire, de "Experiência do Choque ".E que Freud encontrou, não somente na criação artística, mas também nas criações das fantasias e dos delírios ,como experiência traumática .

A importância dos afetos retorna, assim, no interior da obra freudiana ,a partir do conceito teórico de perlaboração. Por esta via se re-introduz a questão das intensidades em sua experiência .Sempre pela via de um encontro com estas \_ as intensidades \_ que passa, segundo nossa leitura, muito mais pelas preocupações clínicas do que pelas concepções teóricas .

Em verdade, se de um lado, podemos observar em Freud, uma concepção que chamamos aqui de "clássica", a respeito da teoria do conhecimento, a saber :

\_ a idéia de uma memória que diz respeito à uma reprodução de algo que foi anteriormente percebido e/ou vivido ,mesmo que

este "vivido" , seja fruto de uma alucinação original imposta pela experiência de satisfação . ou seja, pela experiência de realização de desejo \_ :

\_ a idéia de que o psiquismo, inclusive o Inconsciente, se constitui a partir de "representantes psíquicos da pulsão".

Por outro lado, seria possível observarmos uma tensão entre Intensidades e Representação que consideramos aqui como constitutiva da obra freudiana e que se expressa através de um fio condutor que :

\_ (1) Em um primeiro momento de sua obra, vincula as auto-sugestões, reminiscências históricas e às fantasias, como vimos ;

\_ (2) Em um segundo momento, vincula a perlaboração \_ enquanto uma experiência de abrir-se às intensidades \_ aos afetos , somente passíveis de serem "encontrados" a partir de uma experiência de tempo , suscetível de produzir , em sua repetição, tanto a angústia como a esperança ou o júbilo.

Esta dimensão de esperança \_ como também de angústia \_ presente nas fantasias , precisa ser melhor explorada. Assim é que, em Freud , as fantasias são processos psíquicos que visam realizar um desejo, "uma correção da realidade insatisfatória " (Freud, 1907-1908, 152). São derivados do Inconsciente que, ainda se conservam imunes ao princípio da realidade, sendo ainda regidas pelo princípio do prazer (Freud, 1911, 281).<sup>1</sup>

E teriam uma relação fundamental com o Tempo e a Criação, na

---

1. Com a introdução do princípio de realidade , uma das espécies de atividade de pensamento foi separada; ela foi liberada do teste de realidade e permaneceu subordinada somente ao princípio do prazer. Esta atividade é o fantasiar, que começa já nas brincadeiras infantis e posteriormente, conservada como devaneio abandona a dependência dos objetos reais . " (Freud, 1911, 281, 282).

medida em que são os desejos insatisfeitos no presente \_ os castelos de areia \_ que se constituem na força motivadora da criação de uma imagem do futuro, as fantasias ou os "castelos de ar" \_ segundo os moldes de um passado, do qual se teria uma lembrança de que este desejo teria sido satisfeito.

Em verdade, esta lembrança \_ ou este passado que ressurgia na fantasia, tendo o desejo insatisfeito como força motivadora \_ seria uma lembrança encobridora na medida em que ela não reproduzia um passado tal qual ele fôra ,mas sim tal qual, aquele que o recorda, desejaria que ele tivesse sido .

Desta forma, é possível estabelecer um fio condutor entre estas lembranças e as fantasias a partir de sua relação com a experiência de satisfação do desejo e com o Tempo .

Isto porque, em Freud, seriam as forças relativas ao desejo insatisfeito que nos impulsionam a produzir imagens do futuro \_fantasias\_ criadas a partir de imagens do passado \_lembranças\_ que teriam como pano de fundo comum ,o elo com o Tempo. Se em Proust ,este elo seria capaz de nos liberar da contingência da vida material, mundana e amorosa, atirando-nos nos braços da arte, em Freud, tal não ocorre.

Na verdade, este elo ,constitutivo da fantasia ,e através dela ,da criação artística ,longe de nos liberar das carências e ausências produzidas pela impossibilidade da realidade material em cumprir as exigências de satisfação de um desejo insatisfeito por natureza ,nos envia ,em seu limite, à própria doença.

Enquanto o prazer proporcionado pela experiência de Tempo em Proust seria indissolivelmente ligado à uma experiência de arte e

de criação ,que era em si dissociada de qualquer satisfação de ordem material ;em Freud ,os laços entre a fantasia e a lembrança se fariam através do Tempo ,o passado,o presente,o futuro e o "fio do desejo que os une ".

"A relação entre a fantasia e o tempo é,em geral,muito importante.É como se ela flutuasse entre tres tempos \_os tres momentos abrangidos por nossa ideação.O trabalho mental vincula-se a uma impressão atual,a alguma ocasião motivadora no presente que foi capaz de despertar um dos desejos principais do sujeito.Dali,retrocede à lembrança de uma experiência anterior (geralmente da infância) na qual esse desejo foi realizado,criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo.O que se cria então é um devaneio ou fantasia,que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança.Dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une"(Freud,1907-1908,153).<sup>1</sup>

Por outro lado ,em Proust,vai ser exatamente a possibilidade de realizar uma experiência de tempo no interior da qual ,passado e presente ,individual e coletivo,consciente e inconsciente se fundem ,produzindo uma simultaneidade de sensações ,que se coloca como fonte de júbilo.

Isto porque ,para Proust,seria esta simultaneidade das sensações que diz respeito a momentos diferenciados no tempo ,que

1.Descrevendo a experiência da criação,Freud nos diz :*"Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior(geralmente de sua infância),da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa "*.(Freud,1907-1908,156)

produziria um estado de satisfação completamente independente da realidade material e externa.

Este estado ,no qual Proust se sentia imerso em "um pouco de tempo em estado puro " (Proust,1981,123) ,era capaz de produzir uma hesitação .Esta hesitação não só o colocava em dúvida sobre o tempo \_ passado ou presente ? \_ mas o fazia se sentir "um ser extra temporal ",um novo ser ,completamente livre e despreocupado com a sua própria condição humana.

Isto é, um "homem livre da ordem do tempo ".Um homem despreocupado com sua própria finitude ,com as contingências da vida material, com a insatisfação amorosa e mundana .

Na verdade ,este "fora do tempo ",produzido a partir da simultaneidade das sensações ,colocava em questão o próprio sujeito que as sentia .

Ao colocar o tempo em dúvida,remetia o sujeito a uma perplexidade com relação aos seus próprios limites enquanto sujeito.Esta perplexidade e hesitação,eram capazes de produzir,em Proust,uma liberdade que o fazia renascer .Livre de uma vida marcada pelos desejos insatisfeitos \_ como toda vida o seria \_ Proust se tornava ,assim,capaz de "rememorar" sua vida ,tal qual ela nunca fôra vivida .

Ou seja ,capaz de criar a vida.

Deste modo, o tempo perdido ,uma vez perdido ,esquecido,liberto das contingências do mundo material e dos desejos insatisfeitos,tornava-se TEMPO PURO. Um tempo aberto e livre ; livre para ser criado ,livre para ser redescoberto .O Tempo Redescoberto ,criação pura .

Seria importante chamarmos atenção para o fato de que existe



uma ambiguidade com relação às lembranças encobridoras. Embora estas possuam traços de suas vinculações com a fantasia, a partir de sua relação com a experiência de satisfação, elas dependem para existir da percepção do objeto.

Trata-se, assim, de lembranças vinculadas a um objeto percebido e existente, embora ausente. No entanto, segundo propomos aqui, em Freud elas não são meras reproduções de fatos vividos na medida em que estariam perpassadas pela mesma marca da fantasia, a busca de realização do desejo.

Aquilo que é lembrado, não corresponde, assim, ao meramente percebido, mas à um produto psíquico que traz em si, o que teria sido "percebido/ vivido" associado ao que teria sido "experimentado".

Freud nos fala desta distinção ao longo de sua obra em vários momentos [1897, 1911, 1915, especialmente], entre o que é "ouvido" e o que é "experimentado".

O que propomos aqui é que, ao se referir a este "experimentado", Freud está nos afirmando que, o que é experimentado, nunca é o meramente percebido, mas o que "gostaríamos" de ter percebido. Mais do que isso, o próprio percebido já seria um resultado desta vinculação indissolúvel, entre as intensidades - a força de experiência de satisfação, da busca de realização do desejo - e a capacidade psíquica de representar.

Mesmo que esta "experiência de satisfação" seja compreendi-

da nos moldes de uma concepção "clássica" de "representação" <sup>1</sup>, acreditamos que, quando ele nos propõe a alucinação como primeiro momento psíquico, ele está, nos sugerindo a idéia de que, esta "representação" seria insuficiente para dar conta das intensidades. <sup>2</sup>

Também a fantasia, pode ser considerada como fruto de uma Imaginação, concebida a partir de uma concepção "clássica". Ou seja, de uma Imaginação compreendida como a capacidade de reproduzir mentalmente o objeto mesmo quando este não esteja presente.

Ainda que a partir de 1897 (Freud, carta 69, 21-09-1897), a fantasia passe a se constituir no próprio núcleo da realidade psíquica (Birman, 1987, 10) sob a regência do princípio do prazer, esta concepção se manteria.

---

1. Segundo Joel Dor, "...para Freud, o desejo nasce de um reinvestimento psíquico de um traço mnésico de satisfação ligado à identificação de uma excitação pulsional (...). Assim que a necessidade se apresentar novamente, haverá graças à relação estabelecida [associação traço mnésico da excitação pulsional com o traço-mnésico da experiência de satisfação], desencadeamento de um impulso [Regung] psíquico que investirá novamente a imagem mnésica desta percepção na memória e provocará novamente a percepção mesma, ou seja, reconstituirá a situação da primeira satisfação. É a este movimento que chamamos desejo; a reaparição da percepção é a realização do desejo ..." (Dor, 1985, 41)

2. Sobre a experiência de satisfação, Freud nos diz: "...sugiro que o estado de repouso psíquico foi originalmente perturbado pelas experiências peremptórias das necessidades internas. Quando isto aconteceu, tudo que havia sido pensado (desejado) foi simplesmente apresentado de maneira alucinatória tal como ainda acontece hoje com nossos pensamentos oníricos a cada noite. Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação. Em vez disso, o aparelho psíquico teve de decidir formar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real mesmo que acontecesse de ser desagradável" (Freud, 1911, 279).

Ou seja, do princípio do prazer ao princípio da realidade. A realidade, como princípio, sendo constituída a partir do próprio princípio do prazer. Esta complementaridade, e não oposição, entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, como também, esta idéia de que alucinação, em verdade, constituiria o psiquismo em um primeiro momento, nos foi sugerida a partir de nossa leitura de Jacques Lacan (Lacan, 1988, 29-107).

Isto porque, se a representação estaria voltada para a reconhecimento e o reconhecimento perceptivo, o princípio do prazer estaria voltado para uma descarga das intensidades que tentaria reproduzir a experiência original de satisfação do desejo na medida em que esta seria o MODELO segundo o qual o próprio princípio do prazer se instauraria.

Nesse sentido, a fantasia, ao se manter sob a regência do princípio do prazer, imprimiria ao psiquismo a marca desta primeira experiência de satisfação de desejo, através das imagens e traços mnêmicos.

É esta experiência que ela, a fantasia, busca repetir. Em função disso, ela guia o aparelho psíquico em direção a tudo aquilo que traga a possibilidade de uma repetição daquela experiência de satisfação inicial.

Deste modo, a representação psíquica é moldada a partir desta experiência primeira que por sua vez, também é pensada segundo a concepção clássica de representação.

Na verdade, embora Freud utilize um modelo "clássico" para definir o que é uma representação (tendo a percepção como base para esta representação, isto é, se representa o que é percebido), o que é percebido, não é nunca uma reprodução da realidade externa e material, mas uma reprodução desta realidade psíquica. Ou seja, da realidade psíquica moldada a partir da primeira experiência de satisfação.

As intensidades, no entanto, colocam em questão esta capacidade de representar. Isto porque, elas sempre estão impulsionando o psiquismo a romper como estes estreitos limites colocados por uma experiência de desejo fundada na representação. Em lugar

de uma simples autonomia psíquica, propomos que :

A autonomia psíquica, em verdade, está fundada, não em uma autonomia da capacidade psíquica de representar, mas em uma impossibilidade da representação .

A realidade psíquica, embora seja autônoma com relação à realidade material, é construída tendo como base uma experiência de satisfação que a torna "prisioneira" de uma representação, isto é, da primeira experiência de realização do desejo.

Deste modo, as intensidades, ao incidirem sobre o psiquismo a partir deste DENTRO/FORA que as caracterizam, colocariam incessantemente o psiquismo face a seus próprios limites de representação.

E, na medida em que este psiquismo é definido a partir da capacidade de representar, as intensidades, colocariam o psiquismo em face do seu próprio limite.

Assim sendo, a atividade da Imaginação, compreendida a partir destes referenciais criados pela própria teoria psicanalítica, se, de um lado, seria autônoma com relação à realidade material [ não é uma simples reprodução do objeto uma vez percebido ]; por outro lado, seria uma constante tentativa de reprodução desta primeira experiência de satisfação.

Seria assim que, a leitura da obra freudiana, com relação aos conceitos de "reminiscência " e de "fantasia", em verdade, nos proporia uma nova interpretação destas duas faculdades, tanto da Memória como da Imaginação.

Para esta interpretação, nos baseamos, fundamentalmente, em Proust, e na concepção bergsoniana do Tempo como Duração/

Invenção.

A partir destes referenciais, se tornou possível, para nós, pensarmos as reminiscências e fantasias como atividades essencialmente criativas, produtos e produtoras de diferenças de intensidades que atuariam no psiquismo sob a forma de um misto de intensidades e signos.

Nesse sentido, tanto uma com outra não seriam passíveis de serem pensadas como "representações" mas como produções que se expressam pela via de uma repetição do diferente.

De um lado, o conceito de "fantasia" marca uma diferença com relação ao conceito de "reminiscência", na medida em que em seu interior se observa uma ruptura explícita com a realidade material. Esta ruptura seria fundadora da própria realidade psíquica enquanto a "verdadeira" realidade que interessa à Psicanálise.

Por outro lado, é possível pensar em uma continuidade entre ambos. Ou seja, as lembranças/reminiscências e as fantasias podem ser compreendidas como formas de produção psíquica que trazem em si esta dimensão de signos e intensidades somente capaz de ser expressa por uma repetição ativa e criativa.

Não é "à toa" que Freud busca, na infância, os traços primeiros da fantasia. No brincar infantil, nos jogos, a criança se comporta como "um escritor criativo" (Freud, 1907-1908, 149). Esta criação, não se opõe à seriedade, mas à realidade.

A brincadeira infantil é, em verdade, a atividade mais séria de uma criança. Isto porque, no brincar, se realiza o desejo infantil mais intenso, ou seja, o desejo de ser adulto (Freud, op.cit., 151).

O elo entre o artista e a criança se encontra, deste modo, no interior da própria atividade de FANTASIA entendida como criação pois ambos criam "...um mundo de fantasia " que eles levam muito a sério, isto é, investem "grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade "(Freud, 1907-1908, 150).

A linguagem, por outro lado, guarda em si, esta relação entre este brincar infantil e a criação poética, ao nomear, em língua alemã, tanto a tragédia [ TRAUERSPIEL ] como a comédia [ LUSTSPIEL ] como formas de brincadeiras, ora desprazerosas \_ porém "purificadoras", como vimos na idéia de catarse \_ ora prazerosas.

Este brincar [SPIEL] que, em alemão, significa, simultaneamente, brincar e representar, remete à idéia de um fazer de novo, ou seja, de uma repetição. Este "representar", em verdade, está mais próximo de uma apresentação, na medida em que diz respeito a tudo aquilo que é apresentado, peças de teatro, brincadeiras, encenações, etc.

Louis Althusser em "Lire le Capital", nos falaria desta noção de DARSTELLUNGEN, tomando como referência a teoria marxista. Segundo ele, esta noção significaria, em alemão, a idéia de uma "representação teatral ", cuja imagem nos remeteria à idéia de uma apresentação ou encenação na qual não haveria nada por "de trás : a própria coisa está ali, "da", oferecida na posição de presença." (Prado Coelho, 299). Por outro lado, as VORSTELLUNGEN, nos remeteriam à idéia de que haveria sempre "... qualquer coisa que é representada pelo que está à frente, pelo seu emissário: o VORSTELLUNG." (Prado Coelho, 299).

Seria assim que esta identidade entre o brincar e a

apresentação teatral, se faz a partir da idéia de um fazer de novo, de uma repetição que é a própria essência, tanto da brincadeira como da criação artística.

Walter Benjamin (1985) nos sugere que,

"A essência da representação [apresentação], como da brincadeira, não é "fazer como se" mas "fazer sempre de novo", é a transformação em hábito de uma experiência devastadora" (Benjamin, 1985, 253).

Assim é que Benjamin nos aponta para este "mais além do princípio do prazer" de que Freud (1923) nos fala. Além da representação, eis a repetição; a repetição como a própria essência de apresentação, ou seja, de algo que se apresenta, que aparece, face ao qual nada há por detrás.<sup>1</sup>

---

1. Seria importante nos referirmos a uma dificuldade de precisar a diferença entre a DARSTELLUNGEN compreendida como apresentação, tal como Meinong nos propõe, e compreendida como apresentação tal como Althusser e Benjamin nos propõe. Optamos por adotar o termo DARSTELLUNGEN para nos referirmos a apresentação, no sentido de Althusser.

Também optamos por adotar aqui o termo apresentação para substituir o termo que a edição brasileira das Obras Escolhidas de Benjamin (1985) traduz por "representação", supondo que, em alemão, tratar-se-ia de DARSTELLUNGEN, o que não foi possível confirmar.

... "quantas vezes eu para descansar de mim, como que para um temporário auto-esquecimento, procurei abrigar-me em alguma parte - sob alguma veneração ou inimizade ou cientificidade ou levandade ou estupidez : e também porque, onde não encontrei aquilo de que precisava, tive que conquistá-lo artificialmente, falsificá-lo, criá-lo ficticiamente para mim (... e que outra coisa fizeram jamais os poetas ? e para que existiria toda a arte do mundo ?)." "

Friedrich Nietzsche  
" Humano, Demasiado Humano "



## 9 - HISTÓRIAS E NARRATIVAS :

### A EXPERIÊNCIA EM BENJAMIN

"Se escrevo o que sinto  
é porque assim diminuo  
a febre de sentir"

Fernando Pessoa (Pessoa,45)

Como vimos, a repetição se constitui como um conceito-chave em nosso trabalho, na medida em que através dele, tornou-se possível estabelecer um fio condutor, de um lado, entre as reminiscências e as fantasias ; de outro lado, entre o mecanismo da perlaboração e os afetos ou intensidades.

Desta forma , em Freud(1914), aquilo que não seria possível de ser rememorado , retorna através da repetição , se atualizando por diferentes formas de produção psíquica : atos falhos, lapsos, sonhos , as reminiscências/fantasias.

A repetição, na verdade, pode ser vista como uma forma de expressão de tudo aquilo que não pôde ser representado, ou seja, de tudo aquilo que permanece inconsciente , seja em função da ação do recalque, seja em função da sua não-representabilidade.

é assim que, se sempre existe algo que escapa à representação, este "algo" não seria nunca perdido para o psiquismo na medida em que ele retornaria pela via da atuação/repetição.

A diferença específica entre rememorar/repetir/perlaborar, incide exatamente no fato de que : enquanto a rememoração apenas atinge o material psíquico capaz de se tornar consciente e de ser representado ; a repetição permite o afloramento \_ traz à flor da

pele \_ de tudo o que não pôde se representar.

Ou ainda, como propomos aqui, que ultrapassa a própria representação.

A perlaboração, por outro lado, seria a possibilidade de transcender a ambas dimensões na medida em que pela "elaboração" e descarga dos afetos, ela permite uma construção do passado que não o reproduz, mas o cria, o produz a partir de fragmentos, imagens, impressões, sensações, afetos.

E basicamente, a partir de um "fragmento de experiência real" (Freud, 1914, 201) que se repete, em condições artificialmente criadas \_ isto é, na análise \_ fragmento este que é a própria experiência da transferência.

É assim através da experiência da transferência que passa essencialmente pela repetição de um fragmento de vida real \_ que, como vimos, em Proust, não se identifica com a vida vivida, mas com um misto de realidade e Imaginação \_ que seria possível, não apenas a liberação de um afeto até então não vivido, "estrangulado", mas a própria produção de um afeto até então não experimentado.

Pela escuta do sentimento, o que ocorre, não é a rememoração do passado, mas sua produção e criação, como propomos aqui.

Lyotard (1989) nos sugere que :

" A análise não está sujeita ao conhecimento mas à " técnica " e à arte. (...) ... a cena não pretende reproduzir fielmente a "cena primitiva". Ela é nova porque é sentida como tal. Pode se dizer que o já acontecido ainda está presente, vivo, vivo. Não presente como um objeto, se é que um objeto pode estar presente, mas como uma AURA, como uma brisa que sopra ligeira, como uma alusão. EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO de Proust, o SENS UNIQUE ou

ENFANCE BERLINOISE de Benjamin operam de acordo com essa mesma TECHNE..." (Lyotard, 1989, 40).

Deste modo, o passado construído seja na vida como na arte, ressurge como propõe Lyotard, sob a forma de uma AURA, conceito de Walter Benjamin que diz respeito à uma "...única aparição de uma realidade longínqua por mais próxima que esteja" (Benjamin, 1975, 15), "aparição irrepetível de uma distância" (1975, 59). A AURA, seria, assim, aquilo que está distante e inacessível, embora presente em todo culto, jamais apreensível a partir da mera reprodução porque único.

Tornar-se sensível a AURA de uma coisa implica em dotá-la da capacidade de corresponder, assim como no olhar existe a expectativa de ser correspondido por aquilo a que se oferece o olhar. Trata-se das "CORRESPONDANCES", experiências somente possíveis na dimensão dos cultos como também no Belo e na criação artística.

A AURA é, na verdade, uma aparição presente em todo processo de criação, como também em todo culto, toda relação do homem com o inanimado. E, como Benjamin nos sugere, presente na Memória Involuntária de Proust.

"A experiência da aura repousa portanto na transferência de uma forma de reação normal na sociedade humana para a relação do inanimado ou da natureza com o homem. Quem é olhado ou se julga olhado levanta os olhos. Perceber a aura de uma coisa significa dotá-la da capacidade de olhar. Isto é confirmado pelas descobertas da Némoire involontaire" (Benjamin, 1975, 59).

Esta AURA que diz respeito a uma aparição única somente

seria possível de ser apreendida a partir de uma forma de experiência que se encontra perdida para o homem moderno como para o poeta ,já que ambos foram "roubados" pela experiência .Esta é ,para Benjamin, uma das grandes perdas que a Modernidade nos teria imposto.

Desta forma,para Benjamin ,somente o artista poderia realizar a experiência em sua dimensão criativa porque apenas a arte ,e entre elas, a arte da narrativa pode resgatar a Memória e a História ,tornando novamente possível a experiência da AURA .

Mas, essa História que se cria neste processo,não é uma história dos acontecimentos passados .Tal como em Proust \_ de cuja obra Benjamin foi o tradutor para o alemão \_ , " articular historicamente o passado não significa conhecê-lo "como ele de fato foi " ,nem encontrar uma verdade historicamente determinada .Trata-se,em verdade,de transcender ao proprio momento histórico.

Essa transcendência com relação ao momento histórico determinado,não configura ,no entanto,uma desvalorização da história,mas traz em si,um novo conceito de História que ,inclui o dom de "agarrar" o tempo passado ,não pela via de uma simples rememoração,mas pela captação de um passado que só se deixa "... fixar como imagem que relampeja irreversivelmente "(Benjamin,1985,224) , o instante fugidio e único de Proust .

Apreender esta imagem \_ essa reminiscência benjaminiana \_ implica em imobilizar o fluxo contínuo dos acontecimentos em uma configuração " saturada de tensões " ,que não nos aprisiona nos meros fatos passados mas nos direciona com relação a um futuro transformador ,tal como a imagem judaica do Messias.

Aqui Benjamin nos remete à tradição judaica, que proibia qualquer investigação com relação ao futuro. Era essencialmente a partir da rememoração que as preces, a Torá, a própria religião eram transmitidas de geração a geração. Isto porque, se acreditava que a antecipação do futuro teria o poder de fazer sucumbir aqueles que consultavam os adivinhos, ao passo que a recordação "decantava" o futuro, fazendo com que o tempo se convertesse em um tempo marcado pela sua brevidade e intensidade, "saturado de agoras" (Benjamin, 1985, 224).

Um tempo que, ao invés de reduzir a história a uma sucessão de fatos e de suas relações causais, trazendo a imagem eterna de uma história universal, traria a possibilidade sempre presente da chegada do Messias. Ou seja, a Esperança.

Tal qual o anjo retratado por Paul Klee em um quadro denominado "Angelus Novus", essa nova postura face à História, implica em se ter o olhar voltado para o passado mas dirigir-se irresistivelmente para o futuro.

A Memória é assim compreendida como uma dimensão da experiência que torna possível esta relação com o passado voltada para um futuro transformador. É a capacidade de, através de uma imagem fugidia e captada em apenas uma aparição, construir as CORRESPONDANCES entre o nosso olhar e aquilo que a ele se oferece e ao que ele se oferece.

No caso específico que nos interessa aqui — a experiência psicanalítica — o que se oferece ao nosso olhar é a própria vida, sempre sob a forma de histórias e narrativas, de "teatros privados", lembranças e fantasias atravessadas pelas intensida-

des.

Estamos assim propondo pensar a própria experiência psicanalítica no sentido que Benjamin nos sugere.

Esta idéia de Experiência é melhor explicitada em um ensaio denominado "Sobre Alguns Temas em Baudelaire" (1975) no qual o autor discute mais profundamente esta idéia em sua relação com a Modernidade .

Segundo Benjamin, o desenvolvimento capitalista e a grande indústria teriam sido responsáveis pela constituição de uma forma de existência na qual a consciência se encontraria permanentemente voltada para o amortecimento dos constantes "choques" que proliferariam nas sociedades urbano-industriais .

Para ele, a Modernidade tem como traço característico , a intensificação das situações de choque em todas as dimensões da vida cotidiana : o que traz , como consequência, a produção de um novo tipo de sensibilidade.

Constitui-se, assim, um novo modo de relação entre consciência perceptiva e memória que, ao invés de se orientar para a percepção e recepção de novos estímulos , se volta para a defesa e proteção contra as impressões e sensações.

Ou seja, a função da consciência , ao se tornar uma mera proteção contra os estímulos advindos do mundo exterior (Freud, 1920, 43), produz, como contra-partida necessária, um novo modo de SENTIR e PERCEBER que vai caracterizar a vivência individual e privada [ERLEBNIS ], típica do homem moderno.

A partir de uma leitura particular da concepção freudiana da memória \_ especificamente centrada em "Além do Princípio do Prazer (1920) \_ Benjamin nos propõe que os processos cuja origem

nunca foi consciente ,são aqueles que se preservam em nossa memória com uma intensidade muito maior.

Isto porque,se em Freud ,a consciência surge no lugar da impressão mnêmica(Freud,1920,41),a Memória não seria nunca um processo consciente,mas se constitui especificamente a partir de traços mnêmicos que se acumulam no sistema Inconsciente e Pré-Consciente.

Em verdade,para Freud,a impressão \_ ou a excitação ,aqui compreendida como o processo que daria origem à impressão \_ não seria capaz de produzir nenhuma modificação da consciência.<sup>1</sup>Esta é compreendida como uma superfície meramente perceptiva,que apenas recebe estímulos,de forma descontínua ,sem sofrer com isso nenhuma alteração.

" Com base em impressões derivadas de nossa experiência psicanalítica,supomos que todos os processos excitatórios que ocorrem nos outros sistemas deixam atrás de si traços permanentes, os quais formam os fundamentos da memória.Tais traços de memória ,então,nada têm a ver com o fato de se tornarem conscientes ;na verdade,com frequência,são mais poderosos e permanentes quando o processo que os deixou atrás de si foi um processo que nunca penetrou na consciência ."(Freud,1920,40)(o que está sublinhado é nosso)

Enquanto a memória é definida como a " capacidade de ser permanentemente modificado por ocorrências únicas"

---

1."O que a consciência produz ,consiste essencialmente em percepções de excitação provindas do mundo externo e de sentimentos de prazer e desprazer que só podem surgir do interior do aparelho psíquico "(Freud,1920,39).

(Freud, 1895, 399), a consciência se caracteriza exatamente por não opor nenhuma resistência à excitação e por conseqüentemente, não sofrer nenhuma transformação, nem nada preservar. Isto porque, sua função essencial, como vimos, é a recepção dos estímulos.

Deste modo, em nome desta capacidade de ser permanentemente receptivo a novas impressões, que o sistema percepção-consciência não possuiria nenhuma capacidade de reter os traços de excitação provenientes das excitações que o atinge.

"...tornar-se consciente e deixar atrás de si um traço de memória, são processos incompatíveis um com o outro dentro de um só e mesmo sistema. Assim, poderíamos dizer que o processo excitatório se torna consciente no sistema Cs., mas não deixa traço permanente atrás de sua excitação, porém, é transmitida aos sistemas que ficam a seguir, e é neles que seus traços são deixados" (Freud, 1920, 40).

Deste modo, a partir da teoria freudiana, é possível se pensar que, os traços de memória que se apresentam com maior intensidade, na verdade, nunca foram conscientes. Ou seja, nunca se vincularam a processos perceptivos em algum momento conscientes.

Por outro lado, como vimos, apesar do sistema consciente não reter nenhum traço das excitações, pelo próprio fato de estar exposto ao mundo externo, existiria entre ambos, uma espécie de "envoltório" capaz de resistir às grandes intensidades oriundas do mundo externo. Sem este "escudo protetor" (Freud, 1920, 42, 43), a própria sobrevivência do organismo estaria ameaçada.

"A proteção contra os estímulos é, para os organismos vivos, uma função quase mais importante do que a recepção deles" (Freud, 1920, 40).



é assim que a própria experiência traumática se define como uma ruptura deste escudo protetor a partir das grandes excitações que o atingem e o atravessam.

A partir destas duas questões, torna-se possível pensar, a partir da teoria freudiana, em uma descontinuidade entre a Memória Inconsciente e os eventos que dizem respeito à memória consciente, levando-nos a estabelecer uma distinção fundamental entre lembrança consciente e lembrança inconsciente.

Por outro lado, em Freud, é possível propormos que a memória inconsciente nos remete ao recalque originário (Freud, 1915b), ou seja, a tudo aquilo que não pôde ser produto de uma representação/percepção, mas que apenas pode insistir, persistir, repetir.

Benjamin (1975) traduz esta questão em termos proustianos, apontando para o fato de que, somente os acontecimentos que não foram vividos, expressa e conscientemente, isto é, que não remetem à vivência individual [ERLEBNIS], podem ser rememorados pela Memória Involuntária (Benjamin, 1975, 38).

Desta forma, para Benjamin, os tempos modernos, se caracterizam pela produção de um tipo de sensibilidade que, fundada nesta proteção contra os estímulos, reduz a dimensão da experiência [ERFAHRUNG] a uma simples vivência [ERLEBNIS], "roubando" aos homens modernos, uma série de encontros ou choques, como Benjamin nos propõe.

Estes choques, na modernidade, seriam captados, seja pela experiência poética, que os toma como matéria-prima, seja pela experiência traumática, constituindo a matéria-prima das fantasias

e delírios.

Seria assim que, para Benjamin, "o fato de o choque ser captado e "aparado" pela consciência, daria ao acontecimento que o provoca o caráter de "vivência" em sentido estrito. E esterilizaria para a experiência poética esse acontecimento incorporando-o diretamente ao inventário da lembrança consciente" (Benjamin, 1975, 39).

No interior deste contexto, em que a vivência individual toma o lugar da experiência, não há mais espaço para nenhum aprendizado dos acontecimentos da vida, nem tampouco, para a transmissão de experiências. A própria vida se torna desprovida de qualquer referência a um "antes" ou um "depois", se tornando uma mera sucessão de instantes perdidos em um tempo homogêneo e linear.

Não se trata de um esquecimento, mas de um amortecimento da capacidade de sentir, de uma diminuição da SENSIBILIDADE que coloca em questão, não só a própria possibilidade de constituir uma Memória, como também da própria História.

Deste modo, se a vivência individual é apenas capaz de registrar um número muito limitado de sensações e percepções, o que se modifica, na modernidade, seria a própria estrutura da experiência.

A experiência, conforme é definida por Benjamin: um fato da tradição, tanto na vida individual como na vida coletiva, que se transmite de geração em geração, que não consiste em acontecimentos históricos fixados em lembranças conscientes, mas em uma Memória Inconsciente, no sentido da Memória Involuntária de Proust.

A experiência, assim compreendida, promove um encontro entre o passado, individual e coletivo \_ ambos sem nenhuma determinação histórica \_ entre memória consciente e inconsciente .

Para Benjamin, nos tempos modernos, esta dimensão somente poderia ser resgatada a partir da narrativa .

Isto porque, a narrativa, é para Benjamin, a forma de comunicação espontânea da experiência . Ao contrário da informação, a narrativa não visa "comunicar o puro em-si do acontecimento, mas o faz penetrar na vida do relator , para oferecê-lo aos ouvintes como experiência. Assim aí se imprime o sinal do narrador , como o da mão do oleiro no vaso de argila "(Benjamin, 1975, 37) .

E assim o interesse em conservar o que está sendo narrado que constitui o elo entre o narrador e o seu ouvinte, fazendo com que a narrativa prossiga indefinidamente.

Como fundamento primeiro da narrativa, a própria Memória.

A memória, \_ não em sua dimensão empírica e/ou consciente \_ mas como uma condição para que o pensar possa, de um lado, se apropriar do curso das coisas, de outro lado, se resignar com o seu desaparecimento, isto é, com o poder da morte (Benjamin, 1985, 210) .

Estas narrativas se assemelham às histórias orientais descritas nas "Mil e Uma Noites", nas quais a profusão dos sentidos se coloca par a par com o seu inacabamento essencial. Tal e qual Scheherazade, uma história levando sempre e incessantemente a outra história, que sempre se repete, sempre da mesma maneira e sempre de forma diferente.

E assim que, a partir da noção de "narrativa" e do conceito de "experiência" \_ formulado por Benjamin a partir das obras de

Henri Bergson(1859-1941), Charles Baudelaire(1821-1867) e Marcel Proust (1871-1922)\_ o que se coloca como questão ,segundo o que propomos aqui, é a possibilidade de se pensar em um conceito de Historia de Vida .

Uma história de vida ,que expressasse ,não a vivência individual típica da modernidade,mas que fôsse capaz de redescobrir o tempo \_puro \_ e nesse movimento, CRIAR A VIDA.Ou seja, aExperiência de Tempo tal como nos propõe Proust,Bergson e Benjamin.

Estas histórias de vida apareceriam ,na cena analítica ,através de narrativas .Estas narrativas ,trariam em si um misto de reminiscências e fantasias .

Histórias que trazem em si os beijos de todos os encontros,os lenços de todas as despedidas,um coração rendez-vous de toda a humanidade como nos diz Fernando Pessoa.Experiência de si,do Tempo.

Narrativas que não são meras palavras ou significações perdidas ,mas que expressam um fluxo de signos e intensidades.

Intensidades que jamais são inscritas e ordenadas no universo das representações e das significações,mas que teriam que ser sentidas,pois trazem em si, a possibilidade viva da criação.

Como nos propõe Sândor Ferenczi (1928),na cena analítica,é necessário que o analista desenvolva ,o que ele denominou de Tato,ou seja ,a faculdade de SENTIR COM [EINFUHLUNG] (Ferenczi,1928,303).

E nós acrescentamos , um SENTIR COM que possibilite tornar a cena analítica ,um espaço onde se possa aprender a conviver com

as intensidades. Um espaço onde a ordenação não se coloque como a única forma de lidar com as intensidades e com os sofrimentos de uma vida.

Um espaço que não apenas nos ajude a suportar as intensidades, nossas esperanças e angústias, mas que nos possibilite a com elas conviver. Mais do que isso, a poder senti-las.

Um espaço no qual, possamos construir uma forma mais feliz de suportar estas intensidades, que não seja pela sua ordenação e inscrição, mas que seja um ato de criação e de invenção.

Um ATO de VIDA.

" E o tempo que levou uma rosa  
indecisa a tirar sua cor dessas  
chamas extintas era o tempo mais  
justo./Era tempo de terra./Onde  
não há jardim,/As flores nascem  
/  
de um secreto investimento em  
formas improváveis./"

Carlos Drummond de Andrade

" Campo de Flores "

## 10 - CONCLUSÃO

Em uma tentativa de conclusão, gostaríamos de apontar, em linhas gerais, as questões que consideramos mais importantes em nosso percurso.

Tomando como fio condutor de nosso trabalho, a idéia de uma tensão entre Intensidades e Representação que seria constitutiva do pensamento freudiano, propomos uma leitura dos conceitos de Auto-Sugestão, Reminiscência e de Fantasia como formas de produção psíquica.

Estas produções psíquicas se constituiriam como um misto de intensidades e signos que apareceriam, na cena analítica, sob a forma de histórias e narrativas que não teriam como objetivo principal a rememoração do passado, mas a sua criação.

Deste modo, estas lembranças/reminiscências e/ou fantasias somente poderiam ser pensadas a partir de uma concepção da Memória e da Imaginação como atividades criativas. Neste sentido, propomos que tanto a Memória como a Imaginação não seriam apenas atividades de Reprodução e/ou Evocação das Imagens, mas seriam fundamentalmente atividades de criação das Imagens.

As próprias Imagens seriam, assim, compreendidas como coisas e não apenas como reflexos ou pinturas mentais. Com Bergson (1896), diríamos que a Imagem não é uma reprodução mas um ato de criação. A Imagem é coisa.

No interior desta perspectiva, estas formas de produção psíquica não poderiam ser pensadas como inscritas em um domínio

de Representações. Na verdade, as lembranças e fantasias nos remeteriam essencialmente ao domínio das Intensidades as quais jamais poderiam ser ordenadas no universo das Representações. Isto porque, enquanto Intensidades, elas se constituem exatamente naquilo que escaparia a qualquer tentativa de reconhecimento e/ou reprodução.

Neste sentido, elas nos remeteriam diretamente à dimensão da Repetição. Uma repetição sempre diferencial, produtora de diferenças, do novo enquanto novo.

Cria-se, assim, um modo específico de relação entre a memória e o esquecimento que denominamos aqui de MEMÓRIA DO ESQUECIMENTO, no interior da qual as intensidades se conservam enquanto tudo o mais passa, e se conservam, sob a forma da repetição.

As auto-sugestões, as lembranças e/ou fantasias seriam, na verdade, manifestações vivas produzidas por estas intensidades que, apesar de não se inscreverem enquanto representações se expressariam na palavra e pela palavra.

Ao longo deste percurso, inúmeros descaminhos. Um deles revelou-se de especial importância para o nosso trabalho na medida em que a partir da obra literária de Marcel Proust, "Em Busca do Tempo Perdido", tornou-se possível pensarmos em uma dimensão da experiência que aqui denominamos de Experiência de Tempo.

Esta experiência de Tempo traria em seu interior uma perspectiva, não de reconstituição e/ou recuperação do passado, mas de uma relação com o passado que nos impulsiona de forma criativa com relação ao futuro. É fundamentalmente ao aqui-e-agora, o fluxo



do Tempo.

Esta conservação do passado através das intensidades produziria um tipo específico de experiência de si, na qual o passado e a memória se constituiriam não como forças a serem dominadas ou a se rebelarem - como um tipo de Psicanálise nos proporia - mas como forças que nos moveriam a criar.

Michel Foucault (1984) nos propõe esta experiência como "artes da existência" (1984, 15) ou "experiência de si" (1985, 70). Marcel Proust (1981) nos propõe como a experiência da Memória Involuntária, em que um instante fora do tempo, produziria em "um pouco de tempo em estado puro", "o homem livre da ordem do tempo" (Proust, 1981, 123).

A importância da obra de Proust, para nossa reflexão, também se faria sentir na dimensão essencialmente criativa que as Impressões e Imagens possuem nesta obra. Em Proust, as faculdades da Memória e da Imaginação surgem em toda sua criatividade no próprio ato de sua rememoração. Mais do que isso, constroem a própria VIDA em questão.

Em sua obra, Proust faz-nos defrontar com a dimensão essencialmente criativa e não reprodutiva destas faculdades. Isto porque, em Proust, as palavras, imagens, impressões, pensamentos estão em estado de transbordamento, colocando, incessantemente em questão, os limites impostos pela consciência e pela representação.

Propomos aqui que este transbordamento dos limites impostos pela consciência e pela representação, não seria específico das obras de arte, mas ocorreria em inúmeras outras formas de criatividade psíquica. Englobaria, inclusive, aquelas atividades conside-

radas como patológicas pela Psiquiatria, Psicologia e ainda pela Psicanálise.

Com isso não queremos dizer que não existe a doença. Sinceramente, não sabemos. Cremos apenas poder testemunhar que, como nos diz o poeta, "quando não há jardim, as flores nascem de um secreto investimento em formas improváveis" (Drummond).

Tornar-se um dos espaços possíveis para este investimento, nos parece, assim, ser uma das tarefas da Psicanálise.

Assim como a VIDA, propomos pensar a prática analítica como um espaço \_ não o único e certamente não o principal \_ de ENCONTRO com estas Intensidades.

Mais do que isso : de produção de um espaço que possibilite o encontro do sujeito com esta dimensão de si e do mundo. Encontro este que ofereça ,para o sujeito , a possibilidade, não apenas de suportar estas intensidades mas, fundamentalmente de CRIAR junto com elas .

Um espaço onde haja criação de vida, a VIDA como obra de arte .

## 11-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I - Gostaríamos de explicitar que é inteiramente nossa a responsabilidade pela tradução das obras em língua estrangeira que utilizamos como referência .

### II - Obras de Freud

Os livros e artigos relacionados abaixo referem-se a

Edição Standard das Obras Completas.Rio de Janeiro:Imago Editora,1980.

FREUD, SIGMUND

----- - "Histeria" (1888), Edição Standard das Obras Completas.Rio de Janeiro:Imago Editora,1980,vol.I.

----- - "Prefácio a Suggestion" (1888), Edição Standard das Obras Completas.Rio de Janeiro:Imago Editora,1980,vol.I.

----- - "Cartas a Wilhelm Fliess" (1893-1897), Edição Standard das Obras Completas.Rio de Janeiro:Imago Editora,1980,vol.I.

----- - "Projeto para uma Psicologia Científica", (1895), Edição Standard das Obras Completas.Rio de Janeiro:Imago Editora,1980,vol.I.

----- - "As neuro-psicoses de defesa", (1894), Edição Standard das Obras Completas.Rio de Janeiro:Imago Editora,1980,vol.II.

----- - "Charcot", (1893), Edição Standard das Obras Completas.Rio de Janeiro:Imago Editora,1980,vol.II.

----- - "Estudos sobre a Histeria", (1893-1895), Edição Standard das Obras Completas.Rio de Janeiro:Imago Editora,1980,vol.III.

----- - "A Etiologia da Histeria", (1895), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. III.

----- - "O Mecanismo Psíquico do Esquecimento ", (1898) Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. III.

----- - "Lembranças Encobridoras", (1899), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. III.

----- - "A Interpretação dos Sonhos" (1900), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vols. IV-V.

----- - "Tres Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade", Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. VII.

----- - "Delírios e Sonhos da Gradiva de Jensen", (1906-1907), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. IX.

----- - "Escritores Criativos e seus Devaneios", (1907-1908), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. IX.

----- - "Fantasias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade", (1908), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. IX.

----- - "Sobre as Teorias Sexuais das Crianças", (1908), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. IX.

----- - "Romances Familiares", (1909 [1908]) Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. IX.

----- - "Leonardo da Vinci e uma Lembrança de Infância", (1910), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XI.

----- - "Recordar, Repetir e Per-Elaborar", (1914), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XII.

----- - "Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental", (1911), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XII.

----- - "O Moisés de Michelangelo", Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XIII.

----- - "Totem e Tabu", (1913), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: vol. XIII.

----- - "O Inconsciente", (1915a), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XIV.

----- - "O Recalque", (1915b), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XIV.

----- - "Os Instintos e suas Vicissitudes", (1915c), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XIV.

----- - "Sobre o Narcisismo: uma introdução", (1915d), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XIV.

----- - "Luto e Melancolia", (1915e), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XIV.

----- - "Conferências Introdutórias sobre Psicanálise", (1915-1917), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XVI.

----- - "História de uma neurose infantil", Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XVII.

----- - "Uma criança é espancada", (1919), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XVII.

----- - "O Estranho", (1919), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XVII.

----- - "Além do Princípio do Prazer", (1920), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XVIII.

----- - "O Ego e o Id", (1923), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XIX.

----- - "Neurose e Psicose", (1924), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XIX.

----- - "O problema econômico do Masoquismo", (1924), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XIX.

----- - "A perda da realidade na neurose e psicose", (1924), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XIX.

----- - "A negativa", (1925), Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XIX.

----- - "Um Estudo Auto-Biográfico", (1925[1924]),  
Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago  
Editora, 1980, vol. XX.

----- - "Inibições, Sintomas e Ansiedade", (1927),  
Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago  
Editora, 1980, vol. XX.

----- - "O Futuro de uma Ilusão", (1927), Edição  
Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago  
Editora, 1980, vol. XXI.

----- - "O mal-estar na civilização", (1930), Edição  
Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago  
Editora, 1980, vol. XXI.

----- - "O Fetichismo", (1927), Edição Standard das  
Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1980, vol. XXI.

----- - "Análise Terminável e Interminável", (1937),  
Edição Standard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago  
Editora, 1980, vol. XXIII.

----- - "Construções em Análise", (1939), Edição Stan-  
dard das Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago  
Editora, 1980, vol. XXIII.

III- Obras Gerais

ALTHUSSER, LOUIS - "A Imensa Revolução Teórica de Marx", in "Estruturalismo", Prado Coelho (org.); Lisboa : Livraria Martins Fontes: 1975.

ARENDT, HANNA - "Da Condição Humana" - 2ª edição; Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

ARISTOTELES - Del Anima

PESSOA, FERNANDO - "O Livro do Desassossego" , 3ª edição, São Paulo; Editora Brasiliense, 1989.

----- - "Fausto Tragédia Subjetiva", 1ª edição, Lisboa; Editora Presença, 1988.

----- - "Seleção Poética", 1ª edição, Rio de Janeiro; Instituto Nacional do Livro.

BENJAMIN, WALTER - "A Imagem de Proust" in "Walter Benjamin", obras escolhidas - , São Paulo, Editora Brasiliense, 1985

----- - "O Narrador" in "Walter Benjamin", obras escolhidas - , São Paulo, Editora Brasiliense.

----- - "Sobre o Conceito de História" in "Walter Benjamin", obras escolhidas, São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

----- - "Sobre alguns temas em Baudelaire", in Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1975.

----- - "A Obra de Arte na época de suas técnicas de reprodução", in "Os Pensadores", São Paulo: Abril Cultural, 1975.

BERGSON, HENRI - "Materia e Memória", 1ª edição, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1990

----- - "Evolução Criadora" , Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1978



----- - "Os Pensadores, 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1984.

----- - "O Pensamento e o Movente", 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1984.

BIRMAN, JOEL - "Fantasma, Verdade e Realidade" 'In cadernos de psicanálise' Sociedade Psicologia Clínica do Rio de Janeiro ano 6, Nº 8 março de 1987.

----- - "Freud e a Interpretação Psicanalítica", Rio de Janeiro; Relume Dumará, 1991.

BRENTANO, FRANZ - Psicologia, Editora Schapire, Buenos Aires, s/d.

CANGUILHEM, GEORGES - "O Normal e o Patológico", Rio de Janeiro, Editora Forence Universitária, 1978.

CASTORIADIS, CORNELIUS - "A Instituição Imaginária da Sociedade", Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982

CHAUÍ, MARILENA - "Janela da Alma, Espelho do Mundo" 'In "O Olhar", Adauto Novaes (Org.) 2ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

----- - "Laços do Desejo" 'in "O Desejo", Adauto Novaes (org), São Paulo, Companhia das Letras; Funarte, 1990.

COSTA, JURANDIR FREIRE - "Psicanálise e Contexto Cultural", Rio de Janeiro, Campus, 1989.

DOR, JOEL - "Introdução à Leitura de Jacan", Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

DELEUZE, GILLES - "Filosofia Crítica de Kant", Lisboa, Edições 70.

----- - "Proust e os Signos", Rio de Janeiro, Forense

Universitária, 1987.

----- - "Lógica do Sentido", São  
Paulo, Perspectiva, 1974.

----- - "Diferença e Repetição", Rio de Janeiro, Graal,  
1973.

----- - "Sade-Masoch", Lisboa, Assírio-Alvim, 1973.

ELIADE, MIRCEA - "Mito e Realidade", São Paulo, Editora Perpecti-  
va S.A., 1972.

FERENCZI, SANDOR - "Escritos Psicanalíticos 1909-1913", Rio de  
Janeiro, Livraria Taurus Editora.

FERRATER, MORA JOSÉ - "Diccionario de Filosofia" Vol.IV, 4ª  
edição, Madrid, Alianza Editorial S.A., 1982.

FORRESTER, JOHN - "A Linguagem e as Origens da Psicanálise", Rio  
de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1983.

----- - "The Seductions of Psychoanalysis : Freud,  
Lacan and Dernda". Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

FOUCAULT, MICHEL - "História da Loucura", São Paulo, Editora  
Perspectiva, 1978.

- - "As palavras e as Coisas", São Paulo; Martins  
Fontes, 1981.

----- - "Microfísica do Poder", Rio de Janeiro, Edições  
Graal, 1982 3ª edição.

----- - "História da Sexualidade I", 6ª edição, Rio de  
Janeiro, Edições Graal, 1985.

----- - "História da Sexualidade II", Rio de Janeiro,  
Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, MICHEL - "Nietzsche, Frevo e Marx" in Theatron  
Philosophicum Editora Rés Limitada, Cadernos de Teória e conhe-  
cimento, Port 1975.

----- - "Nascimento da Clínica", 3ª edição, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.

----- "História da Sexualidade III", Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

GARCIA-ROZA, LUIZ ALFREDO - "O Mal Radical em Freud", 2ª edição, Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1990.

----- - "O Acaso e a Repetição", 2ª edição, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.

----- - "Introdução à Metapsico Lógica Freudiana", Vol 1, sobre as Afasias (1891); O projeto de 1895; 1ª edição, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

GIL, JOSÉ - "Corpo e Poder", Litoral Edições, Lisboa 1988.

----- - "Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações" Relógio d'Água Editora, Lisboa, 1985.

GREEN, ANDRÉ - "O Discurso Vivo : Uma Teoria Psicanalítica do Afeto", Rio de Janeiro, Fransico Alves, 1982.

HUME, DAVID - "A Treatise of Human Nature - Book", Jonh Noon, London, s/d.

KANT, EMMANUEL - "Critique de la Raison Pure" ( in Oeuvres Philosophiques, Vol 1", Editora Galimard, 1980.

----- "Textos Seletos", 2ª edição, Petropolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1985.

LACAN, JACQUES - "O Seminario : Livro 7 : A ética da Psicanálise", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.

LAPLANCHE, JEAN - "Vida e Morte em Psicanálise", Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

----- - "problemáticas III - A Sublimação", São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1989.

- - "Problemáticas I : Angústia", São Paulo, Livraria Martins Pontes Editora, 1987.
- - Pontalis J.B. - "Vocabulário de Psicanálise", 2ª edição, Santos, São Paulo Martins Fontes, 1975.
- - Pontalis J.B. - "Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
- LOPARIC, Z - "O Inconsciente", São Paulo, 1990.
- LYOTARD, JEAN FRANÇOIS - "O Inumano - Considerações Sobre o Tempo", Lisboa, Editorial Estampa, 1989.
- MATOS, OLGARIA - "Desejo de Evidência, Desejo de Vidência: Walter Benjamin" in "O Desejo" / Org. Aualto Novaes, São Paulo, Companhia das Letras, Funarte, 1990.
- NIETZSCHE, FRIEDRICH W. - "Humano, Demasiado Humano" in "Pensadores", 3ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- PIERCE, CHARLES - "Semiótica e Filosofia", São Paulo, Editora Cultrix Ltda, 1972.
- PLATÃO - "Diálogos : Mênon, Banquete, Fedro", 3ª edição, Porto Alegre, Editora Globo, 1954.
- PROUST, MARCEL - "Em Busca do Tempo Perdido", 6ª edição, Porto Alegre, Editora Globo, 1981.
- - "No Caminho de Swann", 8ª edição, 1983.
- - "A Sombra das Raparigas em Flor", 7ª edição, 1982.
- - "Sodoma e Gomorra", 5ª edição, 1981.
- - "A Prisioneira", 5ª edição, 1981.
- - "A Fugitiva", 1981.

- - "O Tempo Redescoberto", 6ª edição, 1981.
- ROSSET, CLEMENT - "Lógica do Pior", Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1989.
- SAINT AUGUSTIN - "Confessions", Paris, Editions de Flore, 1947.
- SARTRE, JEAN- PAUL - "A Imaginação", 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1987.
- SAURÍ, JORGE (ORG) - "Las Histerias", Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1975.
- STENGERS, ISABELLE E CHERTÓK, LEON - "O Coração e a Razão", Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.
- - "Quem Tem Medo da Ciência ?", Rio de Janeiro, Editora Siciliano, 1990.
- TRILLART, ETIENNE - "História da História", São Paulo, Escuta, 1991.
- TORT, MICHEL - "Le Concept Freudien de 'représentant'", 5 Ponctuation de Freud, nº 5, novembro dezembro 1966, Paris, Editions du Seuil, 1966.
- VERNANT, JEAN PIERRE e NAQUET, PIERRE - "Mito e Tragédia na Grécia Antiga", 2ª edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.
- VEYNE, PAUL - "Foucault Revolucionou a História" in "Como Escrever a História ?", Cadernos da UNB, 1982.
- VIDERMAN, SERGE - "La Construction de l'espace analytique", Paris, Gallimard, 1980.

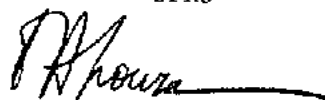
Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio pela aluna Amé-  
rica Adriana Benedikt, intitulada "Memória de Esquecimento: Uma Experiência  
de Tempo".



Dra. Anna Carolina Lo Bianco Clementino

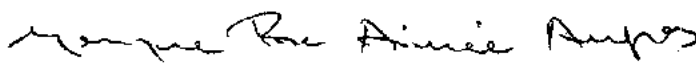
Profª Orientadora

UFRJ



Dr. Octávio Almeida de Souza

PUC/Rio



Dra. Monique Rose Aimée Augras

PUC/Rio

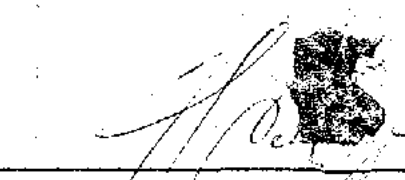


Dr. Joel Birman

UFRJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 24 de abril de 1992

  
Dra. Ana Maria Nicolaci-da-Costa  
Coordenadora dos Programas de  
Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas